

Dilza Pôrto Gonçalves

**A MEMÓRIA NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES ÉTNICAS:  
UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE “ALEMÃES” E “NEGROS” EM  
CANGUÇU**

Prof. Dr. René Gertz  
Orientador

Dissertação apresentada como requisito  
parcial para obtenção do grau de Mestre  
pelo Programa de Pós-Graduação de  
História, da Faculdade de Filosofia e  
Ciências Humanas da Pontifícia Univer-  
sidade Católica do Rio Grande do Sul

Porto Alegre

2008

Aos meus avós:  
Orânia Prestes Porto e  
Oswaldo Ferreira Porto (*in memoriam*)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar, o meu orientador, o Prof. Dr. René Gertz, pelas sugestões e orientações que contribuíram para o desenvolvimento dessa pesquisa. Sua paciência e segurança deram-me força nos momentos mais difíceis durante o processo de construção desse trabalho.

Aos professores do PPG em História da PUCRS, principalmente aqueles que mantive contato no decorrer do curso. Com ênfase, as aulas da Prof.<sup>a</sup> Dra. Núncia Santoro de Constantino, Prof.<sup>a</sup> Dra. Ruth Gauer e Prof. Dr. Charles Monteiro, pois suas discussões e sugestões foram importantes para construção desse trabalho.

Aos professores da UFPEL, que durante graduação e especialização, me instruíram e me orientaram me dando incentivo nas pesquisas em História. Agradeço principalmente às professoras doutoras Maria Letícia Mazzuchi Ferreira e Flávia Rieth, aos professores doutores José Plínio Fachel e Fábio Vergara Cerqueira, assim como ao doutorando Edgar Barbosa Neto.

Aos funcionários do PPGH/PUC, Carla e David que me auxiliaram nos momentos de dúvida e incertezas em relação à burocracia no decorrer do curso.

À Capes que me concedeu bolsa de estudos nos dois anos que cursei o mestrado.

Aos entrevistados, pois sem suas informações este trabalho não seria possível.

Ao mestre Enildo Moura Carvalho, que com suas discussões, leitura do texto e sua amizade que me fortaleceram nos momentos de dificuldade.

À minha família, principalmente, a minha mãe Regina Prestes Porto, aos meus irmãos Daniel P. Gonçalves Junior e Éderson P. Gonçalves e ao tio Virgílio Prestes Porto, pela confiança e por terem suportado a minha ausência e as justificativas de quando não ia vê-los.

À minha amiga Cristine Herzog, que me concedeu apoio e nunca deixou que desistisse da conclusão desse trabalho.

Ao meu amigo André Henriques, que dedicou horas de seu tempo pesquisando e elaborando o mapa anexo neste trabalho.

À minha colega e amiga prof.<sup>a</sup> Dra. Luzi Lene Flores Prompt pelas correções nos meus textos durante todo curso de mestrado.

À minha colega e amiga prof.<sup>a</sup> Andréa Fraga, que com suas sugestões, discussões e empréstimos de livros contribui muito para elucidar questões importantes.

Aos meus amigos Marcos Herzog, Gustavo Goulart e Daiane Neuztling pelas fotos que ilustram esse trabalho.

À todos amigos e colegas que de alguma forma contribuíram na elaboração deste trabalho e que não foram aqui citados.

## RESUMO

Neste trabalho, tenho como objetivo principal estudar as relações interétnicas, em Canguçu, Rio Grande do Sul, abordando questões referentes a identidades germânicas, diferenciando no interior do grupo denominado “alemães”, as categorias “pomeranos” e “alemães legítimos”. Ainda no contexto de pesquisa sobre identidade germânica, despertou-me interesse especial a Congregação Luterana Manuel do Rego, que integra a Igreja Evangélica Luterana do Brasil e, é composta por membros em sua maioria negros. Analiso a construção dos processos identitários a partir da contrastividade entre os grupos. Para isso, utilizei-me da metodologia de História Oral e de bibliografia referente a estudos de História Cultural, Antropologia e Sociologia.

Palavras chaves: identidade, etnia, história oral.

## **ABSTRACT**

In this work I have as the main objective to study the interethnic relations, in canguçu, Rio Grande do Sul. I deal with questions related to german identities. Therefore, the group "germans" was subdivided into: "pomeranians" and "real germans". Still in the context of the research about german identity, one aspect that has raised my attention was the lutheran congregation manuel do rego, which integrates the lutheran evangelical church from Brazil and mostly afrodescendent people compose it. I analyse the construction of these identity processes contrasting these groups. I used the methodology from oral history and from bibliography related to the cultural history, anthropology and sociology studies.

**Key-words:** identity, ethnic, oral history.

## Lista de ilustrações

Foto 1: Vista parcial da cidade. Foto de Marcos Herzog em 27/10/07

Foto 2: Vitrine de uma loja ressaltando a identidade pomerana dos moradores.

Foto 3: Vista da rua General Osório. Por Marcos Herzog em 17/10/2007.

Foto 4: Imagem do desfile das escolas municipais e estaduais em 07 de setembro de 2007.

Por Gustavo Goulart

Foto 5: Família Neutzling e amigos jogando cartas. Arquivo pessoal de Daiane Neutzling

Foto 6: *Koloniefest* em 25/06/07. Arquivo pessoal.

Foto 7: Banda Vibrason na *Koloniefest* em 25/06/07. Arquivo pessoal.

Foto 8: Frente da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, congregação Manuel do Rego, arquivo pessoal em 25 de julho de 2007.

Foto 9: Vista lateral da Igreja Evangélica Luterana do Brasil – Congregação Redentora da Solidez, arquivo pessoal, em 25/07/07.

Foto 10: Coral misto da Congregação Manuel do Rego, regente pastor Edgar Quandt. Foto do arquivo LEPARQ/UFPEL, por Marília Crosby

Foto 11: Coral masculino da Congregação Redentora, regente Carlos Lemke. Foto arquivo LEPARQ/UFPEL, por Marília Crosby

Mapa elaborado no Laboratório de Geoprocessamento da PUCRS por André Henriques, em fevereiro de 2008.

## Sumário

<b>1 – Introdução.....</b>	<b>9</b>
<b>2 - Canguçu e São Lourenço do Sul: histórias que se cruzam.....</b>	<b>18</b>
O olhar da pesquisadora.....	18
Conhecendo Canguçu.....	22
A história da colonização lusa em Canguçu.....	32
Os africanos no sul do Brasil.....	36
A fundação Colônia de São Lourenço do Sul: os germânicos na Região Sul....	43
Todos juntos, e agora?.....	50
<b>3 - “Os alemães”: o uso da memória na construção de identidades étnicas .....</b>	<b>53</b>
A imigração e o trabalho.....	55
A escola .....	58
A influência do nacionalismo alemão.....	60
O isolamento das colônias .....	62
A campanha de nacionalização.....	64
A religião.....	68
Uma construção literária.....	70
Memórias de família.....	73
<b>4 - “Negro é negro”: a construção de identidades quilombolas.....</b>	<b>94</b>
A história da Congregação Manuel do Rego.....	96
A associação de quilombolas Manuel do Rego.....	101
O contato com os <i>alemães</i> e <i>pomeranos</i> .....	104
As amizades.....	113
As festas, os namoros e os casamentos interétnicos.....	115
O trabalho.....	121
A construção de identidade étnica .....	126
<b>5 - Considerações finais.....</b>	<b>133</b>
<b>6 - Referências.....</b>	<b>137</b>



## Introdução

Neste trabalho, tenho como objetivo inicial analisar conflitos étnicos e formação de identidade envolvendo imigrantes alemães e seus descendentes em Canguçu, Rio Grande do Sul. Para isso, iniciei, em 2003, uma pesquisa sobre relações entre “alemães” e “brasileiros”, no curso de Especialização sobre Memória, Identidade e Cultura Material, na UFPEL.

Nesse contexto, de pesquisa sobre identidade germânica, despertou-me interesse especial a Congregação Luterana Manuel do Rego. Esta é composta por membros em sua maioria negros. A congregação integra a Igreja Evangélica Luterana do Brasil que, por muito tempo, foi conhecida como a “igreja dos alemães” (ao lado da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil).

Este trabalho, objetiva principalmente estudar as relações interétnicas subjacentes a essa realidade *sui generis*. Para isso, utilizei-me de bibliografia referente a estudos de História Cultural, Antropologia e Sociologia. Para justificar a relação bem próxima deste trabalho com a Antropologia, recorri aos estudos de História Cultural, pois Alleta Biersack<sup>1</sup> diz que

Cada qual a seu modo, a antropologia e a história têm canalizado as mesmas correntes intelectuais diversas provenientes da Europa. Cada campo, indiscriminado em suas origens, é hoje um reduto de fermentação teórica onde diversas tradições lutam pela hegemonia ou capitulam, cruzam-se e unem-se, e onde palavras e conceitos fundamentais são extremamente contestados. Esses conflitos provêem um solo fértil, a partir do qual cada disciplina, no momento, esforça-se por criar seu próprio futuro. Tributárias dos meus afluentes, alimentadas das mesmas forças intelectuais, a antropologia e a história vêm-se agora diante das mesmas possibilidades.

Percebo que a palavra da moda é a “interdisciplinaridade”, mas que as fronteiras das disciplinas, embora sejam tênues, resistem aos estudos interdisciplinares. Sabe-se que pesquisadores, mundialmente reconhecidos, há muito tempo vêm realizando pesquisas desta

---

<sup>1</sup> BIERSACK, Alletta. Saber local, história local: Geertz e além. IN: HUNT, Lynn. *Nova História Cultural*. Tradução Jefferson Luiz Camargo – 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 99.

forma, mas às vezes me parece que ainda existem, por parte, principalmente dos historiadores, dificuldades de aceitação do cruzamento entre áreas. Frequentemente, observam-se historiadores utilizando-se de conceitos da Antropologia ou da Sociologia, mas sempre buscando uma metodologia da História. Este trabalho, embora desenvolvido no âmbito de um programa de pós-graduação em História, busca uma interpretação através do conceito de cultura formulado por Clifford Geertz, que define:

assumo a cultura como sendo (...) teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície.<sup>2</sup>

A busca pelos “significados” tem movido meu interesse pelas relações interétnicas, por isso recorri à metodologia de História Oral. As entrevistas que forneceram esses dados foram realizadas, numa primeira fase, entre janeiro e março de 2004; e, na segunda fase, entre janeiro e outubro de 2007, nas casas dos depoentes, juntamente com suas famílias. Também foram utilizados fotos, livros, cartas e objetos, os quais favoreceram a rememoração dos depoentes.

Em 2004, entrevistei pessoas que tinham idade entre 64 e 82 anos, alemães ou descendentes, e ainda descendentes de pomeranos<sup>3</sup>; a maioria estudou até a 5ª série, mas detém um capital cultural significativo que não condiz com o nível de escolaridade, sendo que alguns falam dois ou três idiomas. Os entrevistados têm um nível socioeconômico médio. Em 2007, expandi um pouco a faixa etária dos entrevistados, conversei com pessoas mais jovens, com idades que variaram entre 17 e 84 anos, com condição econômica e social semelhante aos primeiros entrevistados em 2004.

Além de entrevistados que se reconheciam pertencendo ao grupo “alemães”, em 2007, entrevistei também pessoas que se reconhecem e são reconhecidos como “brasileiros” e “negros”, e que são de um grupo social e econômico menos favorecido que os “alemães”, mas que falam “pomerano” ou são membros da Congregação Luterana Manuel do Rego. As entrevistas de 2007 foram centradas nos moradores da localidade de Solidez, ou que falassem o “pomerano”, no entanto, todos tinham sido moradores da localidade. Também entrevistei o

---

<sup>2</sup> GEERTZ, C. *Interpretações da Cultura*. Rio de Janeiro. ZAHAR ED. 1978, p. 4.

<sup>3</sup> Sobre a diferença entre “alemães” e “pomeranos”, ver adiante.

pastor da Igreja Evangélica Luterana do Brasil que a atende às congregações Manuel do Rego e Redentora da Solidez. Todos os entrevistados desta segunda fase são luteranos, que pertencem a uma das congregações citadas.

Também entrevistei uma representante da Secretaria Municipal de Agricultura e o Secretário de Agricultura, sobre os investimentos que estão sendo realizados nessa área no município.

Nesta pesquisa, quando utilizo a História Oral como metodologia, estou pensando naquilo que Marieta Ferreira escreve sobre o assunto:

privilegia o estudo das representações e atribui um papel central às relações entre memória e história, buscando realizar uma discussão mais refinada dos usos políticos do passado. A subjetividade e as deformações do depoimento oral não são vistas como elementos negativos para o uso da história oral. A elaboração dos roteiros e a realização das entrevistas não estão essencialmente voltadas para a checagem das informações e apresentação dos elementos que possam se constituir em contraprova, de maneira a confirmar ou contestar os depoimentos obtidos. As distorções da memória podem revelar mais um recurso do que um problema, já que a veracidade dos depoimentos não é a preocupação central.<sup>4</sup>

Portanto, neste sentido não estou preocupada com a veracidade das informações, mas com aquilo que elas representam para o grupo estudado. A partir das memórias da comunidade, tento ver como se constroem as identidades étnicas. Quando uso a história oral como metodologia de pesquisa, tenho em mente que as pessoas recriam, mesmo que não a verbalizem em sua narrativa, a memória que está ancorada num lugar. Por isso, aparecem referências a espaços para compor a sua trajetória de sujeito numa memória social. Neste contexto, como pesquisadora, preciso estar atenta, porque dimensões de espaço e distância se alargam, surgem diferentes significados para as mesmas palavras, e o sujeito, ao evocar memória, revive acontecimentos, mas com uma interpretação do presente. Porque é do presente que ele está evocando o passado. Nas falas dos entrevistados, nada é fixo, e os espaços, principalmente as casas, são dotadas de significados.

Conforme Célia Lucena, nas interpretações das entrevistas, a casa tem uma complexidade que fornece imagens para a análise das representações do espaço abandonado e do espaço conquistado. A autora cita Bachelard segundo o qual “a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz, freqüentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos”. Acrescenta

---

<sup>4</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: um inventário das diferenças. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org). *Entre-vistas: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994, p. 8.

que “a casa possui o jeito da família (...). Pelo imaginário, fantasias e sonhos, as diversas moradas interpenetram-se e guardam os tesouros dos dias antigos. O depoente se apega aos objetos, que são transformados em tesouro, pois são dotados de significação”.<sup>5</sup>

Posso pensar a sociedade através de representações, que, segundo Roger Chartier, são forjadas pelos grupos e por eles próprios modeladas. As práticas que visam a reconhecer uma identidade social mostram uma maneira própria de estar no mundo e têm significado simbólico, um estatuto, uma posição. Para esse autor, a noção de representação permite articular três modalidades da mentalidade com o mundo social:

Em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto, uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças as quais uns ‘representantes’ (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade.<sup>6</sup>

Através de discursos com significados simbólicos dos sentidos e das práticas cotidianas, essas representações se fabricam e podem ser confundidas com o imaginário, e também mesclam objetividade e subjetividade, coletivo e individual, tudo isso construído pelos atores sociais. Devo levar em consideração as especificidades de espaço das práticas, que não são passivas, e estão sob influência da hierarquia e das divisões sociais.

Quando se trabalha com culturas construídas pela imigração, é recorrente que as pessoas construam identidades relacionadas à pátria que nunca conheceram. Para isso, é preciso recorrer a algumas memórias e esquecer outras. Assim como as lembranças são necessárias para a inserção do indivíduo num grupo social, muitas vezes os esquecimentos sobre momentos traumáticos também são construtores dessas identidades. Parafraçando Valter Benjamin, citado por Regina Silva,

é necessário resgatar do esquecimento aquilo que poderia fazer de nossa história uma outra história. É necessário que tomemos a memória e o esquecido com armas na luta para tirar do silêncio um passado que a história “oficial” enterrou, faz questão de escamotear (...). O resgate da centelha do passado, por que possamos acordar os mortos

---

<sup>5</sup> LUCENA, Célia. Tempo e espaço nas imagens das lembranças. IN: VON SIMSON, O. M. *Os desafios contemporâneos da história oral*. Campinas: Editora do Centro de Memória, 1997, p. 228.

<sup>6</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa: Difusão Editorial, 1988, p. 23.

e juntar os fragmentos, as ruínas, passa por uma reconstrução da experiência coletiva. Essa reconstrução é iniciada pela busca daquilo que denominamos memórias subterrâneas.<sup>7</sup>

O silêncio pode ser tão significativo quanto, ou mais, que uma palavra. As coisas não ditas ficam nas entrelinhas, nos suspiros, nas saudades ou nas memórias que eram para serem esquecidas. Para explicar isso, cito Michel Pollack, quando escreve:

a fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, (...) uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor.<sup>8</sup>

Mesmo que, na comunidade analisada, a maioria das pessoas não seja imigrante, na verdade essas pessoas são herdeiras de uma cultura da imigração, que reinventam uma pátria-mãe, que nunca conheceram, mas que está presente nas memórias coletivas. Neste sentido, Bela Feldman-Bianco diz que

ao focalizar as reminiscências e o cotidiano destes imigrantes, suas emoções, silêncios, gestos, pudemos de fato captar a dimensão humana da imigração e o significado da (re) invenção de tempos e espaços anteriores à emigração na (re) construção do “eu” fragmentado pelas mudanças dramáticas nas condições de suas existências.<sup>9</sup>

Neste trabalho, enfatizo o estudo sobre grupos étnicos e para isso utilizo o aporte teórico direcionado para o eixo etnicidade-memória. Nos estudos sobre identidade, são possíveis muitos caminhos, mas escolhi trabalhar a questão étnica a partir dos escritos de Friderich Barth<sup>10</sup>, Roberto Cardoso de Oliveira<sup>11</sup>, que têm em sua matriz teórica os estudos de Max Weber.

Neste sentido, grupos étnicos, na percepção de Max Weber,

---

<sup>7</sup> SILVA, Regina Helena Alves da. A construção da memória e as lembranças de moradores. IN: SIMSON, Olga Rodríguez de Moraes Von. *Os desafios contemporâneos da História Oral*. Campinas, CMU/UNICAMP, 1997, p. 249/250.

<sup>8</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol 2, n.3, 1989, p. 8.

<sup>9</sup> FELDMAN-BIANCO, Bela. *(Re) construindo a saudade portuguesa em vídeo: histórias orais, artefatos visuais e a tradução de códigos culturais na pesquisa etnográfica*. Campinas: ED.UNICAMP, p. 8.

<sup>10</sup> BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. IN: POUTIGNAT STREIFF-FENART, J. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: ed. da UNESP, 1998.

<sup>11</sup> OLIVEIRA, R. C. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.

são aqueles grupos humanos que, em virtude de lembranças de colonização e migração, nutrem uma crença subjetiva na procedência comum, de tal modo que esta se torna importante para propagação de relações comunitárias, sendo indiferente se existe ou não uma comunidade de sangue efetiva.<sup>12</sup>

Então, a partir da idéia de que “grupo étnico” é uma classificação subjetiva e precisa ser aceita pelos atores sociais envolvidos, descreve-se especialmente o grupo “alemães”. No contexto desta pesquisa, identifiquei como “alemães”, num primeiro momento, todos aqueles que se reconhecessem e fossem reconhecidos como imigrantes ou descendentes germânicos. Mas, ao aprofundar a pesquisa, percebi que dentro do grupo “alemães” existiam duas categorias distintas: o “alemão legítimo” e o “pomberano”.<sup>13</sup> Para entender essas representações, recorro a Barth, que diz:

Na medida em que os atores usam identidades étnicas para categorizar a si mesmos e outros, com objetivos de interação, eles formavam grupos étnicos neste sentido organizacional. As características que são levadas em consideração não são a soma das diferenças ‘objetivas’, mas somente aquelas que os próprios atores consideram significantes (...). Alguns traços culturais são utilizados pelos atores como sinais e emblemas de diferenças radicais são minimizadas e negadas.<sup>14</sup>

Desta maneira, quem é de fora do grupo reconhece como “os alemães” os imigrantes germânicos e seus descendentes, incluindo aí os pomeranos e seus descendentes. Mas ao observar o grupo mais de perto, percebe-se que os pomeranos são vistos como um grupo distinto dos “alemães legítimos”. Os “pomberanos” é um termo usado pelos depoentes para se referirem aos “pomeranos” ou descendentes, ou seja, àqueles que teriam migrado no século XIX da Pomerânia para o Brasil. Até a unificação da Alemanha, em 1871, a Pomerânia fazia parte do Império Romano Germânico, era uma região bastante pobre, e muitos pomeranos trabalhavam como servos no Império Germânico. Daí o sentido pejorativo que se dá ao “pomberano” no Brasil. Como nesta pesquisa se trabalha com representações, deve ficar claro que tanto os termos “alemão” quanto o “pomberano” ou “pomberano” precisam ser reconhecidos pelos entrevistados como identidades próprias ou dos outros. Então, “alemães” são aqueles que se reconhecem e são

---

<sup>12</sup> WEBER, M. Relações comunitárias étnicas. IN: WEBER, M. *Economia e Sociedade*. Volume 1. 4ª ed. Brasília: Ed. UNB, 2000, p. 270.

<sup>13</sup> Pomberano”: Os pomeranos, ou numa expressão êmica, ou seja, cunhada no interior do grupo nativo são aqueles que teriam vindo da Pomerânia e, por isso, falam o dialeto característico daquela região. Em Canguçu, ao se referirem aos pomeranos as pessoas usam o termo “pomberano”, mas não se conhece a origem desse termo.

<sup>14</sup> BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. IN: POUTIGNAT STREIFF-FENART, J. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: ed. da UNESP, 1998, p. 194.

reconhecidos como tais, que às vezes podem ser considerados “alemães legítimos” ou “pomberanos”. Os “pomberanos” são aqueles que dentro do grupo “alemães” se reconhecem e são reconhecidos como tais.

Num primeiro momento, o interesse pela pesquisa veio da resistência de alguns “alemães” de deixarem seus filhos casarem-se ou mesmo namorarem “brasileiros”. Depois de realizar algumas entrevistas, percebo que essas classificações, “alemães legítimos” e “pomberanos”, são subjetivas, e que os grupos se representam conforme suas necessidades. Neste complexo temático, também procuro identificar e analisar dentro do grupo “alemães” as relações de conflito entre “alemães legítimos” e “pomberanos”.

Mas ainda havia um outro problema, caracterizar os “brasileiros”. Para os “alemães”, os “brasileiros” eram aqueles que não tivessem descendência germânica ou italiana, ou pelo menos não se identificassem assim. Mas o “brasileiro” é branco e, na maioria das vezes, descendente luso, já que a região foi colonizada por lusos. Diz-se branco, porque os “afro-brasileiros” têm outra classificação, são chamados de “negros”. A expressão “negro” é usada como identificação étnica, porque é utilizada pelos grupos pesquisados e vai representar todos aqueles que se reconheçam e sejam reconhecidos como afro-brasileiros.

Ao trabalhar com processos identitários, é necessário recorrer à memória. E sobre o tema memória utilizei autores como Maurice Halbwachs<sup>15</sup>, Henri Bérghson<sup>16</sup>, David Lowental<sup>17</sup>, Fernando Catroga<sup>18</sup>, entre outros. Nesse estudo, parti da idéia de memória coletiva enfatizada por Halbwachs. Embora ainda de discuta a possibilidade de existir ou não uma memória coletiva, prefere-se pensar que na formação de identidades étnicas é preciso compartilhar memórias importantes para aquele grupo social. Neste sentido, para Lowental, “relembrar o passado é crucial para nosso sentido de identidade: saber o que fomos confirma o que somos. Nossa

---

<sup>15</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice Editora, 1990.

<sup>16</sup> BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. São Paulo. Martins Fontes. 1ª ed. 1990.

<sup>17</sup> LOWENTAL, David. Como conhecemos o passado. In: *Projeto História 17*, PUCSP: São Paulo, nov. 1998.

<sup>18</sup> CATROGA, Fernando. *Memória, História e Historiografia*. Coimbra, Quarteto, 2001.

continuidade depende inteiramente da memória; recordar experiências passadas nos liga aos nossos *selves* anteriores, por mais diferentes que tenhamos nos tornado”.<sup>19</sup>

A partir da idéia de que os sujeitos selecionam, escolhem aquilo que querem lembrar e esquecer, porque também é preciso escolher aquilo que convém esquecer (principalmente aquilo que se refere a momentos traumáticos relacionados à violência ou perseguição), pensa-se identidade étnica como uma construção de atores sociais que escolhem memórias para relembra e enfatizar características de um grupo. Neste sentido, pretendeu-se verificar quais foram as formas de manutenção dessa identidade e quais estratégias sociais foram sendo engendradas.

Nas entrevistas com os “alemães”, percebe-se uma relação por vezes conflituosa com os “brasileiros”, pois, para eles, os “brasileiros” são “preguiçosos e relaxados”, porque não dão importância à religião, à escola e ao trabalho. Os “alemães” enfatizam bastante a valorização do trabalho. Parece que isso está ligado a uma característica étnica. Para eles, “ser alemão” significa também “ser trabalhador”, enquanto “ser brasileiro” significa “ser preguiçoso”.

Para entender essas relações conflituosas, foi preciso recorrer a Roberto Cardoso de Oliveira, quando escreve sobre uma identidade contrastiva, ou seja, que o processo identitário também implica relações de oposição. Para o autor,

a identidade social surge como a atualização do processo de identificação e envolve a noção de grupo, particularmente a de grupo social. Porém, a identidade social não se descarta da identidade pessoal, pois esta também de algum modo é reflexo daquela (...). O conceito de identidade pessoal e social possui um conteúdo marcadamente reflexivo ou comunicativo, posto que supõe relações sociais tanto quanto um código de categorias destinado a orientar o desenvolvimento dessas relações. No âmbito das relações interétnicas este código se exprime como um sistema de oposições ou contrastes.(...) Quando uma pessoa ou um grupo se afirmam como tais, o fazem como meio de diferenciação em relação a alguma pessoa ou grupo que se defrontam. É uma identidade que surge por oposição. Ela não se afirma isoladamente.<sup>20</sup>

Neste sentido, os “alemães” precisam, para se formar como grupo identitário, destacar as diferenças do grupo com o qual têm mais contato, “os brasileiros”. Estes últimos também sentem a necessidade de identificação de grupo, por isso vão usar termos pejorativos para se referir aos “alemães”. É comum se ouvir dos “brasileiros” que os “alemães” são “frios, racistas e

---

<sup>19</sup> LOWENTAL, David. Como conhecemos o passado. In: *Projeto História* 17, PUCSP: São Paulo, nov. 1998, p. 83.

<sup>20</sup> OLIVEIRA, R. C. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976, p. 5.



que só pensam em ficar ricos”. Assim como também “aqueles alemães não têm sentimentos, são muito frios”. Desta maneira, o contraste fica claro neste tipo de construção de identidade étnica.e

Neste contexto, de construções identitárias a partir da contrastividade, analiso também “negros” que falam “pomerano” ou que fazem parte da Congregação da Igreja Evangélica Luterana, a Manuel do Rego. Além de entrevistar “negros” que falam “pomerano”, pesquisei um pouco sobre a história da Congregação Manuel do Rego. Transformando esses questionamentos no segundo tema principal deste trabalho.

No primeiro capítulo, os objetivos são mostrar como eu, pesquisadora, vejo o objeto de pesquisa, de onde eu vejo o objeto pesquisado, por isso faço uma descrição densa<sup>21</sup> do município de Canguçu. Descrevo um pouco a história da colonização lusa, sobre a história da escravidão africana na região e sobre a fundação da colônia de São Lourenço do Sul, de onde os moradores que se identificam como “alemães” são migrantes ou descendentes dos imigrantes germânicos.

No segundo capítulo, escrevo sobre as dificuldades enfrentadas durante a imigração dos colonos “alemães” para o Brasil, enfatizando as memórias da imigração como construtoras de identidades étnicas.

No terceiro e último capítulo, tento analisar os conflitos envolvendo outras etnias e verificar a persistência dos mesmos ou o residual, na contemporaneidade. Para isso, faço um estudo sobre a Congregação Manuel do Rego, associação de quilombolas e as relações dos “alemães” com os “negros”.

---

<sup>21</sup> Conceito de “descrição densa” formulado por Clifford Geertz. Para o autor “Etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante (...). O que define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma ‘descrição densa’, tomando emprestada uma noção de Gilbert Ryle” (1989, p. 4). “(...) a etnografia é uma descrição densa” (1989, p. 7). In: GEERTZ, Clifford. *Interpretações da Cultura*. Rio de Janeiro. Editora LTC, 1989.

## 2 - Canguçu e São Lourenço do Sul: histórias que se cruzam

### O olhar da pesquisadora

O mundo está rapidamente vivendo transformações. O presente está inquirindo a história, e isto está forçando o historiador a modificar seus objetos, buscar diferentes problemas, adotar novos métodos e interpretações. Assim, a História passa a ocupar cada vez mais espaço entre os pesquisadores. Segundo Jacques Le Goff, a nova história se formou a partir da relação da História com a Antropologia e a Sociologia. Para o autor, “a história tornou-se essencialmente uma história social, quer se queira admiti-lo quer não”.<sup>22</sup>

Para realizar este trabalho, no qual enfatizo as relações de “alemães” com outros grupos, em Canguçu, Rio Grande do Sul, busco “significados” a partir de estudos dentro da perspectiva da História Cultural. Desta maneira é necessário mostrar como construí meu objeto de pesquisa e de que “lugar” o estou observando. Os objetivos da História passam a ser culturais e, segundo Paul Veyne, “a história é uma atividade intelectual que, através de formas literárias consagradas, serve para fins de simples curiosidade”.<sup>23</sup> Segundo o autor, a historiografia seria reflexo da nossa situação e de nossos valores. Portanto, para Veyne, “a Historiografia tem dimensão social e papel ideológico”.<sup>24</sup>

Pretendo trabalhar com alguns conceitos que são relevantes para a pesquisa, como questões relacionadas ao tempo, à memória e suas relações com a História. Por que esses conceitos parecem importantes? Em primeiro lugar, porque o objeto da pesquisa está intimamente ligado à memória dos indivíduos, pois se usa como metodologia de pesquisa a História Oral, e a natureza dos conflitos parece vir do passado; em segundo lugar, já que se está escrevendo sobre o passado, também se faz necessário ver como o tempo pode ser trabalhado dentro da pesquisa histórica.

---

<sup>22</sup> LE GOFF, J.; ARIÉS, P.; CERTEAU, M.; LE ROY LADURIE, E.; VEYNE, P. *A nova história*. Lisboa: Ed. 70, 1983, p. 48

<sup>23</sup> VEYNE, Paul. *Como se escreve a História*. Lisboa: Ed. 70, 1987, p. 101.

<sup>24</sup> VEYNE, Paul. *Como se escreve a História*. Lisboa: Ed. 70, 1987, p. 94.

Ao pensar o tempo na memória, é impossível vê-lo como um tempo linear e cronológico, pois o tempo da lembrança, da rememoração, não é igual ao tempo efetivamente transcorrido. Assim, é possível pensar no que Ruth Gauer nos diz: “o tempo histórico não conseguiu ligar o tempo de forma absoluta às relações entre passado e presente”. Para a autora, “a frequência entre um fato e outro é impossível de ser ligada, há espaços impossíveis de serem detectados”.<sup>25</sup>

O tempo, segundo Norbert Elias, não é forjado pelo indivíduo, pois este não tem capacidade para isso. Para o autor, o tempo, “tal como a instituição social que lhe é inseparável, vai sendo assimilada pela criança à medida que ela cresce numa sociedade em que ambas as coisas são tidas como evidentes”.<sup>26</sup> Ele, ainda, acrescenta que, a criança vai se familiarizando com o “tempo”. Portanto, segundo Elias, o tempo é uma instituição social, não é um dado biológico, ligado à natureza humana, mas também não é um dado metafísico, pois, para ele, é “um aspecto da evolução social da estrutura de personalidade, que, como tal, torna-se parte integrante de cada um”.<sup>27</sup>

Já para Merleau Ponty, “o tempo não é um processo real, uma sucessão efetiva que me limitaria a registrar. Nasce de minha relação com as coisas”. O autor complementa essa idéia exemplificando o tempo e comparando-o a um rio:

as coisas mesmas, o futuro e o passado estão numa espécie de preexistência e sobrevivência eternas; a água que passará amanhã, está nesse momento em sua fonte, e a água que acaba de passar está um pouco mais abaixo, no vale. O que para mim é passado ou futuro, é presente no mundo.<sup>28</sup>

Quando se reflete sobre o tempo tem-se que ter consciência do momento em que se está vivendo, do espaço que se ocupa e que as percepções serão de acordo com os valores e conceitos do mundo no qual se está inserido. Aquela fixidez do mundo newtoniano perdeu lugar para a relatividade de Einstein, mas isso não aconteceu somente na Física. Hoje, nas Ciências Humanas, não se pode mais pensar em uma verdade absoluta. O pesquisador em História precisa saber que

---

<sup>25</sup> GAUER, Ruth; SILVA, Mozart Linhares da. *Tempo/História*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998, p. 22.

<sup>26</sup> ELIAS, Norbert. *Sobre o Tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 13.

<sup>27</sup> ELIAS, Norbert. *Sobre o Tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 119.

<sup>28</sup> RUIZ, Beatriz Hilda Grand (org.). *El tiempo en la Edad Moderna*. Buenos Aires: Clepsidra, 1987. Merleau-Ponty. p. 47.

trabalha com possibilidades de interpretação, ou seja, uma teoria ou “verdade” afirmada por ele, logo adiante, pode ser substituída ou transformada por uma nova teoria.

A velocidade em que se vive hoje não permite pensar em fixidez. As pessoas mudam de lugar e de idéias numa velocidade que não poderia ser imaginada na modernidade. E se as pessoas mudam, as teorias, pensamentos e ações também.

Na busca pela identificação de um grupo social, o indivíduo recorre a lembranças de lugares e objetos, presentes nas memórias e assim organiza seus referenciais identitários, pois a identidade é percebida, captada e construída e está em permanente transformação, isto é, enquanto processo. Alerta, então, que não existe uma identidade, mas identidades, que são múltiplas e flutuantes.

Na pós-modernidade<sup>29</sup>, diante das diversas definições que são atribuídas a este conceito, optei pela utilização de “pós-modernidade”, conforme Stuart Hall, pois o mundo globalizado tem apresentado novas perspectivas nas Ciências. O pesquisador, em Ciências Humanas, tem de estar aberto a novas idéias e a novos pensamentos. E ainda ter a certeza de que a sua pesquisa é uma das possibilidades de interpretação, que dela podem surgir outras probabilidades e possibilidades.

Assim, penso o tempo como algo que faz parte da evolução da sociedade e que cada sujeito internaliza a sua maneira de fazer e de viver seu próprio tempo. Ao relembrar, por exemplo, o sujeito presentifica o passado e traz à tona lembranças que lhe são relevantes, que podem ser apenas lembranças individuais ou aquelas que o identificam de alguma maneira a um grupo social.

Neste sentido, faço uma breve contextualização da minha experiência como moradora do município de Canguçu e um pouco das minhas identidades familiares.

Durante 27 anos fui moradora de Canguçu, onde nasci, passei a infância, a adolescência e iniciei a vida profissional como professora de História. Como nativa da cidade, tenho interpretação própria, de acordo com a minha formação e com os valores éticos e morais, sobre

---

<sup>29</sup> Refiro-me à idéia de pós-modernidade proposta por Stuart Hall, para se referir ao período pós-Segunda Guerra, Mundial e que coincide com as transformações sofridas pelo homem moderno simbolizado pelo Iluminismo. A pós-modernidade está relacionada à crise da modernidade e às mudanças geradas por esta. IN: HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

as relações étnicas desse lugar. Mas como pesquisadora, pude buscar outras interpretações e até mesmo desfazer alguns preconceitos.

Nascida em uma família com sobrenomes luso e espanhol, sempre ouvi minha avó materna dizer que éramos “italianos”, pois o avô dela tinha migrado da Itália para o Brasil, no final do século XIX. Estranhava isso, porque aparentemente tínhamos muito mais descendência lusa do que italiana, já que sabíamos de uma única ascendência italiana e que nem estava em nosso sobrenome. No entanto, reconhecia-me como “brasileira”, e acredito que assim também era reconhecida pelas outras pessoas. Ficava me questionando quando me perguntavam qual minha ascendência, por que precisava ser “alemã”, “italiana”, será que ser “brasileira” não bastava?

Já que a escolha do pesquisador é subjetiva, como os objetos a serem pesquisados, a minha escolha pelo objeto de pesquisa partiu da curiosidade gerada por algumas falas, que eu ouvia, como as que exemplifico a seguir: *eu não quero que minha neta namore com brasileiro*”; *“meu avô tem que aceitar nosso namoro*. Essas falas foram ditas por pessoas que se identificavam como “alemães”, e eram reconhecidas como tais. Quando ouvia essas frases, pensava: como assim “brasileiro”? “Alemão”? Isto me despertava curiosidade, pois, na minha concepção, essas falas eram de pessoas nascidas no Brasil, portanto, via-os como brasileiros. Para fazer essas escolhas, foi necessário estar consciente dessa subjetividade, já que para Edgar MORIN “não existem fatos puros”. Portanto, segundo o autor, “os fatos são impuros”. Então, “a atividade do cientista consiste numa operação de seleção dos fatos, eliminação dos que não são pertinentes, interessantes, quantificáveis, julgados contingentes”.<sup>30</sup>

Então, parti da idéia de que o pesquisador, ao definir um objeto de pesquisa, não pode esquecer em que lugar está no contexto do objeto. E o interesse pelo tema fez-me reportar a Paul Veyne, quando escreve que “a nossa pertença a um grupo nacional, social, familiar (...) pode fazer com que o passado desse grupo tenha para nós um atrativo particular (...)”<sup>31</sup>O contato com o grupo de “alemães” através de relações pessoais, sociais e profissionais fez-me refletir sobre essas identidades e refletir sobre minha própria identidade.

---

<sup>30</sup> MORIN, E. *Ciência com consciência*. Lisboa: Sintra Publicações Europa-América (1982). 1990, p.35.

<sup>31</sup> VEYNE, Paul. *Como se escreve a História*. Lisboa, ed. 70:1987, p. 95.

Robert Darnton alerta sobre os riscos que se corre, quando alguém se afasta dos métodos estabelecidos da História. Mas também sugere alguns conselhos ao historiador. Segundo ele, “o método antropológico da História tem um rigor próprio, mesmo quando possa parecer, a um cientista social tarimbado, suspeitosamente próximo da literatura”. Ainda diz que: “ao historiador, portanto, deveria ser possível descobrir a dimensão social do pensamento e extrair a significação dos documentos, passando do texto ao contexto e voltando ao primeiro, até abrir caminho através de um universo mental estranho”.<sup>32</sup>

Consciente, aceitei o risco de buscar significados e interpretações fora da história. Para isso, me reporto a Paul Veyne quando enfatiza que os objetivos da história não existiriam sem o historiador. Então, a partir de observações, estudos sobre imigração e identidade, fui elaborando os objetivos deste trabalho.

Neste primeiro capítulo, procuro fazer uma “descrição” do município de Canguçu, incluindo dados sobre população, economia, participação política e história da região. Já que a colonização de Canguçu é legada aos lusos, mas os estudos deste trabalho dão ênfase às identidades germânicas e negras, também é necessário conhecer as histórias da imigração germânica na região, daí o estudo sobre São Lourenço do Sul e dos africanos e afro-descendentes e a escravidão na região.

## **Conhecendo Canguçu**

Para entender essas relações interétnicas e os processos identitários envolvidos, é necessário conhecer um pouco sobre o município de Canguçu. O que faço a seguir é uma tentativa de “descrição densa” do município, incluindo dados sobre a população, a economia e a sociedade. Neste sentido Alleta Biersack, quando se refere à “descrição densa”, diz:

Geertz nos diz que a análise cultural implica uma ‘descrição densa’. Semanticamente, e não materialmente densa, a densidade da ‘densa descrição’ consiste em sua capacidade de diferenciar um reflexo insignificante, uma leve contração muscular ou um relance de olhos, por exemplo, de um recurso comunicativo conscientemente empregado, a

---

<sup>32</sup> DARNTON, Robert. *O Grande Massacre de Gatos e outros episódios da História Cultural*. Francesa. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 2ª ed., 1986, p. VI (introdução).

piscadela. A descrição densa examina o comportamento público em termos do que ele diz, não do que faz. 'Lê' o conteúdo simbólico da ação, interpretando-a como signo.<sup>33</sup>

A descrição que faço é influenciada pela minha vivência pessoal e familiar, já que nasci e passei boa parte da minha vida neste município.

Canguçu é um município de colonização lusa que foi emancipado há 150 anos. É caracterizado por possuir pequenas propriedades rurais que usam mão-de-obra familiar na produção agrícola. A cidade que é a sede do município tem uma população multiétnica. A economia está voltada para a produção agrícola, principalmente da cultura do tabaco nos últimos anos.

A cultura fumageira tem melhorado consideravelmente as condições econômicas dos agricultores. Com isso, houve um aumento no comércio e na prestação de serviços. Segundo alguns depoentes, também é evidente o crescimento econômico devido aos programas governamentais incentivando a agricultura familiar.

O município de Canguçu tem uma população total estimada em 52.245 habitantes<sup>34</sup>, sendo que aproximadamente 17.695 deles residem na cidade e 33.752 na área rural. Vejo, então, que o município caracteriza-se por ter uma população rural maior que a urbana. Esse é um dos motivos por que se pode ver em Canguçu um município mais rural que urbano, como aborda José Veiga<sup>35</sup>. Neste contexto, as fronteiras entre urbano e rural são tênues, e o rural não se opõe ao urbano, enquanto símbolo de modernidade. Para demonstrar isso, posso citar um exemplo: durante uma pesquisa na Internet sobre as localidades de Canguçu, principalmente sobre as coordenadas geográficas da Solidez, encontrei propaganda da oficina de conserto de aparelhos eletrônicos de Carlos Lemke, um dos entrevistados, e que se localiza na Solidez. Neste sentido, segundo Mara Lúcia Bernardelli, é preciso considerar que,

falamos de espaço, seja urbano ou rural, é necessário reforçar que este apresenta especificidades decorrentes de sua construção histórica, e daí ainda que se possa falar de mudanças, diversificação e modernização (de múltiplas ordens, na introdução de inovações tecnológicas, nas formas e relações de produção, nas relações de trabalho, no desenvolvimento das forças produtivas etc.), em perspectiva geral, é no plano singular

---

<sup>33</sup> BIERSACK, Aletta. Saber Local, história local: Geertz e além. IN: HUNT, Lynn (org). Nova História Cultural. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 100.

<sup>34</sup> Dados pesquisados no IBGE, Censo 2000.

<sup>35</sup> VEIGA, José Eli da. *Destinos da ruralidade no processo de globalização*. VIII Seminário da Rede Iberoamericana de Investidores sobre Globalização e Território (RII) – maio de 2004. [www.econ.fea.usp.br/zeeli/](http://www.econ.fea.usp.br/zeeli/)

que devemos mostrar as diferenças. Portanto, o que temos são novos elementos que resultam de transformações históricas no processo de produção do espaço.<sup>36</sup>

Ao pensar o espaço como uma construção histórica, vejo em Canguçu um espaço urbano que tem relações muito estreitas com o espaço rural. As atividades econômicas estão interligadas, o desenvolvimento agrário se reflete diretamente no comércio e na prestação de serviços. Além disso, o modo de vida dos habitantes não é muito diferente no espaço urbano ou rural, pois as relações sociais no espaço urbano ainda refletem vínculos de camaradagem e compadrio características do espaço rural. Posso exemplificar isso com uma cena que presenciei durante os dias em que estava escrevendo este capítulo. Ao passar numa rua próxima ao centro, no bairro conhecido como Vila do Prado, caracterizado por ser de classe média, encontrei, num terreno baldio, uma vaca amarrada, cena que seria bastante comum no espaço rural, mas de se estranhar perto do centro da cidade. No entanto, essa cena é bastante comum em Canguçu, pois lembro muito bem de “S. João”, morador da cidade, já falecido, que sustentou sua família ordenhando vacas que criava nos terrenos baldios ao redor do centro.

Observando o espaço físico, tenho uma visão que engloba facilmente o urbano e o rural, e que pode ser visto na foto a seguir, na qual tem-se uma vista parcial da cidade.

---

<sup>36</sup> BERNARDELLI, Maria Lúcia Falconi da Hora. *Contribuição ao debate sobre o urbano e rural*. In: SPOSETO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon. *Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural*. São Paulo: Expressão Popular, 2006, p.46/47.





Foto 1: Vista parcial da cidade. Foto de Marcos Herzog em 27/10/07

Ao estudar identidades em Canguçu, devo considerar, então, espaço urbano e rural muito próximos, não só por questões econômicas, mas também espaciais e culturais. O estudo de identidades num grande centro urbano é bastante diverso de uma pequena cidade do interior, onde urbano e rural muitas vezes se confundem e estão intimamente ligados. Mas também não posso dizer que os moradores de Canguçu vivem isolados do mundo globalizado e da tecnologia que esse mundo nos apresenta.

Embora sendo uma pequena cidade do interior do Rio Grande do Sul, é possível encontrar os signos da pós-modernidade. Muitas pessoas têm acesso ao mundo virtual. E assim como em qualquer lugar deste país, as pessoas têm contato com os acontecimentos do Brasil e do mundo. Quando me refiro à proximidade do urbano com o rural não estou excluindo os signos da

pós-modernidade, mas dizendo que as relações sociais e culturais são construídas a partir dessas proximidades e desses afastamentos.

Se observar a sede do município, vejo uma pequena cidade, que concentra a maior parte dos estabelecimentos comerciais na rua General Osório (conhecida como rua principal) e nas ruas adjacentes. Quase nunca distantes, mais de duas ou três quadras da rua principal. Hoje, o comércio local encontra-se em pleno desenvolvimento, devido ao desenvolvimento do meio rural, já que estão interligados. Algumas redes de supermercados, farmácias e lojas de móveis, de outras regiões do Estado estão colocando filiais na cidade, tendo em vista o desenvolvimento econômico da região. Existem muitos investimentos dos governos municipal, estadual e federal para agricultura familiar. Segundo informações da Secretaria Municipal de Agricultura, existem os seguintes investimentos direcionados para agricultura e pecuária no município:

- PRONAF (Programa Nacional de Agricultura Familiar): programa pelo qual as famílias que produzem em pequenas propriedades recebem investimentos do governo federal.

- PRODESA (Projetos de Apoio ao Desenvolvimento do Setor Agropecuário): projetos são enviadas à Caixa Econômica Federal, e recebem investimentos de recursos do Orçamento Geral da União. Projetos que receberam esse apoio: patrulhas mecanizadas, açudagem, entre outros.

- PROMEL – investimentos que beneficiam apicultores do município e que possibilitaram a criação da Casa do Mel.

- FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL: beneficia projetos de hortas comunitárias e horto florestal.

- MDA (Ministério do Desenvolvimento Agrário): realiza investimentos para a compra de veículos, pavilhões, abastecimento de água, produção de biodiesel e plantação de oleaginosas, implementos agrícolas, equipamento de informática.

- MAPA (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento): investe em projetos de desenvolvimento na pecuária e na agricultura.

- PACKING HOUSE: construção de um pavilhão no distrito industrial com apoio do Banco Mundial. Ainda não há nenhuma indústria no local, estão aguardando os trâmites da licitação. Já foi aberta uma licitação quando somente uma empresa se apresentou, mas não atendeu aos requisitos exigidos pela prefeitura.

- Projetos dos quilombolas já receberam apoio do programa RSRURAL (governo estadual) e da Fundação Palmares, apoiada pelo governo federal.

- Muitas residências rurais foram atendidas com o projeto “Luz para todos” do Ministério de Minas e Energia.

Além dos investimentos dos governos estaduais e federal, existem projetos regulares da Secretaria Municipal de Agricultura, tais como: patrulha agrícola, piscicultura, empréstimos de implementos, inseminação artificial, serviço de inspeção municipal, ovinocultura, integração agricultura e educação, atendimento veterinário e agrônomo, horta escolar, laboratório de controle de tuberculose e brucelose, troca-troca de sementes, açudagem, horto municipal, eletrificação rural, viticultura, assistência às associações comunitárias, crédito fundiário, apoio à Expofruti e repasse de enxertos.

Segundo o secretário municipal de agricultura em exercício, o senhor José Brockmam de Mattos, o orçamento municipal que era R\$ 3.600.000,00, três anos atrás, agora é de quase R\$ 50.000.000,00. Representando um crescimento econômico significativo no município, nos últimos anos. De acordo com informações da técnica-agrícola Maria Luciana Azevedo, representando a secretaria municipal de agricultura, esse desenvolvimento e apoio aos projetos deve-se à organização dos agricultores em associações. Luciana diz que, antigamente, os investimentos vinham através da Secretaria de Agricultura, para posteriormente serem repassados aos agricultores, mas hoje em dia isso não acontece mais. É necessário que os agricultores ou grupos se reúnam em associações, apresentem projetos para receberem diretamente os investimentos governamentais, não passando mais pela prefeitura. O trabalho da prefeitura agora é verificar a viabilidade dos projetos apresentados.

Os investimentos na zona rural em projetos agrícolas e pecuários têm conseqüência também no desenvolvimento econômico da zona urbana, pois é visível o crescimento dos estabelecimentos comerciais, tanto em número quanto em espaço físico e estoque dos estabelecimentos já existentes. Algumas vezes, ouvi pela cidade pessoas associando esse desenvolvimento aos descendentes germânicos. Em vista disso, é comum, nas fachadas da maioria dos estabelecimentos comerciais, observar o nome do local associado ao nome de família, principalmente se for de origem germânica. Muitas pessoas costumam dizer que se o estabelecimento é de um “alemão” com certeza vai progredir, já “que os colonos costumam comprar somente dos alemães”. Daí a importância do sobrenome do dono na fachada. Para se ter

uma idéia de como estas falas estão sendo marcantes, no dia 25 de julho de 2007, quando se comemorava o “Dia do Colono”, uma grande loja de roupas, cujo proprietário não é do município, enfeitou suas vitrines com a “história dos pomeranos”.



Foto 2: Vitrine de uma loja ressaltando a identidade pomerana dos moradores.

As propagandas do comércio local estão sendo direcionadas a um público rural. A foto a seguir foi feita num final de semana, por isso a rua parece estar calma, mas, durante os dias úteis, até as 17 horas, costuma ser bem movimentada. Após as 17 horas o movimento acalma, pois é o horário de partida da maioria dos ônibus para a zona rural.



Foto 3: Vista da rua General Osório. Por Marcos Herzog em 17/10/2007.

Muitas vezes, para se conseguir emprego no comércio local é necessário falar “alemão”, ou seja, o dialeto pomerano. Os comerciantes chegam a anunciar, em suas vitrines e nas rádios locais, a existência de vagas para atendentes que falem “alemão”. Isso porque muitos clientes preferem fazer suas compras falando o dialeto. Até bem pouco tempo atrás, as pessoas mais velhas, reconhecidas como “alemãs” só falavam o dialeto pomerano, mesmo tendo nascido no Brasil.

Até mesmo alguns partidos políticos parecem tirar proveito dessa idéia, que está bastante difundida pelo município, pois, no pleito eleitoral de 2004, procuravam candidatos “alemães” para comporem suas chapas. As pessoas diziam que o candidato do PT (Partido dos Trabalhadores) a prefeito da cidade (Dário Neutzling) poderia ser eleito porque era *alemão*, *se não fosse alemão não teria chance alguma*. Embora não tenha sido eleito, parecia que a única maneira de um partido de esquerda conseguir algum êxito nas eleições municipais era ter um

candidato *alemão*, porque, historicamente, somente dois partidos de direita disputavam em igualdade, o PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) e o PP (Partido Progressista). Nesse sentido, a seguinte citação de Giralda Seyferth pode ser útil:

Glazer e Moynihan (1975) também observam a eficácia da etnicidade no âmbito do estado de bem-estar social e em seu uso para obter vantagens políticas e econômicas em situações de desigualdade social. Mobilização e conflitos étnicos, para estes autores, têm a ver com as diferentes posições que os grupos étnicos ocupam na sociedade moderna. Consideram que a etnicidade é mais do que simples meio de obter vantagens, funcionando como um poderoso princípio organizador, na medida em que diferenças étnicas são mais irredutíveis. Como também observou Cohen (1974), nas situações onde a etnicidade é questão relevante, as categorizações étnicas não são conceitos neutros, mas símbolos que provocam fortes emoções. A etnicidade é eficiente como princípio organizador porque pode combinar os interesses individuais e grupais com a afetividade.<sup>37</sup>

Sob este aspecto, observei que a representação da etnia está sendo usada para ocupar espaços dentro do campo político e econômico. O fortalecimento da germanidade serve para ocupar espaços que eram restritos aos luso-brasileiros. Mesmo que “os alemães” estejam usando a etnia para ocupar espaços político e econômico, os principais cargos políticos ainda são ocupados por lusos. O vencedor das eleições municipais foi o PP (Partido Progressista), composto por maioria de descendentes lusos, herdeiros de políticos da antiga Arena e do PDS. Na câmara de vereadores, foram eleitos alguns vereadores que podem ser reconhecidos como “alemães”.

Até agora ressaltarei os espaços político e econômico, ocupados por descendentes lusos e germânicos, no entanto nada foi dito sobre os afro-descendentes. Por ser uma região de colonização lusa e por isso também de utilização de mão-de-obra escrava de africanos, no passado – explico isso logo a seguir – a população de “negros” era grande. No entanto, ainda não vejo nenhum “negro” sentado na cadeira de vereador e nem de prefeito. Os cargos políticos mais importantes não são ocupados por nenhum negro, são poucos os estabelecimentos comerciais em que o proprietário seja negro. No entanto, encontro muitos “negros” trabalhando como pedreiros, carregadores, ou seja, naquelas atividades que exigem força e pouca escolaridade. Até mesmo como atendentes em lojas são raras as pessoas reconhecidas como negras, mas na casa dos comerciantes pode-se encontrá-las como empregadas domésticas ou babás. Na zona rural, o

---

<sup>37</sup>SEYFERTH, G. *Pluralismo, Etnia e Representação Política*. IN: PALMEIRA, M; GOLDMAN, M. (org.) Antropologia, voto e representação política. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1996, p.119.

tamanho das propriedades e das casas de “negros” e “brancos” parece ser bem desigual. É mais fácil encontrar os “negros” como peões do que como proprietários.

É evidente a desigualdade social e econômica entre “alemães”, “pomeranos”, “lusobrasileiros” e “negros”. Por outro lado, para entender isso é preciso recorrer à história desses grupos e fazer uma análise que considere, além das questões étnicas, culturais, as oportunidades diferentes que os indivíduos e os grupos tiveram.

Interessante pensar neste contexto que, embora seja uma região predominante de colonizadores lusos, é comum ouvir frases do tipo: “os alemães já estão dominando tudo”; “os alemães são mais trabalhadores que os brasileiros”, “o desenvolvimento da cidade veio depois que alemães vieram pra cá”. Assim como se ouvem frases afirmativas sobre os alemães, as acusativas também são frequentes, tais como: “esses alemães racistas”, ou ainda: “aquele alemão só pensa em dinheiro”, entre outras.

Existem também acusações sobre os “brasileiros”, que são vistos como “preguiçosos”, “relaxados” que “não se importam com a escola das crianças e a igreja”; “esses brasileiros não gostam de trabalhar”, entre outras coisas. Ambos os grupos, “alemães” e “brasileiros”, contam piadas pejorativas sobre “negros”.

No entanto, na localidade de Solidez, primeiro distrito de Canguçu, é possível encontrar a congregação Manuel do Rego, que faz parte da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, por muitos considerada a igreja dos “alemães”. Além da congregação, existem em Canguçu algumas pessoas reconhecidas como negras que falam o “alemão”, ou seja, o dialeto “pomerano”. Algumas pessoas sugerem que “negros” e “alemães” são mais amigos entre si do que dos “brasileiros”.

A partir da resistência de alguns “alemães” de deixarem seus filhos e filhas namorarem com “brasileiros” e “brasileiras” e de que existem negros falando alemão, iniciei este trabalho. Questiono essa resistência, já que se parte do pressuposto de que todos nasceram no Brasil e que, embora se identificassem como “alemães”, eram filhos de terceira ou quarta geração de imigrantes germânicos. E se os “alemães” são racistas, como podem os “negros” falar “alemão”. O jogo de acusações é mútuo entre “alemães”, “brasileiros”, “negros” e “pomeranos”, o que me despertou o interesse ainda maior pela pesquisa.

A minha análise parte do princípio de que todos esses grupos acabam por se encontrar nos espaços de trabalho, lazer, igreja e escola. Os espaços de lazer em Canguçu são poucos. É na

rua General Osório – centro comercial – que os moradores urbanos do município se encontram nos finais de semana, já que “o calçadão” e o restaurante mais conhecido da cidade são os pontos de encontro dos moradores. Durante a semana, estes também são pontos de referência e espaço compartilhado entre os moradores da cidade e os do meio rural, pois é nas quadras próximas que se localizam os bancos, principais lojas, casa lotérica, câmara de vereadores, prefeitura, secretarias da administração municipal, entre outros. De segunda a sexta-feira, é comum encontrar pessoas lanchando sentados nos bancos do “calçadão” ou conversando com amigos e conhecidos.

No entanto, às sextas-feiras à noite, o mesmo espaço é ocupado por um público diferente, carros são estacionados nas quadras próximas, e os jovens escutam os sucessos do momento com as portas dos carros abertas. Os bancos da praça são ocupados por pessoas de todas as idades, que vêem o lugar como um espaço de lazer e divertimento. Nesse ambiente, é que a maioria dos jovens da cidade troca olhares, conversam e “ficam”. São poucas as opções de diversão para os jovens no município. Muitas festas ocorrem no espaço rural, onde jovens da cidade se encontram com os jovens do meio rural. As principais festas são os bailes, os jogos de futebol e encontros de jovens nas comunidades religiosas. Poucos eventos ocorrem no meio urbano, são muito mais frequentes os do meio rural. Os proprietários dos salões de baile no meio rural combinam em quais finais de semana promoverão suas festas para não coincidirem duas festas próximas no mesmo final de semana. A única opção de festa noturna regular na cidade é um baile que começa às 17 horas, para os grupos de terceira idade e que, após a meia-noite, é ocupado pelos jovens da cidade. Esse baile ocorre no Clube Esportivo Cruzeiro, próximo ao centro.

Para entender essas relações entre os grupos preciso recorrer às histórias dos municípios de Canguçu e São Lourenço do Sul, enfatizando a colonização lusa e a escravidão de africanos e afro-descendentes, e mais a imigração, dita como germânica na região.

## **A história da colonização lusa em Canguçu**



Embora a bibliografia sobre a história da colonização lusa em Canguçu seja escassa, utilizo-me dos escritos do historiador Cláudio Moreira Bento<sup>38</sup> para esclarecer algumas questões pertinentes a este trabalho. Por exemplo, como se deu o povoamento luso na região? Cláudio Moreira Bento diz que o marco significativo do povoamento luso foi 1783, com a Real Feitoria do Linho-cânhamo, mas antes disso houve o estabelecimento da estância de Luis Francisco Marques (1756-1762). A estância ficava entre o passo do Acampamento, no rio Piratini, e Vila Freire. Esta estância teria servido de base para milícias durante a expulsão dos espanhóis da Vila de Rio Grande e de outros conflitos na região. Na localidade em que se encontrava a estância, hoje, é conhecida como “Rincão dos Marques”, mas por muito tempo foi chamada de “Rincão dos Cravos”, no 4º Distrito, distante mais ou menos uns 50 quilômetros da sede do município.

Depois da ocupação da Vila de Rio Grande pelos espanhóis, em 1763, Canguçu passou a ser refúgio das pessoas que abandonaram a Vila. A região, segundo Bento,

logo após a expulsão espanhola e cerca até 1780, os povoadores de Pelotas e Canguçu dedicaram-se ao plantio de trigo. Com o estabelecimento das charqueadas em Pelotas, por volta de 1780, as atenções foram se voltando aos poucos para a pecuária extensiva, para o abastecimento da indústria saladeril pelotense”.<sup>39</sup>

O autor afirma ainda que “entre 1780 e 1800 houve apreciável migração de origem açoriana para Canguçu, das localidades arenosas de Estreito, Mostardas, São José do Norte e de Povo Novo”<sup>40</sup>, confirmando assim a origem lusa da colonização europeia em Canguçu.

Mas o marco do povoamento teria sido mesmo a Real Feitoria do Linho-cânhamo, pois esta teria sido fundada na localidade, hoje conhecida com Canguçu-Velho, e localizada a poucos quilômetros da sede municipal. Segundo o autor,

o local escolhido para a Real Feitoria foi uma área de cerca de 17.000 ha, incrustada na sesmaria que fora concedida, após 1780, ao capitão-mor e coronel de milícias Paulo Xavier Rodrigues Prates. A Real Feitoria estendia-se de Canguçu-Velho, no município

---

<sup>38</sup> BENTO, Cláudio Moreira. *Canguçu reencontro com a história: um exemplo de reconstituição de memória comunitária*. Porto Alegre, IEL, 1983.

<sup>39</sup> BENTO, Cláudio Moreira. *Canguçu reencontro com a história: um exemplo de reconstituição de memória comunitária*. Porto Alegre, IEL, 1983, p. 23.

<sup>40</sup> BENTO, Cláudio Moreira. *Canguçu reencontro com a história: um exemplo de reconstituição de memória comunitária*. Porto Alegre, IEL, 1983, p. 24.

de Canguçu atual, ao longo do vale do então arroio Canguçu, (atual Arroio Grande) até as proximidades da ilha de Canguçu, atual Feitoria, próximo de onde o Arroio Grande desemboca e onde possuía a sede de sua estância o capitão-mor Paulo Xavier Rodrigues Prates mencionado.<sup>41</sup>

O autor ainda ressalta que a Real Feitoria era muito produtiva e não entende por que foi transferida para São Leopoldo, em 1789. Para Bento, a explicação razoável seria a maior facilidade para escoar a produção. O que interessa, neste contexto, é que em 1783 já havia povoamento luso na região. Além disso, Cláudio Bento diz que “havia 44 escravos oriundos da Real Fazenda Santa Cruz, no Rio de Janeiro”.<sup>42</sup> Ainda relata sobre os filhos destes que nasceram em Canguçu-Velho, e mais 11 escravos e 27 escravas confiscados de um contrabando, que foram enviados para a Feitoria.

De acordo com essas informações, havia um número bastante expressivo de escravos na Real Feitoria. Isto me parece significativo, já que o distrito de Solidez – localidade que é objeto principal deste trabalho – não é muito distante da localidade que se chama Canguçu-Velho. Em tempos diferentes e de formas diferenciadas, muitos depoentes “alemães” também fazem referência a essa região. Dizem que seus pais ou avós migraram da Costa do Arroio Grande para Canguçu, ou seja, para os distritos de Solidez, Iguatemi, Posto Branco, Potreiro Grande entre outros, no interior do município de Canguçu.

Não existe comprovação de que os moradores de Solidez seriam descendentes dos escravos da Real Feitoria, mas me faz refletir sobre a presença negra na localidade. Desta forma não é difícil entender a presença de negros em Canguçu, já que a região foi colonizada por lusos que mantiveram a mão-de-obra escrava de africanos durante muitos anos. A historiografia sul-rio-grandense diz que os latifundiários criadores de gado utilizaram mão-de-obra escrava em suas fazendas. Segundo Dante Laytano<sup>43</sup>, em 1858 Canguçu tinha 7.429 habitantes com 2.453 escravos e 175 libertos.

---

<sup>41</sup> BENTO, Cláudio Moreira. *Canguçu reencontro com a história: um exemplo de reconstituição de memória comunitária*. Porto Alegre, IEL, 1983, p. 25.

<sup>42</sup> BENTO, Cláudio Moreira. *Canguçu reencontro com a história: um exemplo de reconstituição de memória comunitária*. Porto Alegre, IEL, 1983, p. 26.

<sup>43</sup> LAYTANO, Dante de. O negro no Rio Grande do Sul. In: *Estudos Ibero-americanos*. PUCRS. Porto Alegre, v. XXI, nº 1 (p. 120/160) p. 130.

Mario Maestri destaca que “o cativo esteve presente desde os primeiros momentos do sul luso-brasileiro, empregado nas mais diversas tarefas produtivas”.<sup>44</sup> Segundo o autor, “o caráter mercantil do sul lusitano ensejou que ele nascesse fortemente apoiado no esforço do trabalhador africano e afro-descendentes feitorizados”.<sup>45</sup> Desta forma, os escritos de Cláudio M. Bento e Mário Maestri se complementam e justificam a presença negra na região. Mario Maestri reforça que

nas vizinhanças do Rio Grande foram organizadas roças e plantações de centeio, de cevada, de ervilha, de feijão, de milho, de trigo, etc., sobretudo para o abastecimento da povoação. Os trigos sulinos alimentavam as guarnições da região e eram exportadas para o Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e Portugal.<sup>46</sup>

Segundo Cláudio Bento<sup>47</sup>, em 1799 140 moradores de Canguçu encaminharam um requerimento ao tenente-general do Continente do Rio Grande de São Pedro pedindo uma Capela Curada na região. Então, em 1º de janeiro de 1800, foi lançada a pedra fundamental da Igreja de Canguçu.

A seguir destaco alguns dados oficiais que marcam a emancipação de Canguçu e que são publicados por Bento<sup>48</sup>: em 31 de janeiro de 1812, D. João, príncipe regente de Portugal, criou a freguesia de Canguçu. E em 1830, quando Piratini foi elevada a Vila, Canguçu passou a fazer parte dela. A partir de junho de 1857, Canguçu foi elevado a município.

Durante os primeiros anos de povoamento, Canguçu recebeu basicamente imigrantes lusitanos ou luso-brasileiros e seus escravos africanos ou afro-descendentes. É possível encontrar alguns sobrenomes espanhóis, franceses ou de outras nacionalidades entre os moradores do município, mas predominam os lusos.

---

<sup>44</sup> MAESTRI, Mário. *O escravo no Rio Grande do Sul: trabalho, resistência e sociedade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006, p. 44.

<sup>45</sup> MAESTRI, Mário. *O escravo no Rio Grande do Sul: trabalho, resistência e sociedade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006, p. 45.

<sup>46</sup> MAESTRI, Mário. *O escravo no Rio Grande do Sul: trabalho, resistência e sociedade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006, p. 46.

<sup>47</sup> BENTO, Cláudio Moreira. *Canguçu reencontro com a história: um exemplo de reconstituição de memória comunitária*. Porto Alegre, IEL, 1983.

<sup>48</sup> BENTO, Cláudio Moreira. *Canguçu reencontro com a história: um exemplo de reconstituição de memória comunitária*. Porto Alegre, IEL, 1983.

Ao observar os dados sobre as primeiras câmaras municipais em Canguçu, durante o período imperial, percebo que estas eram formadas por integrantes com sobrenomes característicos lusos, o que não é de estranhar, pelo tipo de colonização na região.

### **Os africanos no sul do Brasil**

A colonização lusa no Rio Grande do Sul é marcada pela Fundação do Forte Jesus, Maria e José, em Rio Grande, em 1737. Segundo Ari Pedro Oro, a tropa do brigadeiro José da Silva Paes era “formada por 260 homens, havia escravos e negros libertos”.<sup>49</sup> Neste contexto, se a chegada dos lusos na região de Canguçu é oficializada a partir da fundação da Feitoria do Linho-cânhamo, a dos negros também é. Para entender o contexto da chegada dos africanos ao Brasil, é preciso lembrar que a cultura lusa sempre rejeitou o trabalho braçal. Este era reconhecido como algo para “gentes inferiores”. Por isso, durante o período de conquista do território brasileiro, o luso utilizou-se do trabalho escravo. Primeiro foi a escravização do indígena no sudeste e nordeste do Brasil e, posteriormente, a escravidão africana foi largamente utilizada na colonização.

Onde houve colonização lusa, entre os séculos XVI e XIX, é bem provável que existissem africanos ou indígenas escravizados, já que para os lusos “um homem livre que carregasse um pequeno pacote era motivo de chacota e desprezo”.<sup>50</sup> O mesmo autor enfatiza que “a posse de cativos era quase imprescindível para obter uma sesmaria”.<sup>51</sup> Isso também representa que o sesmeiro deveria ter algumas posses.

O indígena foi escravizado pelo luso, mas foi substituído pelo africano, já que parecia mais vantajoso. Mesmo durante a escravização africana, o indígena não deixou de ser escravizado, embora existissem muitos decretos proibindo a escravização dos indígenas. Mas em que contexto e por que os lusos resolveram substituir a mão-de-obra do indígena pelo africano?

---

<sup>49</sup> ORO, Ari Pedro. *Religiões Afro-brasileiras do Rio Grande do Sul: passado e presente*. IN: Estudos Afro-asiáticos, Ano 24, nº 2, 2002, 348.

<sup>50</sup> MAESTRI, Mário. *O escravo no Rio Grande do Sul: trabalho, resistência e sociedade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006, p.91.

<sup>51</sup> MAESTRI, Mário. *O escravo no Rio Grande do Sul: trabalho, resistência e sociedade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006, p.47.

Segundo Maestri, existem alguns fatores que motivaram essa substituição. Entre eles, o autor destaca que os nativos se rebelavam e atacavam vilas portuguesas, pois, diferente dos africanos, conheciam o território em que estavam. Já para os africanos a situação era bem mais complicada, pois desconheciam o território, e a diversidade lingüística e cultural dificultou ainda mais a resistência organizada. Como os portugueses mantinham feitorias na costa ocidental do continente africano, isso facilitava o comércio de escravos. Além disso, o desenvolvimento tecnológico naval facilitava o transporte de africanos para o Brasil.

Para se ter uma noção da importância do africano durante a ocupação do território, basta analisar os números apresentados por Décio Freitas. Segundo este autor,

o Brasil assinalou o recorde americano no tráfico de escravos, importando perto de 40% do total de nove milhões e quinhentos mil negros transportados para o Novo Mundo: nove vezes mais que os Estados Unidos (6%) e bem mais que o dobro da América Hispânica (18%), do Caribe inglês (17%) e do Caribe francês (17%). O Brasil foi o último país independente a abolir legalmente o tráfico.<sup>52</sup>

Isso mostra que muitos africanos, forçados a migrar para o Brasil, foram fundamentais para o povoamento, desenvolvimento econômico e, principalmente, cultural do Brasil. Foram mais de trezentos anos de exploração do trabalho escravo no Brasil, tanto indígena quanto africano nas mais diversas atividades econômicas.

Os colonizadores justificavam a escravidão do africano dizendo que estes já mantinham um regime escravista em seu continente. Mario Maestri se opõe a isso, pois, para o autor, a escravidão no continente africano era bem diferente do regime escravista e patriarcal adotado pelos europeus no Brasil Colonial. Sobre isso, destaco uma citação:

apesar dos agregados de uma família aldeã africana conhecerem subalternização socioeconômica, esse *status* jurídico não pode ser definido como escravidão colonial ou patriarcal. O *agregado* a uma família ampliada não podia ser vendido, a não ser em casos extraordinários. Mesmo em forma subordinada, ele participava efetivamente do grupo familiar. Sobretudo, o excedente de sua produção que entregava ao patriarca era delimitado pelo costume.<sup>53</sup>

---

<sup>52</sup> FREITAS, Décio. *O escravismo brasileiro*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991, p.11.

<sup>53</sup> MAESTRI, Mário. *O escravo no Rio Grande do Sul: trabalho, resistência e sociedade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006, p. 15.

A explicação que mais convence sobre a exploração do trabalho escravo nas Américas é a econômica, defendida por vários autores e reforçada por Maestri. Segundo o autor,

as razões da opção escravista foram históricas e econômicas. Os escravistas americanos, impossibilitados de monopolizar os mercados, aumentavam suas taxas de lucro diminuindo os custos de produção. De um ponto de vista mercantil, os produtores diretos deviam trabalhar sem cessar e receber ínfimas contribuições. Para ser rentável, a exploração do Novo Mundo exigia alta taxa de exploração.<sup>54</sup>

Além disso, há escassez de mão-obra branca, já que camponeses livres não viriam para o novo mundo trabalhar em condições piores das que viviam na Europa. Também é preciso reforçar que as terras devolutas por aqui eram abundantes, e os camponeses que vinham queriam ser proprietários. É do conhecimento da maioria dos historiadores que os imigrantes lusos que vieram para o Brasil tinham origem nobre. Neste contexto, é bom lembrar que a nobreza desprezava o trabalho braçal. Então, “onde a terra é livre, tem-se que escravizar o trabalho”.<sup>55</sup>

O trabalho escravo por si só é desumano, ainda mais quando as condições de transporte são as piores possíveis. Era nos navios negreiros, também conhecidos como tumbeiros – não é por acaso que eram reconhecidos assim – que os africanos eram transportados para a colônia portuguesa na América. Milhares de africanos morreram no momento da travessia, pois vinham acorrentados em porões e sem poderem nem mesmo chegar às latrinas infectas, para fazerem suas necessidades fisiológicas, facilitando assim a proliferação de doenças e conseqüentemente causando mortes.

Muitos historiadores têm discordado naquilo que se refere ao tratamento que os senhores davam aos seus escravos. Alguns amenizam os conflitos chegando a dizer que o senhor não maltrataria seus cativos por serem valiosos. No entanto, outro grupo de historiadores enfatiza justamente os horrores da escravidão, como o trabalho forçado, a prisão e as torturas.

Zilá Bernd e Margaret Bakos escrevem sobre a presença de escravos negros no Rio Grande, destacam o trabalho na Feitoria do Linho-cânhamo, primeiro em Canguçu e, posteriormente, em São Leopoldo:

---

<sup>54</sup> MAESTRI, Mário. *O escravo no Rio Grande do Sul: trabalho, resistência e sociedade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006, p. 25.

<sup>55</sup> MAESTRI, Mário. *O escravo no Rio Grande do Sul: trabalho, resistência e sociedade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006, p. 25.

Os contingentes de escravos vieram para trabalhar na plantação de linho-cânhamo que não foi bem sucedida. Essa atividade começou em Canguçu (...). Posteriormente, transferiu-se para a área de São Leopoldo atual, às margens do rio dos Sinos (...). O objetivo primordial era fornecer a matéria-prima necessária para o fabrico de cordas e velame dos navios portugueses (...). Os escravos negros da Feitoria trabalhavam infatigavelmente, conforme documentos do período insurgindo-se inúmeras vezes contra essa situação (...).<sup>56</sup>

As autoras mostram que, desde os primórdios da colonização lusa, os negros eram usados como mão-obra, e o trabalho forçado fez com que se revoltassem. Mais adiante, lembram que a escravidão era proibida em regiões de colonização alemã, por isso os escravos da Real Feitoria teriam sido levados para o Rio de Janeiro. No entanto, não foi proibida a entrada de escravos novos comprados pelos colonos. Mas, no terceiro capítulo, vou me deter na presença de negros nas regiões de colonização alemã e dar exemplos.

Neste trabalho, no entanto, pretendo mostrar resumidamente os contatos dos africanos com os luso-brasileiros e os imigrantes germânicos no sul do Brasil. Para isso, recorro aos estudos sobre escravismo no Rio Grande do Sul. A chegada de africanos ao Brasil meridional se deu através da colonização lusa. Mas havia dois tipos de escravos, que, segundo Mario Maestri, eram caracterizados assim:

Os cativos que ingressavam no Rio Grande do Sul nos séculos 18 e 19 eram cativos *novos* ou *crioulos*. Segundo a definição da época, *crioulo* era o cativo nascido no Brasil. Os chegados recentemente da África eram denominados de *novos* ou de *nação*. O africano escravizado era também denominado de *boçal*. Após viver algum tempo no Brasil, aprender uma profissão ou uma função, e conseguir se expressar, bem ou mal, em português, o cativo passava a ser chamado de *ladino*. O cativo crioulo ou ladino possuidor de um ofício alcançava preço superior ao cativo novo ou sem habilidade.<sup>57</sup>

Os cativos no Rio Grande do Sul tiveram origens diversas no continente africano, mas a maioria dos pesquisadores indica que teriam sido trazidos de Angola ou da Costa da Mina, atual Gana. Como na chegada ao Brasil eram registrados somente com um nome ou do porto que eram embarcados, dificulta fazer a genealogia dessas famílias. Vejo uma diversidade lingüística e cultural, daí a origem cultural diversa das religiões e culturas afro-brasileiras presentes no Rio Grande do Sul. Segundo Paulo Moreira,

---

<sup>56</sup> BERND, Zilá; BAKOS, Margaret. *O Negro: consciência e trabalho*. Porto alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1991, 42.

<sup>57</sup> MAESTRI, Mário. *O escravo no Rio Grande do Sul: trabalho, resistência e sociedade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006, p. 52 e 53.

Muitos desses indivíduos, arrancados muito cedo de suas culturas e misturados com outras ‘nações’ africanas nos navios e senzalas, reinventaram suas identidades étnicas ao longo desses processos, em contato com seus companheiros de infortúnio (malungos), seus senhores e outros cativos nascidos, já em terras brasileiras (os crioulos). Daí talvez o fato de a maioria dos cativos, quando dizerem sua origem usarem as palavras ‘da África’, ‘da Costa’, de ‘Nação’, portanto uma identidade construída ao longo do processo de escravização (captura, viagem transatlântica e adaptação ao cativo), e uma importante diferenciação interna da comunidade negra tinha sido entre os crioulos (nascidos no Brasil) e de Nação<sup>58</sup>.

Flávio Gomes, ao analisar as construções identitárias de afro-brasileiros, diz que:

Trata-se de um movimento transnacional, onde tais construções identitárias eram informadas pelos contextos urbanos e não apenas como fruto de supostas heranças africanas sem mudanças. Cabindas, angolas, congos, minas e outras tantas classificações de identidades étnicas eram diferentes entre si, em contextos rurais e urbanos em partes diversas do Brasil e das Américas. Um “nagô” em Porto Alegre era diferente daquele de Salvador, a despeito da migração interna deles. Assim seria com os “minas” do Rio de Janeiro e os de São Luís.<sup>59</sup>

Portanto, ao estudar a história ou os processos identitários de “negros”, devo considerar a diversidade étnica e cultural. Também é preciso considerar as diferenças nos contextos urbano e rural como fatores importantes na construção dessas identidades.

Com relação ao trabalho, é importante ressaltar que africanos e descendentes escravizados participaram das mais diversas atividades econômicas. Além das atividades ligadas à pecuária, também foram responsáveis pelo trabalho nas chácaras destinadas à agricultura, próximas aos centros urbanos. Sobre as atividades exercidas pelos cativos, Mário Maestri descreve:

Sobretudo as mais ricas fazendas de criação comportavam tarefas que eram quase monopólio servil. Era difícil que não possuíssem uma plantação de subsistência – abóbora, batata-doce, cana-de-açúcar, feijão, mandioca, melancia, milho, moganga, trigo, etc. – onde trabalhavam quase exclusivamente cativos. O beneficiamento dos cereais; a pequena produção de charque; o preparo da farinha; a conservação dos caminhos; as taipas em pedra; o abastecimento em água e lenha; o fabrico de tecidos rústicos, de sapatos, de velas de sebo, de artefatos em couro; o serviço doméstico; o trabalho de carreteiro etc., eram atividades sobretudo dos cativos. Porém, além de trabalhar nas atividades mais penosas, o cativo ocupava-se comumente

---

<sup>58</sup> MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. Os cativos e os Homens de bem: experiências negras no espaço urbano. Porto Alegre 1858 – 1888. Porto Alegre: EST Edições, 2003, p. 190.

<sup>59</sup> GOMES, Flávio. História e historiografia da escravidão no Brasil: identidades, caminhos e percursos. In: Educação - Africanidades – Brasil. Brasília: MEC, 2006, p.115.



como campeiro. A documentação arquivada arrola em forma sistemática trabalhadores escravizados como tal.<sup>60</sup>

Mas, além da diversidade étnica e cultural, os africanos e descendentes vivenciaram experiências bastante diversas também no mundo do trabalho, assim como tiveram contatos com outros grupos com condições de trabalho semelhantes as deles. Sobre isso Flávio Gomes escreve:

já no século XVII, seiscentos, índios aldeados e africanos dividiam as mesmas e péssimas condições de trabalho das unidades do açúcar colonial. Não seria diferente do último quartel do século XIX, quando crioulos escravos – filhos dos africanos aqui nascidos – e imigrantes europeus, principalmente italianos e portugueses compartilharam (com as devidas especificidades, é bom destacar) da dureza da labuta e da intolerância de fazendeiros nas áreas cafeeiras, com dietas alimentares, condições de moradia e cotidiano muito semelhantes (...). Africanos escravizados, sem dúvida, formaram a base desta classe trabalhadora – sem rosto e sem forma – como ainda insistem em dizer alguns manuais. Por detrás dessa coisificação jurídica e social, milhões de africanos redefiniram identidades, os mundos e a cultura do trabalho.<sup>61</sup>

É inegável a importância do trabalho de africanos e descendentes para o desenvolvimento desse país. No entanto, sua história e sua cultura foram silenciadas por muito tempo, pois são recentes os trabalhos sobre a história e a cultura dos afro-brasileiros. Até mesmo no ensino de História nas escolas, tiveram um pequeno espaço, quase sempre restrito à história da escravidão. Muito pouco se tratava sobre cultura e resistência.

Assim como era comum encontrar o trabalhador escravizado, também eram recorrentes suas tentativas de fugir dessa condição. Por isso, é possível encontrar inúmeras citações sobre quilombos no Rio Grande do Sul. Pelotas, Piratini e Cachoeira do Sul foram importantes centros escravistas, portanto seus arredores também foram locais de fuga e esconderijo dos cativos. A Serra dos Tapes muitas vezes serviu de refúgio aos escravos evadidos de Pelotas e Rio Grande. Essas informações por si só explicariam a presença negra em Canguçu, mas também não posso esquecer que os colonizadores da cidade também tiveram seus escravos.

Nos estudos sobre a resistência à escravidão, principalmente sobre os quilombos, Flávio Gomes diz que até a década de 80 era comum a imagem de quilombo estar associada ao isolamento. Mas segundo o autor,

---

<sup>60</sup> MAESTRI, Mário. *O escravo no Rio Grande do Sul: trabalho, resistência e sociedade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006, p.75.

<sup>61</sup> GOMES, Flávio. *História e historiografia da escravidão no Brasil: identidades, caminhos e percursos*. IN: Educação – Africanidades – Brasil. Brasília: MEC, 2006, p.116.

estudos mais recentes têm destacado a mobilidade e principalmente a articulação de mocambos e quilombos com vários setores da sociedade envolvente. Era justamente autoridades de fazendeiros.<sup>62</sup>

Neste sentido percebo que houve contatos entre os aquilombados e as populações próximas. Através dessas relações foi possível a sobrevivência de muitos grupos, pois se mantiveram articulados fazendo alianças e negociações que também influenciaram a construção de suas identidades. Além disso, Flavio Gomes destaca que houve vários tipos de aquilombamentos, tais como:

comunidades independentes com atividades camponesas integradas à economia local; existia o aquilombamento caracterizado pelo protesto reivindicatório dos escravos para com seus senhores; e havia os pequenos grupos de fugitivos que se dedicavam a razias e assaltos às fazendas e povoados próximos.<sup>63</sup>

Após a abolição e durante o século XX, foi sendo construído um novo sentido para quilombo. Hoje a expressão quilombola não significa só remanescentes de quilombos de resistência e luta, mas também de territórios que foram sendo construídos pós-abolição. Essas comunidades remanescentes são caracterizadas por Flávio Gomes:

Este campesinato negro e mestiço formou-se a partir

- dos próprios quilombos – independente de tamanho – com suas especificidades regionais e articulações econômicas locais.
- Das comunidades de fugitivos de índios aldeados (refugiados de aldeamentos religiosos e leigos).
- Das comunidades camponesas formadas por setores sociais de homens livres, pobres, “marginalizados” ou “desclassificados”, como os desertores militares.
- Das atividades econômicas de roceiros, gestadas a partir das economias próprias dos escravos (o tempo e roças destinadas aos escravos por seus próprios senhores para que garantissem/providenciassem seu próprio sustento).
- Da formação de setores camponeses de lavradores pobres – homens livres – nas áreas não voltadas para agro-exportação.

As comunidades negras rurais surgiram, além dos quilombos, de formas de ocupação seculares e também de doações de terras para libertos durante a escravidão e no pós-abolição. Outro processo histórico a ser considerado foi o movimento de migração de famílias negras e a ocupação de terras nas últimas décadas da escravidão.<sup>64</sup>

---

<sup>62</sup> GOMES, Flávio. *Quilombos e mocambos: camponeses e a experiência do protesto coletivo no Brasil escravista*. In: Educação - Africanidades – Brasil. Brasília: MEC, 2006, p.123.

<sup>63</sup> GOMES, Flávio. *Quilombos e mocambos: camponeses e a experiência do protesto coletivo no Brasil escravista*. In: Educação - Africanidades – Brasil. Brasília: MEC, 2006, p.124.

<sup>64</sup> GOMES, Flávio. *Quilombos e mocambos: camponeses e a experiência do protesto coletivo no Brasil escravista*. IN: Educação - Africanidades – Brasil. Brasília: MEC, p.128.

Considerarei importante a caracterização de Flávio Gomes, porque não se sabe o contexto exato da ocupação dos “negros” na localidade de Solidez. Essa ocupação pode estar associada a uma das formas citadas por Gomes, pois se observa que na localidade existe um grande número de “negros” e “pomeranos” que, ao longo de suas trajetórias, foram articulando espaços de convivência e construindo suas identidades.

O termo “remanescente de quilombo” é reconhecido desde a Constituição de 1988, e hoje, no Brasil, podem-se encontrar vários grupos assim reconhecidos. Sobre esse processo de construção de identidade quilombola na localidade de Solidez, a partir da Congregação Manuel do Rego, escrevo o terceiro capítulo.

Como o objetivo principal deste trabalho é o estudo das relações interétnicas, é necessário estudar a história dos “pomeranos” que residem na Solidez. Em seguida da criação do município de Canguçu, ou seja, em 1858, foi fundada a colônia de São Lourenço do Sul, por Jacob Rheigantz. A seguir faço um breve resumo sobre a história dessa colônia, para tentar explicar a presença de alemães na região.

### **A fundação da Colônia de São Lourenço do Sul: os germânicos na Região Sul**

Se foi preciso contextualizar a história “lusa” e “africana” de Canguçu, se faz também necessário conhecer um pouco da história germânica e, para isso, conto a história de São Lourenço do Sul, município limítrofe. De São Lourenço do Sul teriam migrado os “alemães” residentes em Canguçu e que também são objetos desta pesquisa.

Antes de conhecer um pouco da história da imigração germânica para São Lourenço do Sul, é necessário analisar o contexto imigratório do Rio Grande do Sul. A colonização alemã no Estado, iniciou, oficialmente, no atual município de São Leopoldo, em 1824, com a chegada de algumas famílias de imigrantes. A partir desse momento, chegaram vários grupos de origem germânica, que se instalaram em diferentes localidades. A princípio, a imigração no Rio Grande do Sul servia como estratégia do governo imperial, pois precisava acabar com a hegemonia dos fazendeiros luso-brasileiros. Neste contexto, propagava-se a idéia de progresso baseado no trabalho livre, principalmente do branco europeu.

Os imigrantes que chegaram ao Rio Grande do Sul vieram para atender aos interesses do governo central e, por ele, foram patrocinados. De acordo com PESAVENTO, “o interesse do governo era ocupar o território, abrir estradas e formar núcleos de subsistência”.<sup>65</sup> A partir de 1834, a responsabilidade de colonizar foi transferida para as províncias e, em 1874, foi retomada pelo governo central. Nesse sentido, o imigrante no Rio Grande do Sul não veio substituir a mão-de-obra escrava e sim trabalhar para si, como pequeno proprietário. Mas no Rio Grande, durante a Guerra dos Farrapos (1835-1845), a imigração esteve praticamente interrompida, mas logo foi retomada pelo governo imperial.

As autoridades e políticos viam no trabalho livre do imigrante europeu perspectivas de maiores lucros, como Lucy Hutter e Arlinda Nogueira demonstram através da idéia de Jerônimo Coelho que "defendia a introdução do imigrante, alegando ser o único recurso que restava à Província rio-grandense em benefício da indústria agrícola do país".<sup>66</sup> Além disso, viam na imigração européia a possibilidade de povoar a província, ampliar a produção de gêneros alimentícios, reduzindo assim o custo de vida e, ainda, percebiam a probabilidade de valorização das terras, através da especulação.

Sugiro, nesse processo de imigração européia para o Brasil, analisar a situação política dos países europeus em meados do século XIX. A Alemanha estava se consolidando como Estado Nacional, passava por uma crise política motivada por uma série de movimentos revolucionários. Sobre isso, Emilio WILLENS afirma que:

a maioria dos imigrantes de origem germânica que emigraram para o Brasil eram do Sul e Sudoeste da Alemanha, onde a fome forçava-os a emigrar, tornando-os presa fácil de agentes estrangeiros. Independentemente desses fatos intermitentes, os sítios e chácaras eram de tal maneira retalhados, que mesmo em épocas boas não comportavam mais o número de pessoas que deles procuravam manter-se.<sup>67</sup>

---

<sup>65</sup> PESAVENTO, S. J. *Emergência dos subalternos*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS: FAPERGS, 1989, p. 17.

<sup>66</sup> HUTTER, Lucy. M. ; NOGUEIRA, Arlinda. R. *A colonização em São Pedro do Rio Grande do Sul, durante o Império (1824-1889)*. Porto Alegre: Garatuja, 1975, p. 17.

<sup>67</sup> LANDO, Aldair Marli; BARROS, Eliane Cruxêm. *A colonização alemã no Rio Grande do Sul: uma interpretação sociológica*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1976, p.13.

Com as tentativas de unificação lideradas pela burguesia e iniciadas com a união aduaneira, o *Zollverein*, em 1834, que permitia a livre circulação de mercadorias entre as unidades independentes, a burguesia começava a promover o desenvolvimento industrial. Assim,

só progridem as empresas suficientemente fortes para dispensar uma quantia de seus recursos à criação de laboratórios, à investigação, à experimentação; as que por falta de recurso não podem agir assim desaparecem, porque os bancos não financiam. Desta forma, todo este sistema de relações, que envolve o processo de industrialização na Alemanha, cria uma situação tal que os pequenos artesãos não chegam a competir com as forças econômicas em ascensão. Irão juntar-se as fileiras dos que deixam o país buscando no Novo Mundo melhores condições de vida.<sup>68</sup>

Até 1860, o Império Germânico conservava em alguns lugares o regime de artesanato doméstico, enquanto outros países, como a Inglaterra, já estavam industrializados. A imigração alemã, na região sul do Rio Grande do Sul, estava associada ao fornecimento de alimentos, ao povoamento da província e à situação política e econômica da Alemanha, antes e depois da sua unificação. Depois da unificação, a situação dos agricultores e dos artesãos não mudou, pois a Alemanha passa para as mãos dos burgueses que não deixavam espaço para eles. Durante e após a I Guerra Mundial, a Alemanha, que tinha experimentado um período de desenvolvimento econômico e capacidade de competição com a Inglaterra<sup>69</sup>, entrou em crise. A Alemanha foi considerada, pelos aliados, a grande vilã da I Guerra Mundial e foi humilhada pelos vencedores através das condições impostas pelo Tratado de Versalhes. A situação econômica na Alemanha agravou-se, fato este demonstrado pelo depoimento de uma senhora que emigrou para Pelotas, em 1924, com a sua família:

*a situação lá estava muito difícil, a inflação muito alta, pelo jeito que eles contavam. Minha mãe contava que meu pai recebia o salário sábado, de tarde. Então, sábado de manhã, ela passou numa loja, para olhar uns tecidos para roupa de cama, aí o dono da loja disse: 'eu não posso garantir o preço até a noite, quem sabe a senhora não quer levar?' – 'Não, o meu marido vai receber. De noite eu passo aqui, mas aí, já não deu para levar. Os preços subiam de hora em hora (entrevista com Elfrida Bull, realizada em 10/02/2004).*

---

<sup>68</sup> LANDO, Aldair Marli; BARROS, Eliane Cruxêm. *A colonização alemã no Rio Grande do Sul: uma interpretação sociológica*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1976, p. 14.

<sup>69</sup> A Inglaterra era considerada a maior potência industrial da época. A rivalidade entre a Alemanha e a Inglaterra teria sido um dos motivos que desencadearam a I Guerra Mundial (1914-1918).

Essa situação de crise na Alemanha fica clara em outro depoimento. Notei isso quando um neto de imigrantes alemães respondeu-me quanto à possibilidade de seu pai ter tido vontade de voltar para a Alemanha:

*Nunca, nunca! Nunca pensou em voltar, porque sempre falava para os amigos que foi tão ruim na Alemanha. Não havia mais produção. A terra ficou esgotada. Depois, os mais ricos podiam ter dinheiro que não tinham como comprar 'bóia'. Não tinha comida. Eles avançaram para o Sul, como o Brasil, pro meio do mato como São Lourenço (entrevista com Ervino Neutzling, realizada em 22/01/2004).*

É possível observar conflitos entre os imigrantes e os fazendeiros, pois estes faziam questão de manter os imigrantes afastados de suas áreas de influência. Nesse sentido, Aldair Lando e Eliane Barros escrevem sobre a localização das colônias no Rio Grande do Sul:

Os imigrantes que se dirigem para o Rio Grande do Sul eram atraídos por uma política governamental que pretendia, fixando-os à terra, formar colônias que produzissem gêneros necessários ao consumo interno. Localizam-se próximas de um centro urbano, mas suficientemente distantes das áreas da grande propriedade, de modo a não apresentar uma ameaça a sua hegemonia política e econômica. Recebiam terras do governo imperial, as quais exploravam de modo independente, dedicando-se primeiramente à agricultura e à suinocultura.<sup>70</sup>

Destaco a fundação da Colônia de São Lourenço, de onde migraram as pessoas que são objeto desta pesquisa. A colônia foi fundada por Jacob Rheingantz, em 1858. É evidente que os imigrantes alemães e pomeranos<sup>71</sup> chegaram à região num momento de crise na Alemanha e que as ofertas e propagandas dos colonizadores e do governo brasileiro eram atraentes.

Segundo Marcos Hallal dos Anjos, a primeira colônia agrícola na região sul do Rio Grande “surgiu por volta do ano de 1780, no local denominado Serra dos Quevedos, hoje pertencente ao município de São Lourenço do Sul e era formado por agricultores açorianos”.<sup>72</sup> Isto mostra que a colônia de São Lourenço foi instalada numa região de colonização tipicamente

---

<sup>70</sup> LANDO, Aldair Marli; BARROS, Eliane Cruxêm. *A colonização alemã no Rio Grande do Sul: uma interpretação sociológica*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1976, p. 20.

<sup>71</sup> Quando os pomeranos migraram para o Brasil, no século XIX, a Pomerânia fazia parte do Império Romano Germânico, pois a Alemanha não estava unificada ainda, o que só vai acontecer a partir de 1871.

<sup>72</sup> HALLAL DOS ANJOS, Marcos. *Estrangeiros e Modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do Século XIX*. Ed. e Gráfica Universitária/UFPEL. Pelotas, 2000, p. 66.

lusa. Jean Roche diz que São Lourenço do Sul “representa uma ilha agrícola numa mancha florestal, no meio de uma zona luso-brasileira de pecuária, na planície”.<sup>73</sup> Destaca também que a área de São Lourenço do Sul cobre uma parte de Canguçu e Pelotas, reforçando a idéia de emigração dos descendentes germânicos para Canguçu. A comunicação entre São Lourenço do Sul e Canguçu parece ter sido freqüente.

Segundo Roche, São Lourenço do Sul perdeu mais ou menos 25% da sua população entre 1900 e 1950.<sup>74</sup> Segundo o autor, ainda seria um coeficiente menor do que nas antigas colônias. A partir desta informação posso deduzir que os “alemães” de Canguçu são os emigrados de São Lourenço do Sul, e as entrevistas confirmam isso. Para exemplificar isso, cito algumas entrevistas: Norma conta que *meus avós eram da Reserva, em São Lourenço* (entrevista em 10/01/04). Assim, como os avós de Norma migraram de São Lourenço do Sul para Canguçu os avós de Nilza também fazem a mesma trajetória. Segundo a entrevistada, *meus avós vieram de São Lourenço* (Nilza, entrevista em 07/06/07). Além desses vão ter outros exemplos de famílias que migraram, no final do século XIX ou no início do XX, de São Lourenço do Sul para Canguçu.

O primeiro passo para a criação da Colônia foi “em 10 de abril de 1856. Jacob Rheigantz adquiriu no município de Pelotas oito mil milhas quadradas de terras devolutas, para nelas instalar uma colônia”.<sup>75</sup> Os primeiros imigrantes chegaram em 15 de janeiro de 1858, data que marca a fundação da colônia. Segundo SCHRÖDER,

Após a chegada de mais de 115 pessoas no ano de 1858, os anos posteriores trouxeram elementos mais apropriados: trabalhadores rurais da Pomerânia. Imigraram: em 1859 cerca de cem pessoas, em 1860 cerca de duzentas, em 1863 cerca de trezentas, de modo que a população de 1866 abrangia 1.637 almas em 430 famílias, e a de 1878 seis mil almas.<sup>76</sup>

---

<sup>73</sup> ROCHE, Jean. *A colonização Alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Editora Globo, 1969, 179.

<sup>74</sup> ROCHE, Jean. *A colonização Alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Editora Globo, 1969, p. 180.

<sup>75</sup> SCHRÖDER, Ferdinand. *A imigração alemã para o sul do Brasil*. São Leopoldo, Editora da Unisinos, co-edição com EDIPUCRS:2003, 2ª edição, p. 120.

<sup>76</sup> SCHRÖDER, Ferdinand. *A imigração alemã para o sul do Brasil*. São Leopoldo, Editora da Unisinos, co-edição com EDIPUCRS:2003, 2ª edição, 2003:123.

Na opinião do autor, as pessoas que chegaram antes dos pomeranos não eram apropriadas, porque não eram agricultores. Jean Roche reforça que muitos imigrantes germânicos que vieram para o Rio Grande do Sul demoraram para se adaptar à vida rural, e muitos desejaram se estabelecer nas cidades, após um tempo nas colônias agrícolas. O autor justifica essas dificuldades devido às diferentes profissões que tinham na Europa, porque

uma fração sempre mais considerável da imigração no Rio Grande do Sul foi fornecida pelas cidades alemãs, cuja estrutura social se modificou no decorrer do século XIX. Antes de contar numerosos proprietários, a imigração de origem urbana reuniu artesãos e burgueses desejosos de deixar a Alemanha por motivos econômicos, quer políticos<sup>77</sup>

Segundo Coaracy<sup>78</sup>, Jacob Rheigantz mandou construir barracões modestos para abrigar os recém-chegados, até estes construírem suas casas nos lotes que lhes eram destinados. Também estabeleceu um armazém para fornecer os mantimentos necessários aos colonos. Segundo o autor, os pagamentos posteriores seriam feitos com gêneros da produção. As despesas com alimentação, transporte e ferramentas de trabalho eram adiantadas pela empresa de colonização e depois cobrados por esta. As passagens, que deveriam ser subvencionadas pelo governo imperial, nem sempre o foram, e outras vezes nem cobriam um terço das passagens. Em verdade, eram os colonos que pagavam os custos quando começava a produção em seus lotes.

Os litígios, por causa da terra, com Rheigantz e os colonos não foram poucos. Luiza Kliemann exemplifica isso dizendo que os litígios aconteciam devido à “exploração dos colonos que se revoltavam com os altos preços dos lotes e a invasão de terras particulares pela empresa Rheigantz”.<sup>79</sup> Embora a historiografia tenha ressaltado a riqueza e o desenvolvimento da colônia de São Lourenço como empreitada particular e bem-sucedida, esta não esteve isenta de conflitos agrários.

O governo imperial, ao mesmo tempo, em que incentivava as migrações em teoria, na prática não atendia às necessidades dos colonos. Depois da morte de Jacob Rheigantz, quem

---

<sup>77</sup>ROCHE, Jean. *A colonização Alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Editora Globo, 1969, p. 158.

<sup>78</sup> COARACY, Vivaldo. *A colônia de São Lourenço e seu fundador Jacob Rheingantz*. São Paulo: Oficinas Gráficas Saraiva, 1957.

<sup>79</sup>KLIEMANN, Luiza. H. S. *RS: Terra & Poder. História da questão agrária*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1986. p. 24.



administra a colônia é o seu filho Carlos que, no ano de 1877, manda um relatório ao presidente da província queixando-se da falta de policiamento, incentivos culturais e assistência religiosa na colônia.

Neste mesmo relatório, citado por Coaracy, Carlos Rheigantz escreve sobre a população da colônia, que é “composta de 6.130 adultos, em sua quase totalidade alemães e na maioria filhos da Pomerânia”.<sup>80</sup> Isto mostra que o número de imigrantes cresceu consideravelmente desde 1858, pois, em 1859, São Lourenço contava “com mais de 200 habitantes, dos quais apenas 38 eram nacionais, sendo os restantes de origem germânica”.<sup>81</sup>

Para Carlos Rheigantz, no citado relatório, esse rápido crescimento populacional tem lhe trazido alguns problemas, com alguns “vadios e maus” que perturbam a ordem na colônia. Por isso o apelo às autoridades.

Por muito tempo a historiografia tratou as colônias de origem germânica como etnicamente homogêneas, nas quais quase não havia conflitos, pois se construiu a representação de que os colonos eram ordeiros e pacíficos. Coaracy, por exemplo, destaca esta homogeneidade desse isolamento da colônia. Segundo o autor, a homogeneidade estabelecida em São Lourenço do Sul é

pela origem comum, européia, pela identidade de hábitos e costumes, pela coincidência dos interesses e das condições de existência, era acentuada pelo isolamento da colônia. Todos estes fatores convergiam para robustecer o sentimento de vida em comum, fortalecer a percepção de unidade.<sup>82</sup>

No entanto, ao aprofundar a pesquisa, observo que a colônia não era homogênea, já que migraram para a localidade pessoas de diferentes culturas e de diferentes profissões, embora tenha havido uma construção de identidade étnica. O isolamento também é questionável, já que a colônia estava encravada numa região de colonização lusa, com quem os colonos precisavam comercializar seus produtos. Talvez o isolamento esteja relacionado às dificuldades de os colonos de falarem a língua portuguesa, pois se sabe que não havia escolas que ensinassem o

---

<sup>80</sup> COARACY, Vivaldo. *A colônia de São Lourenço e seu fundador Jacob Rheingantz*. São Paulo: Oficinas Gráficas Saraiva, 1957, p.112.

<sup>81</sup> HUTTER, Lucy. M. ; NOGUEIRA, Arlinda. R. *A colonização em São Pedro do Rio Grande do Sul, durante o Império (1824-1889)*. Porto Alegre: Garatuja, 1975, p. 54.

<sup>82</sup> COARACY, Vivaldo. *A colônia de São Lourenço e seu fundador Jacob Rheingantz*. São Paulo: Oficinas Gráficas Saraiva, 1957, p.62/63.

idioma do país para eles. Segundo Coaracy<sup>83</sup>, havia preocupação dos colonizadores de buscar escola pública para os colonos. Neste sentido, percebiam que as pessoas não conseguiam comunicar-se em Língua Portuguesa, trazendo assim dificuldade de relacionamento com os “brasileiros”.

A família de Jacob Rheigantz administrou a colônia de São Lourenço até 1898. Jacob faleceu em julho de 1877, logo foi sucedido por seu filho Carlos Guilherme na administração. Além de Carlos, o Barão de Steinenberg, casado com a irmã Teresa Guilhermina Rheingantz, também trabalhou na administração da colônia até 1890, quando assumiu Luís Valentin, filho de Jacob. Segundo Coaracy, o “último Rheingantz a assumir a administração foi Oscar Filipe, que ficou no posto até 1898”.<sup>84</sup>

No ano em que foram completados os 50 anos de fundação da colônia, os restos mortais do fundador foram transferidos para a Igreja Matriz de São Lourenço e sepultados em frente do Altar-mor.

### **Todos juntos, e agora?**

A partir de agora, vou analisar os três grupos juntos, os descendentes de lusos, de germânicos e de africanos, compartilhando o mesmo espaço, como as relações entre esses grupos interferiram na construção de seus processos identitários. É importante considerar nesta análise como o espaço geográfico influenciou os contatos entre os grupos. É possível observar regiões com mais “negros” que outras, assim como os “alemães” estão mais presentes em algumas localidades, e em outras são poucos.

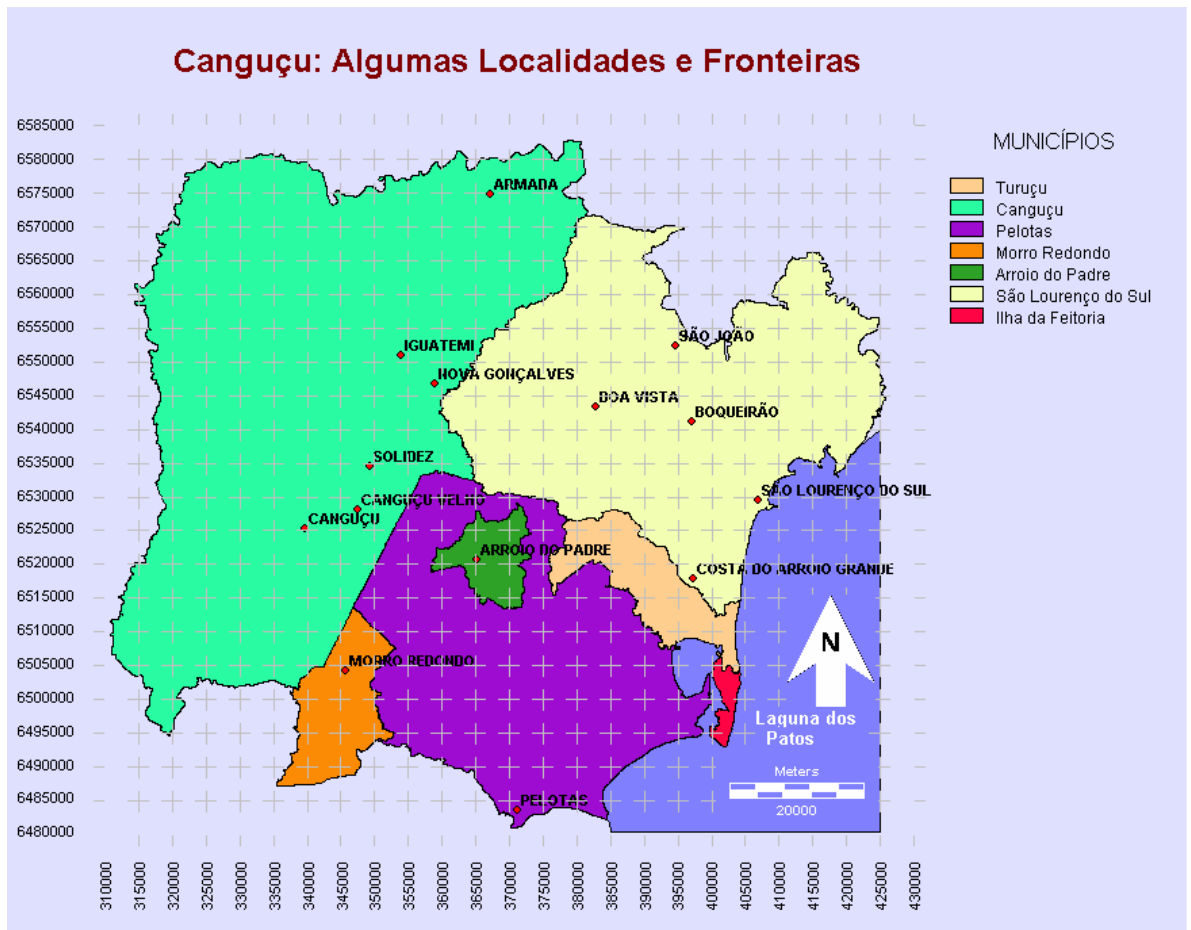
Ao observar o mapa de Canguçu, vejo que, nas localidades que estão próximas aos limites com São Lourenço do Sul, um número expressivo de moradores se reconhecem como “alemães”. No entanto nas localidades que se limitam com Piratini e Encruzilhada do Sul, por

---

<sup>83</sup> COARACY, Vivaldo. *A colônia de São Lourenço e seu fundador Jacob Rheingantz*. São Paulo: Oficinas Gráficas Saraiva, 1957.

<sup>84</sup> COARACY, Vivaldo. *A colônia de São Lourenço e seu fundador Jacob Rheingantz*. São Paulo: Oficinas Gráficas Saraiva, 1957, p. 136.

exemplo, são marcantes as culturas luso-brasileira e afro-brasileira. Nas proximidades de Pelotas e Morro Redondo, existe representação significativa de todos os grupos.



Mapa elaborado no Laboratório de Geoprocessamento da PUCRS por André Henriques, em fevereiro de 2008.

Observando o mapa pode-se visualizar a localidade de Solidez e perceber que geograficamente é bem próxima da cidade de Canguçú, assim como das localidades de Iguatemi e Nova Gonçalves, regiões caracterizadas por terem muitos moradores “alemães”. Na localidade de Canguçú-Velho é onde estão os registros que tratam da localização da Real Feitoria do Linho-cânhamo. No município de São Lourenço do Sul, aparecem em destaque as localidades de Boa Vista, São João da Reserva e Boqueirão, porque são as localidades mais citadas pelos entrevistados quando se mencionava a origem das famílias em São Lourenço do Sul.

É obvio que as pessoas migram de acordo com suas necessidades, e é possível encontrar “alemães”, “negros” e “brasileiros” em qualquer localidade, mas a história da colonização está intimamente relacionada à maior ou menor ocupação de um determinado grupo naquele local. Culturalmente os indivíduos se sentem mais próximos uns dos outros, o que contribui para a construção de suas identidades. Quando as memórias são compartilhadas com o grupo social em que se vive, é mais fácil construir uma identidade étnica e, mais fácil ainda, quando estas memórias estão sendo compartilhadas num espaço geográfico mais ou menos restrito.

### 3 - “Os alemães”: o uso da memória na construção de identidades étnicas

Neste capítulo, procuro mostrar como os conflitos e as relações dos imigrantes germânicos com os brasileiros se desenvolveram nos processos de construção de identidades. Recorro à história da imigração, às características dos imigrados e também às memórias dos seus descendentes.

Para escrever esse capítulo, utilizei-me principalmente de entrevistas realizadas através da metodologia de História Oral, com depoentes que se reconhecem e são reconhecidos como “alemães”. Incluo no grupo “alemães”, os “pomeranos”<sup>85</sup> e seus descendentes, fazendo a distinção quando necessário. Para construir este capítulo, utilizei-me das entrevistas que realizei em 2004 e 2007.

O foco desta pesquisa é o município de Canguçu e as relações interétnicas estabelecidas nessa região. Mas, para entender um pouco dessas relações, recorro aos primórdios da imigração germânica no Rio Grande do Sul, já que os conflitos parecem ter uma origem logo na chegada dos imigrantes por aqui. Segundo os dados recolhidos nas entrevistas, as profissões da maioria dos imigrantes na Alemanha variavam desde fotógrafo, marceneiro, professor, engenheiro, juiz de paz, entre outros. Segundo o que relataram, não eram agricultores e só foram transformados em colonos quando chegaram ao Brasil. Existe dificuldade de saber exatamente quais foram as profissões dos imigrantes, já que essas migrações ocorreram há muito tempo, em alguns casos, há 150 anos. Para exemplificar isso recorro a entrevista com o senhor Walter Theil. Após ter ficado cinco anos nos Estados Unidos da América, o seu pai migra para o Brasil. Sobre a profissão do pai, seu Walter diz que:

*O meu pai era muito inteligente, ele estudou na Alemanha. Foi pedreiro, ele veio para colônia, e foi professor em todos lugares na colônia, em Taquaral, foi professor na comunidade evangélica. Lá na Nova Gonçalves, também foi professor. Foi nosso professor, nós éramos uma família numerosa, nós éramos onze só [risos ](...) Meu pai não era muito da lavoura, pois foi criado em cidade, no estudo. (entrevista realizada em 07/02/04).*

---

<sup>85</sup> “Pomberano” é o termo usado como uma diferenciação no interior do grupo étnico “alemão” e que foi explicado na introdução.

O pai do senhor Walter migrou para o Brasil no início do século XX, depois de ter ficado um tempo nos Estados Unidos e na Argentina, rotas que seguiram muitos imigrantes alemães. Neste contexto, o que interessa é a profissão do pai, que de pedreiro passa a professor. Segundo o senhor Walter, eles também vão trabalhar com a agricultura, ou seja, o senhor Guilherme Theil, quando saiu da Alemanha, tinha uma profissão tipicamente urbana e só vai ser transformado em colono aqui no Rio Grande do Sul. Posso ainda citar o exemplo do pai da D. Elfrida, que migrou com a família em 1924. Ela também fala sobre a profissão do pai na Alemanha e no Brasil: *era ferreiro também. Em cobre ele trabalhava. Depois no fim ele trabalhava só em cobre, era muito asmático, não podia fazer força* (entrevista realizada em 10/02/04). Segundo D. Elfrida, o pai comprou um terreno na localidade de Solidez e instalou sua ferraria onde trabalhou até seu falecimento. No entanto, sua família foi adquirindo terras na localidade para trabalhar com agricultura. Os pais de Ana também migraram de um lugar para outro até chegar na Solidez, mas seu pai como nos outros exemplos, só se transformou em agricultor depois de se instalar na localidade. Ana me conta um pouco da trajetória familiar. Segundo ela, eles migraram primeiro para:

*Pelotas e depois para o Morro Redondo. Eles pararam num hotel, no Treptow, ali no Fragata. Dali eles foram para o Morro Redondo. Na Colônia São Domingos. Meu bisavô era fotógrafo e a minha avó trabalhava na loja dos Fiss. Depois que ela casou começou a peregrinação. Mudavam de um lugar para outro. Depois chegaram aqui na Solidez (entrevista realizada no dia 10/02/04).*

A dificuldade de encontrar trabalho na Alemanha é o motivo principal da emigração das famílias citadas anteriormente. Portanto, quando chegam no Brasil, que ainda é pouco industrializado, o trabalho que resta para os imigrantes no Rio Grande do Sul, principalmente, é a agricultura. O trabalho agrícola é muitas vezes estranho a esses imigrantes. D. Elfrida exemplifica essas dificuldades dizendo que:

*elas nunca tinham subido numa carroça. Até Pelotas vieram de trem mas depois de carroça. Então, aquela viagem foi um horror [risos]. Nem tinha estrada. As estradas aqui eram assim: saía de um buraco e caía noutra (entrevista realizada em 10/02/07).*

O trabalho vai dar significado à vida desses imigrantes e por isso vou mostrar o quanto isso é importante para esses descendentes de imigrantes que entrevistei.

## A imigração e o trabalho

Para pensar o contexto da imigração, recorro a Abdelmalek Sayad, quando relaciona o imigrante ao trabalho. Para o autor,

Um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito. Em virtude desse princípio, um trabalhador imigrante (sendo que trabalhador e imigrante são, neste caso, quase um pleonismo), mesmo se nasce para vida (e para imigração) na imigração, mesmo se é chamado a trabalhar (como imigrante) durante toda a sua vida, no país, mesmo se está destinado a morrer (na imigração), como imigrante, continua sendo um trabalhador definido e tratado como provisório, ou seja revogável, a qualquer momento.<sup>86</sup>

Assim, o imigrante germânico que chega ao Rio Grande, no século XIX, está ligado ao trabalho, já que, segundo Sayad, é o trabalho que condiciona a existência do imigrante. No entanto, a cultura predominante na região é a lusa, que desvaloriza o trabalho braçal. As pessoas que são objeto desta pesquisa são, de alguma forma, herdeiras dessa cultura da imigração que valoriza o trabalho, e que, em alguns momentos, vão entrar em conflito com os herdeiros daquela cultura do não-trabalho, anteriormente instituída na região.

Embora a imigração alemã no Rio Grande do Sul tenha sido uma atividade organizada e regulamentada pelo governo imperial, e mais tarde também apoiada pelo governo republicano, vai gerar tensões entre esses imigrantes recém-chegados e os moradores da Província, pois os emigrados vinham de locais e culturas diferenciadas. Desde as condições econômicas e sociais eram desiguais. O governo brasileiro incentivou uma imigração familiar e mão-de-obra especializada que pudesse substituir a mão-de-obra escrava e ser mais eficiente para promover o desenvolvimento do país. No sul havia ainda o interesse na produção de alimentos. Portanto, o incentivo à imigração está associada aos trabalhos que estes imigrantes podem exercer no território brasileiro, desta forma reafirmando a idéia de Sayad de que o imigrante está sempre ligado ao trabalho:

E esse trabalho, que condiciona toda existência do imigrante, não é qualquer trabalho, não se encontra em qualquer lugar; ele é o trabalho que o 'mercado de trabalho para imigrantes' lhe atribui e no lugar em que lhe é atribuído: trabalhos para imigrantes que

---

<sup>86</sup> SAYAD, Abdelmalek. *A imigração*. São Paulo: Editora da USP, 1998, p. 54/55.

requerem, pois imigrantes; imigrantes para trabalhos que se tornam, dessa forma, trabalhos para imigrantes.<sup>87</sup>

Mesmo no Rio Grande, para onde os imigrantes vinham para serem pequenos proprietários, a situação não era muito diferente da descrita por Sayad, pois imigração, ao mesmo tempo que servia aos latifundiários também os preocupava. Neste sentido, a elaboração da Lei de Terras<sup>88</sup> vai dificultar que os colonos adquiram grandes extensões de terras, pois já existiam “trabalhos e terras específicas para imigrantes”. Além disso, as atitudes e o não-cumprimento das promessas do governo fizeram com que os colonos ficassem cada vez mais dependentes, além de possibilitar a verificação do aumento de lutas e conflitos pela posse da terra na Província.

Mesmo com o advento da república, o governo organizou as leis de tal forma que pudesse regular as transformações existentes no país. O governo e a elite fundiária queriam manter os colonos subordinados e submissos a seus interesses. Luiza Kliemann diz sobre isso:

Durante quarenta anos, organiza os serviços de colonização, a partir de numerosa legislação sobre partilha, reavaliação de terras devolutas, criação de novas colônias, remedição de áreas de latifúndio, créditos rurais, escolas agrícolas, associações de classe e cooperativas. Além disso, reforma o sistema de cobrança de impostos sobre a transmissão de propriedade, instituindo o imposto territorial, os incentivos agrícolas e tratando de fazer da dívida colonial um instrumento de subordinação. (...) para manter o desenvolvimento pela via capitalista, a classe dirigente renova constantemente suas estratégias de dominação, conduzindo resistências e intermediando sua ação com o concurso de empresas particulares, associações de classe, partidos políticos e Igreja.<sup>89</sup>

Embora os conflitos tenham se iniciado logo na chegada dos imigrantes, as lutas pela terra são apenas uma parte dos problemas. Houve muitos conflitos e dificuldade de integração que de certa forma foram ocasionados pelas condições que os governos impuseram aos emigrados. Segundo Giralda Seyferth, os recém-chegados se sentiam “duplamente discriminados como ‘estrangeiros’ e ‘não-católicos’ – sem direitos civis diante do poder temporal da Igreja

---

<sup>87</sup> SAYAD, Abdelmalek. *A imigração*. São Paulo: Editora da USP, 1998, p. 55.

<sup>88</sup> Brasil, a Lei de Terras é uma lei promulgada pelo governo imperial em 1850, pela qual, entre outras coisas, substituía-se a concessão de terras pela venda.

<sup>89</sup> KLIEMANN, Luiza. H. S. *RS: Terra & Poder. História da questão agrária*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986, p.150).



Católica no período imperial”.<sup>90</sup> Neste sentido, não se viu, por parte do governo, a tentativa de integração desses imigrantes à sociedade local. Marcos Hallal dos Anjos reforça essa idéia: “a educação, por exemplo, mecanismo de integração por excelência, sofreu crônico descaso das autoridades, obrigando, via de regra, os imigrantes a se organizarem de forma autônoma em busca de soluções”.<sup>91</sup>

Segundo Ellen Woortmann, não havia uma identidade compartilhada entre os emigrados, pois vinham de regiões variadas, “era uma espécie de colcha de retalhos em diversidade enorme de trajetórias que se entrecruzavam”.<sup>92</sup> Na visão da autora, a única característica comum era a religião, pois era uma exigência que fossem colocados numa mesma picada, indivíduos de mesma religião, nem mesmo o idioma era comum, já que vinham de regiões diferentes. A construção de uma identidade germânica passa a ser construída no Brasil através de lembranças e esquecimentos partilhados pelos grupos envolvidos.

Os conflitos também aconteciam devido ao fato de as posturas, em relação ao trabalho, serem bastante diferentes das posturas dos moradores já estabelecidos no Brasil. Segundo Martin Dreher, “o fato de imigrantes brancos cultivarem, eles mesmos, suas propriedades e terras, algo até então feito exclusivamente por escravos, era inconciliável com a mentalidade brasileira”.<sup>93</sup> Essa mentalidade de que o trabalho braçal era atividade a ser desempenhada apenas por *inferiores*, ou seja, por pessoas não-brancas, esteve presente, principalmente, entre a população de origem lusa e entre católicos, o que talvez tenha contribuído para agravar os conflitos, pois o imigrante vinha associado à idéia de trabalho, especialmente, os protestantes, que eram influenciados pela “ética protestante” que valorizava e exaltava o trabalho, a escola e a religião.

---

<sup>90</sup> SEYFERTH, Giralda. *A conflituosa história da formação da etnicidade teuto-brasileira*. IN: FIORI, Neide. *Etnia e educação: a escola “alemã” do Brasil e estudos congêneres*. Florianópolis: Editora da UFSC; Tubarão: Editora Unisul, 2003, p. 37.

<sup>91</sup> HALLAL DOS ANJOS, Marcos. *Estrangeiros e Modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do Século XIX*. Ed. e Gráfica Universitária/UFPEL. Pelotas, 2000, p. 61.

<sup>92</sup> WOORTMANN, Ellen F.. *Identidades e memória entre teuto-brasileiros: os dois lados do Atlântico*. In: *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre: PPGAS, 2000, p. 215.

<sup>93</sup> DHEHER, Martin. *Igreja e Germanidade*. São Leopoldo: SINODAL, 1984, p.39.

## A escola

Quando os imigrantes chegavam sentiam a necessidade de terem a igreja e a escola. Mesmo em comunidades pequenas, providenciava-se a construção de uma igreja rústica e provisória. O ensino nas igrejas era ministrado pelos pastores e em língua alemã, pela despreocupação do governo em criar e manter escolas onde os alemães e descendentes pudessem aprender a língua do país. Dessa forma, mantinha-se o grupo unido ao mesmo tempo em que eram preservados a língua e os costumes, mas dificultava assim a comunicação com os “brasileiros”.

A escola era uma questão fundamental para os imigrantes, pois estava associada à ética protestante desde a Reforma. Dreher destaca o papel da educação em língua alemã para a preservação da germanidade, visto que o “sistema escolar brasileiro encontrava-se num estágio incipiente quando do início da imigração alemã”.<sup>94</sup> Por isso, segundo ele, não se pode dizer que a preservação da germanidade tivesse sido o objetivo fundamental das escolas de ensino alemão no Brasil, pois o Estado brasileiro não atendia às necessidades dos imigrantes e nem mesmo as dos “brasileiros”.

Como o governo brasileiro não atendia às reivindicações dos colonos, na maioria das escolas da zona rural, principalmente, o ensino era ministrado em alemão, já que o pastor e o professor, muitas vezes, eram a mesma pessoa. No momento do surgimento da maioria das escolas de língua alemã no Brasil, não havia um Estado Alemão instituído. Mesmo mais tarde, com a unificação alemã, pode-se dizer que, na maioria das vezes, as escolas não estavam ligadas nem ao Estado, nem à religião como instituição. Segundo César Paiva,

As escolas de língua alemã no Rio Grande do Sul eram basicamente particulares, sustentadas financeiramente por sociedades escolares formadas pelas famílias residentes nas localidades onde funcionavam, dispersas – em sua grande maioria – pelas áreas rurais e pequenas cidades, mantendo relações diferencialmente intensas com as administrações municipais (exercidas pelos ‘intendentes’, prefeitos nomeados diretamente pelos chefes do Partido Republicano gaúcho e não escolhidos pelos

---

<sup>94</sup> DHEHER, Martin. *Igreja e Germanidade*. São Leopoldo: SINODAL, 1984, p. 59.

eleitores) e dotadas – principalmente a partir da década de 1920 – de um fraco grau de homogeneidade quanto ao material didático, ao plano de ensino e à formação do professorado.<sup>95</sup>

Alguns depoentes relatam como era o ensino nestas pequenas escolas. O senhor Ervino conta que estudou em alemão,

*Lá no Herval, meu estudo foi em alemão. Depois, mais tarde, foi então que o falecido meu pai, deu conta disso. Disse: ‘nós temos morando no Brasil, no colégio, os alunos são obrigado a aprender alguma coisa na língua da nação.’ Então, inventaram que um dia por semana era em português. E o resto dos dias em alemão (entrevista realizada em 22/01/2004).*

A senhora Elfrida conta que o professor foi demitido pelos colonos, porque ensinava demais aos filhos. Queixando-se, ela diz: *o Guilherme Lang, foi uma injustiça que mandaram ele embora, os colonos achavam que ensinava demais para os filhos, que aquilo não era preciso. Por aquele era um professor e tanto. Gostaria de ter ido até o fim com ele* (entrevista realizada em 10/02/2004). Essas entrevistas mostram que os colonos tinham autonomia em relação às escolas de seus filhos antes da campanha de nacionalização.

Uma entrevistada deixa claro que é a importância que os “alemães” dão à escola que os diferencia dos “brasileiros”:

*Os brasileiros, hoje eu reconheço, era um pouco de relaxamento, eles podiam ter construído uma igreja ou se associado. Eles viviam sem igreja e sem escola [fala isso com muita indignação]. Nunca construíram nem igreja e nem escola. Na Luterana, onde nós somos sócios agora tem brasileiro. Eles se associaram na igreja luterana (entrevista realizada em janeiro de 2004).*

Outro exemplo de valorização da escola:

*Mas aquela gente não estudava, se criavam assim à moda bicho, sem colégio, sem nada. Um guri de 15 anos, mais ou menos, ele era um homem formado, a primeira coisa que ele ganhava era uma faca, eles gostavam de briga. Hoje a coisa mudou, mas era assim (entrevista realizada em 22/01/04).*

---

<sup>95</sup> PAIVA, César. *Escolas de língua alemã no Rio Grande do Sul: o nazismo e a política de nacionalização*. In: FIORI, Neide. *Etnia e educação: a escola “alemã” do Brasil e estudos congêneres*. Florianópolis: Editora da UFSC; Tubarão: Editora Unisul, 2003, p. 106/107.

No exemplo citado acima, o entrevistado está mostrando como o seu grupo “alemães” é diferente dos “brasileiros”. Identifica-se como alguém que é “civilizado” ao contrário do “bicho” que é o “outro”. Desta maneira mostra que a escola é a forma de se civilizar, pois ainda ressalta que o “outro”, o “brasileiro” usa a violência, portanto um “selvagem”. Assim, constroem suas identidades a partir do contraste, da diferença.

Desta forma, se vê como os “alemães” davam importância para a escolaridade dos filhos, no entanto não tinham apoio do governo brasileiro. Portanto, a solução encontrada era eles mesmos acharem um professor na comunidade. Muitas vezes o professor era um imigrante que tinha estudado na Alemanha, ou era reconhecido pelo grupo como alguém capaz de instruir seus filhos, o mesmo às vezes acontecia com o pastor. Como existia dificuldade de encontrar pastores formados, a comunidade contratava o membro mais “letrado”.

### **A influência do nacionalismo alemão**

Um dos motivos para instituir a campanha de nacionalização durante o Estado Novo teria sido a influência do nacionalismo alemão, pois, segundo as autoridades, as “colônias alemãs no Brasil eram vistas como quistos étnicos”, por serem muito influenciadas pelo nacionalismo alemão.

Segundo Carlos Fortuna<sup>96</sup>, os filhos de imigrantes, neste caso até mesmo netos e bisnetos, movem-se entre fronteiras, onde as “portas” e as “pontes” da imigração ora abrem, ora fecham para desenrolar uma identidade que caminha entre dois pólos: o “regresso” a uma origem representada ou a “permanência” numa cultura adaptada. Exemplifico isso, citando Gertz, que descreve as palavras do deputado provincial José Bernardino da Cunha Bittencout, citadas por Piccolo:

...Os colonos que por todos os motivos mais úteis nos podem ser são sem contestação os portugueses. Além dos hábitos, costumes e linguagem à nossa

---

<sup>96</sup> FORTUNA, Carlos & outros. *Os novos espaços públicos: identidades práticas culturais*. In: Revista Crítica de Ciências Sociais- n.º 54. Coimbra: jun. 1999, p. 137-170.

semelhante, nós vemos que a segunda geração dos portugueses entre nós já é brasileira: o filho do português entre nós já é brasileiro e pugna pelo Brasil como sua única pátria. Poderemos dizer o mesmo dos míseros alemães? Me parece que não. Em geral não há filho e mesmo neto de colono alemão que pugne pelo Brasil como se pugnasse pela sua pátria; pelos exemplos dos pais olham essa terra mais como madrasta do que como mãe.<sup>97</sup>

Se nos primórdios da imigração não havia um Estado Alemão instituído, “com a criação do Reino Alemão, em 1871, veio à tona entre os pastores aquilo que inconscientemente já estava presente: o orgulho nacional”.<sup>98</sup> Então, a partir desse momento, além da escola, a Igreja evangélica também teve papel importante na preservação da germanidade. O governo alemão influenciou as igrejas evangélicas na germanidade, pois pretendia ter benefícios econômicos com o comércio nas regiões de imigração germânica.

Com o final da Primeira Guerra Mundial e as condições impostas pelo Tratado de Versalhes, verifica-se a “influência do Nacional-Socialismo entre os pastores no Rio Grande do Sul”.<sup>99</sup> Isso repercutiu na preservação da germanidade no Rio Grande do Sul, principalmente entre os jovens evangélicos. Martin Dreher cita Dohms, quando este percebe, em 1925, as diferenças entre o nacionalismo brasileiro e o europeu,

Enquanto que na Europa o nacionalismo se fundamentava nos valores do passado, na América do Sul ele tomava sua substância da esperança no futuro. Nesse tipo de nacionalismo, orientado no futuro, a língua passa a ter um significado todo especial. Ela é o elemento de ligação em uma nação em formação, onde os diversos grupos étnicos não têm um passado comum. Quem se ativesse a sua própria língua podia facilmente ser visto como traidor da pátria.<sup>100</sup>

De alguma forma, a idéia do orgulho alemão parece ter sido uma influência na preservação da germanidade, tão importante para o Brasil, já que preservava o sentimento de ordem e trabalho associado à germanidade.

Alguns entrevistados vão falar deste período e vão reconhecer que os familiares tinham contato com as notícias da Alemanha e que algumas vezes chegaram a mandar roupas e

---

<sup>97</sup> GERTZ, René. E. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Ed. da Universidade UFRGS, 1998, p. 13.

<sup>98</sup> DHEHER, Martin. *Igreja e Germanidade*. São Leopoldo: SINODAL, 1984, p.75.

<sup>99</sup> DHEHER, Martin. *Igreja e Germanidade*. São Leopoldo: SINODAL, 1984, p. 135.

<sup>100</sup> DHEHER, Martin. *Igreja e Germanidade*. São Leopoldo: SINODAL, 1984, p. 164.

alimentos para os seus compatriotas em dificuldade. D. Elfrida me conta o que seus familiares faziam para se manterem informados: *meu avô era a única pessoa que tinha um rádio, então eles iam para o meio do mato, na época da guerra, principalmente, para escutar as notícias*. Sua prima Ana complementa a conversa dizendo: *tinha um quartinho lá nos fundos, onde escutava o pai dela, meu pai e o Guilherme Bull, e o padrasto do meu pai – o Ôpa, eles iam para ali escutar o rádio. A gente era muito perseguido, bah!* (entrevistas realizadas em 10/02/04).

Embora, se saiba que muitos imigrantes mantiveram-se sem muitas informações sobre a política na Alemanha, outros fizeram questão de se manterem informados e, em alguns momentos, simpatizaram com o nacionalismo alemão.

### **O isolamento das colônias**

Um dos principais motivos, na visão de autoridades e pesquisadores, para os “alemães” preservarem o “orgulho de ser alemão”, está associado ao isolamento das colônias. Segundo Roche, a colônia de São Lourenço, assim como as demais colônias, no começo tinham como principal atividade econômica a agricultura de ‘subsistência’ sobretudo do milho, do feijão e da batata. Isso fazia circular a idéia de que “as únicas terras próprias para a agricultura são as da floresta”.<sup>101</sup> Para o autor, este teria sido o motivo de as colônias serem instaladas na orla florestal, o que trouxe distanciamento dos luso-brasileiros. Roche diz que “disso resultou a grande unidade de gênero de vida, que veio fortalecer a unidade de origem desses grupos humanos, restringindo-lhes o horizonte ao pedaço de terra e às comunidades locais, permitindo-lhes preservar a língua materna”.<sup>102</sup>

Não vou usar o termo “colônia homogênea”, já que Canguçu é uma região colonizada por lusos e que os “alemães” só chegam após migrações internas, principalmente oriundos das colônias de São Lourenço do Sul. No entanto, esses “alemães” emigrados de São Lourenço do Sul procuram se manter num perímetro próximo às antigas colônias e, de certa forma, próximos de outros “alemães”. Fundaram suas colônias e dedicaram-se à agricultura. Gertz, quando se

---

<sup>101</sup> ROCHE, Jean. *A colonização Alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Editora Globo, 1969, p. 113.

<sup>102</sup> ROCHE, Jean. *A colonização Alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Editora Globo, 1969, p. 113.

refere a este tipo de colônia, considera-a etnicamente homogênea, não pelo preconceito, mas porque os integrantes de qualquer etnia buscam parceiros dentro de um perímetro geográfico restrito. Mas há outros indícios para a resistência à integração de alemães e descendentes. Sobre essa idéia de isolamento, Giancarla Salamoni escreve:

Não havia estradas, o que dificultava as comunicações entre os colonos pomeranos e o centro urbano mais próximo, favorecendo o isolamento e a necessidade de buscarem a auto-suficiência (...). Apesar das imensas dificuldades que tiveram de enfrentar, agravadas pelas carências de infra-estruturas, os colonos conseguiram manter sua identidade cultural e sobreviver economicamente.<sup>103</sup>

Mas o isolamento geográfico me parece não ser exclusividade dos colonos germânicos, já que a infra-estrutura das estradas e dos transportes era a mesma até para os estabelecidos há mais tempo na região. Muitas vezes, ouvi familiares contarem das suas dificuldades de chegarem ao centro urbano devido à precariedade das estradas e dos meios de transporte, embora vivessem numa região quase exclusiva de descendentes lusos. Muitas vezes ouvi relatos de familiares, como avós e tios mais velhos dizendo que levavam quase um dia inteiro para chegarem à cidade de carroça.

Mas essa idéia de isolamento das colônias também aparece nos depoimentos: *Ninguém conhecia a cidade, eu fui conhecer Canguçu com 18 anos, fui a pé para me alistar*” (entrevista com Walter Theil, 77).

Embora tenha me referido ao isolamento geográfico como algo que dificultou a integração dos colonos alemães e dos brasileiros, compreendo este isolamento como uma dificuldade enfrentada não exclusivamente pelos colonos “alemães”, mas também por qualquer pessoa que vivesse nas áreas rurais do Brasil, já que as condições das estradas e dos meios de transporte eram precárias para todos.

Além disso, tenho percebido que o isolamento geográfico e, de certa forma, cultural aparece em várias citações e em vários depoimentos, mas entendo também que, para existirem os

---

<sup>103</sup>SALAMONI, Giancarla; ACEVEDO, Hilda Costa, e ESTRELA, Lígia Costa. (org.) *Valores culturais da família de origem pomerana no Rio Grande do Sul – Pelotas e São Lourenço do Sul*. Editora Universitária UFPEL, Pelotas:1996, p. 22/23.

conflitos, é necessário algum tipo de contato entre os grupos. Os imigrantes tinham de comercializar sua produção com “brasileiros” de fora da colônia e muitas vezes tinham de frequentar os mesmos espaços de lazer. Também pude observar, nas entrevistas, que os entrevistados afirmam que os “brasileiros” iam aos bailes nas casas dos colonos. Ressaltam que as festas só aconteciam nas casas dos colonos, não havendo quase bailes nas casas dos “brasileiros”. Portanto, as festas eram espaços de convivência entre o grupo dos “alemães” e “brasileiros”. Devo lembrar que nesses bailes somente alguns “brasileiros” podiam participar, o que exemplifico na entrevista realizada com o senhor Ervino Neutzling: *a primeira classe dançava com os alemães. Iam nos bailes dos alemães. Mas o segundo [classe] não dançava com os alemães.* Segundo o senhor Ervino a diferença de classe se dava pela origem familiar, e se havia algo que envergonhasse a família não podiam ser considerados de “primeira”. Geralmente, os mais pobres eram os considerados de “terceira”, ou seja, eram aqueles que não podiam nem entrar no baile, só podiam espiar nas portas ou janelas. O relato do senhor Ervino mostra que as relações sociais eram hierarquizadas e que levam em conta não só a situação econômica, mas também social desses grupos.

### **A campanha de nacionalização**

Roche destaca a preocupação do governo e da opinião pública com a homogeneidade deste tipo de colônia de imigrantes de origem germânica. Daí, segundo Gertz, a preocupação com o “perigo alemão”. Neste sentido, a campanha de nacionalização, a partir de 1938, tentou eliminar a língua e as tradições. Segundo a pesquisadora Giralda Seyferth, o “medo dos nazistas” não foi a única causa da campanha de nacionalização, pois, segundo a autora,

a campanha de nacionalização planejava ‘erradicar as influências externas’ através da assimilação compulsória dos descendentes de imigrantes, que se encontravam etnicamente diferenciados. Ela não foi destinada exclusivamente aos teuto-brasileiros, atingindo também outras etnias, e seu propósito era bem específico: abasileirar uma população considerada estrangeira, à força se necessário.<sup>104</sup>

---

<sup>104</sup> SEYFERTH, Giralda. *A conflituosa história da formação da etnicidade teuto-brasileira*. IN: FIORI, Neide. *Etnia e educação: a escola “alemã” do Brasil e estudos congêneres*. Florianópolis: Editora da UFSC; Tubarão: Editora Unisul, 2003, p. 57.



Em alguns depoimentos, posso constatar a mudança de postura do governo em relação ao ensino de alemão nas escolas rurais. D. Elfrida relata essa mudança: *primeiro se aprendia em alemão, depois a gente passou do alemão para o português. Aquilo foi lá pelos anos trinta e poucos, quando a gente teve que passar do alemão para o português.* No entanto, mesmo sendo proibido fazer uso da língua alemã, os colonos persistiam falando em casa, ou até mesmo na escola, sem a autorização do professor:

*Não sabia falar brasileiro [a guria, é o que parece]. Algumas palavras eu acho bem difíceis, mas não é que eu não queira falar. Mas o que a gente aprendeu, aprendeu assim. (...). E alguma coisa, tu vê só, o professor não queria, mas a nossa turma toda papeava bem em alemão [risos]. Ele não enxergava e lá estávamos nós papeando(...). Nós, não falávamos brasileiro. Tudo em alemão. Era uma comunidade assim (entrevista com Norma Behling, em 10/01/2004).*

Além das dificuldades encontradas nos primeiros anos da imigração, a violência simbólica<sup>105</sup> foi um fato marcante na vida dos teuto-brasileiros. Durante a Segunda Guerra Mundial, muitos alemães e descendentes foram perseguidos pelos luso-brasileiros. O governo de Getúlio Vargas tinha a intenção de transformar o Brasil numa nação homogênea. Com o intuito de construir o nacionalismo, era preciso acabar com qualquer ameaça estrangeira, ou seja, com qualquer cultura que não se integrasse ao que o governo dizia ser a cultura brasileira. Neste contexto, SEYFERTH demonstra que a campanha de nacionalização do Governo Vargas foi bem mais evidente contra os alemães, justamente porque estes eram vistos como ‘quistos étnicos’ e não estavam assimilados à cultura brasileira. A violência aparece em muitos depoimentos. Por exemplo:

*Uma vez nós fomos num casamento, aí chegou dois penetras, e eu fui falar com uma amiga em alemão, não vi que eles estavam sentados na mesa. Queriam me prender a todo custo. Mas eu digo, quem é que vai me proibir de falar a minha língua materna. Eles se enfureceram, aí a gente foi embora, perdemos o gosto pelo casamento (entrevista com Elfrida Bull, realizada em 10/02/2004).*

---

<sup>105</sup> Violência simbólica, segundo Pierre Bourdieu, “é todo poder de violência simbólica, isto é, todo poder que chega a impor significações e a impô-las como legítimas, dissimulando as relações de força que estão na base de sua força, acrescenta sua própria força, isto é, propriamente simbólica, a essas relações de força.” O autor exemplifica isso, quando escreve que toda “ação pedagógica escolar que reproduz a cultura dominante, contribuindo desse modo para reproduzir a estrutura de relações de força, numa formação social onde o sistema de ensino dominante tende a assegurar-se do monopólio de violência simbólica legítima”. BOURDIEU, P; PASSERON, J. C. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1982, p. 19/21.

Em outro depoimento, verifico o medo que os alemães e seus descendentes tinham dos “brasileiros”:

*O alemão tinha muito medo dos brasileiros. Onde eles podiam se desviar, eles se desviavam. Porque sempre tinham medo, se eles falam qualquer coisa, eu meto a faca, e era aquele medo (entrevista com Ervino Neutzling, em 22/01/2004).*

Segundo José Plínio Fachel, os alemães e seus descendentes tiveram suas vidas “desestruturadas” e a população luso-brasileira aproveitou-se, em alguns casos, para saqueá-los e roubá-los. Os luso-brasileiros cobiçavam as empresas de “alemães” que estavam crescendo, devido ao comércio com a Alemanha. E os casos de violência fizeram com que muitos luso-brasileiros lucrassem com isso. As atividades burocráticas e comerciais eram predominantemente luso-brasileiras, mas, no início do século XX, com o processo de urbanização e a diversificação das atividades econômicas, colonos alemães, italianos e seus descendentes aumentaram sua importância na agricultura, no comércio e na indústria. Isso vai contrastar com a crise da economia pecuária. Essa acumulação dos lucros, por parte dos alemães, deve-se às relações comerciais com a Alemanha. No entanto, com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial contra a Alemanha nazista, conflitos que já existiam de forma latente descambaram para atos de violência contra os alemães e seus descendentes. A perseguição contra os alemães é generalizada, “a língua alemã, a Igreja Luterana, a escola de origem germânica e as atividades comerciais com a Alemanha precisavam ser combatidas”.<sup>106</sup> A violência pode ter agravado os conflitos, e o impacto sobre os moradores das colônias fez com que se recolhessem cada vez mais.

Não se pode esquecer que a perseguição aos teuto-brasileiros é anterior à Segunda Guerra, isso é reforçado por Fachel:

A violência cultural estabelecida pela proibição da língua alemã antecede a questão nazista, mas, anos mais tarde, ainda persistiu confundindo qualquer manifestação cultural alemã com nazismo. Com essa estratégia, autoridades governamentais

---

<sup>106</sup>FACHEL, José P. G. *As violências contra os alemães e seus descendentes, durante a Segunda Guerra Mundial, em Pelotas e São Lourenço do Sul*. Pelotas: Editora e Gráfica da UFPEL, 2002, p. 72-77.

favorecem a etnia luso-católica, tanto na Primeira Guerra Mundial, quanto na Segunda.<sup>107</sup>

A proibição de falar a língua alemã está associada ao nacionalismo e ao ideal de nação exaltado por Vargas. A proibição de falar o alemão é um dos atos de violência mais marcantes citado pelos entrevistados. O senhor Ervino relata isso: *na escola não era proibido falar. Proibido era se tu saia na rua e falava em alemão, já tinha alguém que tava meio de olho. Era isso que era proibido, ali então é que tinha castigo* (entrevista realizada em 22/01/04). Mas não é só o alemão que vai ter de se enquadrar no “tipo ideal de brasileiro”, outros grupos de estrangeiros que viviam no Brasil também vão sofrer com o autoritarismo do Estado e passar por situações constrangedoras. É neste contexto de construção de uma identidade nacional que o Estado vai começar a acentuar e valorizar as culturas indígenas e negras, mas sempre buscando um brasileiro trabalhador e responsável, características valorizadas pela ética protestante e presente na construção de uma identidade étnica alemã.

A perseguição aos costumes e à língua alemã foram tão marcantes que existem famílias de imigrantes que hoje não sabem mais o idioma, pois não tiveram contato nem em casa. D. Elfrida, por exemplo, migrou para o Brasil em 1924, com um ano de idade, e em entrevista em 2004 mostrou orgulho de ser alemã e das coisas que preserva de sua terra, no entanto nenhum de seus descendentes fala alemão. Carlos, seu neto, enfatizou que nunca aprendeu o idioma porque sempre tiveram “brasileiros” trabalhando em sua casa.

Para René Gertz, a perseguição aos alemães no Rio Grande do Sul, parece ter sido pior que em outros lugares do Brasil e também mais evidente do que em outros grupos, devido a ação constante do interventor Oswaldo Cordeiro de Farias, além do apoio de seu secretário de Educação e o rigor do chefe de polícia do Rio Grande do Sul, Aurélio Py da Silva. Segundo o autor, deve-se levar em conta

os antecedentes políticos, os conflitos e os preconceitos étnicos e religiosos presentes entre setores consideráveis da população gaúcha, desde o século XIX. Além disso, é necessário atentar para o fato de que a ação ‘nacionalizadora’ não atingiu de forma linear, uniforme, todos os grupos, havendo significativas diferenças na avaliação das várias populações mas, as ações podiam variar de região para região, de forma que

---

<sup>107</sup> FACHEL, José P. G. *As violências contra os alemães e seus descendentes, durante a Segunda Guerra Mundial, em Pelotas e São Lourenço do Sul*. Pelotas: Editora e Gráfica da UFPEL, 2002, p. 149

determinado grupo de 'alienígenas' em determinada região podia ser atingido com intensidade bastante diferente que o mesmo grupo em outra região.<sup>108</sup>

Alguns entrevistados tiveram dificuldade de falar sobre os atos de violência contra suas famílias. E quando eu persistia na pergunta ressaltavam que a violência aconteceu em outros lugares, que sua família não sofreu, porque o pai era bem querido na comunidade. No entanto, sei de alguns atos de violência que ficaram conhecidos na cidade, mas que as netas da vítima fazem questão de dizer que nem lembram disso. Quando se trabalha com a memória de momentos traumáticos tem-se que ter em mente que algumas coisas são fundamentais lembrar para a manutenção do grupo étnico, assim como também é melhor esquecer outras.

### **A religião**

A dificuldade de integração pode estar também relacionada à religião, já que a maioria dos descendentes germânicos era de luteranos. Os luteranos não se integravam às demais religiões institucionalizadas e dividem-se em dois grupos: Sínodo Riograndense e Sínodo Missouri. O primeiro inicialmente ligado à igreja luterana alemã e o segundo, à igreja luterana americana. Em Canguçu, existem algumas igrejas luteranas independentes, ou seja, que não pertencem a nenhum sínodo, e as comunidades são autônomas, contratando elas mesmas os pastores para suas comunidades.

Em alguns casos, os depoentes relataram-me, que no momento da imigração, suas famílias eram católicas, e depois, por falta de igreja na localidade, tiveram de se inserir nas comunidades luteranas. No artigo sobre *Religião e identificação étnica*, Serlei Ranzi<sup>109</sup>, a autora, enfatiza a pesquisa sobre identidades étnicas germânicas em Curitiba, cita alguns exemplos de famílias que ficaram até um determinado momento sendo Católicas e que depois passaram a ser Luteranas. Segundo a autora, o contrário também aconteceu. Famílias luteranas que se tornaram Católicas ou que tiveram dois filhos, batizando um na Católica e o outro na Luterana. Em alguns

---

<sup>108</sup> GERTZ, René. *O Estado Novo no Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: Editora da UPF, 2005, p. 146.

<sup>109</sup> RANZI, Serlei Maria Fischer. *Religião e identificação étnica*. IN: Revista de Estudos Ibero-americanos. PUCRS, v. XXIV, nº 1, julho de 2000 (p. 247/260), p. 252.

depoimentos, percebi que havia uma preocupação desses imigrantes em relação a um lugar no cemitério e escola a uma para os filhos. Como a única alternativa que restava era ser sócio nas congregações luteranas, acabavam associando-se por necessidade. Posso exemplificar isso com o depoimento de uma senhora:

*Não era evangélica (...). O meu pai era Católico. Mas mesmo católico, como não tinha igreja católica na zona. Só vinham os padres dentro de casa e aí não tinha cemitério. Aí, então, o meu pai pagava a igreja evangélica.. Nós limpávamos a igreja e capinávamos. Tudo, nós ajudávamos a fazer (Norma, entrevista em 2004).*

Serlei Ranzi diz que a preservação da germanidade está mais ligada ao luteranismo do que ao catolicismo. A autora enfatiza, que “para os luteranos, a religião e o grupo étnico se confundem, enquanto que para os católicos vem em primeiro lugar a religião, o que não impede, no entanto, a manutenção dos ideais do seu grupo étnico”<sup>110</sup>. É possível encontrar isso também nas entrevistas. O senhor Walter, por exemplo, mostra-se indignado porque os filhos de um amigo mudaram para a igreja luterana. Ele diz que *nós éramos católicos, o velho Jacó era o melhor católico que tinha aqui. E os filhos, nenhum é católico mais, viu? Que dirá os netos. Mas, ao contrário do contido no artigo de Serlei Ranzi, o senhor Walter enfatiza que é mais alemão que os luteranos. Pois segundo ele, quando vieram para o Brasil, a metade dos alemães eram católico e a outra metade eram evangélicos. Basta que nas colônias velhas eram católicos. (...)Aqui são pomeranos por isso tem mais evangélicos.* Além disso, esse trabalho também aborda uma congregação luterana composta de membros, em sua maioria negros, portanto, não é possível associar o luteranismo exclusivamente às identidades germânicas, ou que preservariam mais a identidade germânica que os imigrantes católicos.

Posso pensar que a identidade em alguns momentos pode ser associada à religião, mas os indivíduos vão fazer uso do sistema cultural da maneira que melhor lhes convier. Segundo Clifford Geertz, a religião também pode ser vista como sistema cultural, se pensarmos a cultura como uma teia de significados. Neste sentido, o autor coloca que,

na crença e na prática religiosa, o *ethos* de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual, que a visão de mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se

---

<sup>110</sup> Ibidem, p. 248.

emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem arrumado para acomodar tal tipo de vida.<sup>111</sup>

A religião luterana foi até um determinado momento fundamental para a manutenção da germanidade e para manter um grupo que, na sua origem era totalmente diversificado, mas coeso em valores e em tradições que foram reformuladas no Brasil. A igreja possibilitou as trocas e as redes de solidariedade, pois os indivíduos tinham histórias e dificuldades semelhantes para compartilhar. E isso lhes deu a idéia de homogeneidade, construindo assim uma identidade étnica. É claro que não foi só a religião que interferiu nesses processos identitários, outros fatores como a língua e a escola vão ser fundamentais também na preservação ou na construção da germanidade.

### **Uma construção literária**

A imigração alemã no Rio Grande do Sul esteve repleta de dificuldades, preconceitos e lutas. Facilmente se encontram muitos exemplos na História e na Literatura, tais como Vianna Moog, Érico Veríssimo e Josué Guimarães. As memórias e as histórias contadas, a partir dessas lutas e desses conflitos, de certa forma foram interferindo na construção dos processos identitários. Sobre essa influência da Literatura na História, Jaques Leenhardt escreve:

A comparação entre a historiografia e o romance encontra aqui um ponto de ancoragem. O historiador pode analisar as idéias gerais que dominam uma época. O romancista deve encarná-las nas personagens. Ora, a exposição das idéias, por si, faz crer que elas influem diretamente sobre o pensamento e a ação das pessoas ou dos grupos. Ao serem enunciadas, elas adquirem um relevo que, no caso presente, mas talvez sempre, corre o risco de ser excessivo.<sup>112</sup>

---

<sup>111</sup> GEERTZ, C. *Interpretações da Cultura*. Rio de Janeiro. ZAHAR ED., 1978, p. 67.

<sup>112</sup> LEENHARDT, Jacques. O Retrato de Rodrigo Cambará. IN: PESAVENTO, Sandra (org.). *Leituras cruzadas: diálogos da história com a literatura*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000, p. 22/23.

É impossível medir o tanto que as idéias do romancista sofrem a influência ou influenciam os grupos. Mas é certo que estes também são agentes na construção de identidades. Para Renato Ortiz, “são os intelectuais que desempenham a tarefa de mediadores simbólicos”<sup>113</sup>

Vianna Moog no livro *Um rio imita o Reno*, em que o autor narra a história da imigração germânica em São Leopoldo, pode ser considerado um dos autores mais significativos para essas construções identitárias. No trecho a seguir, o autor enfatiza a preservação da germanidade e os conflitos ocasionados por isso:

Dizia-se que os Kreutzer eram muito germanófilos, só davam emprego a alemão, só protegiam os teutos. Tinha um sobrinho que trabalhava com eles havia dez anos e não conseguia subir. E no entanto, mal chegava um alemãozinho borra-botas, logo lhe davam emprego e aumento pelo Natal. Ah, filho, aqui é assim. Quem não souber falar alemão come do duro. Se eu não fosse promotor, como advogado passava fome. Não peguei até agora nenhuma causa por fora. Onde eu poderia fazer alguma coisa, no serviço crime, estou impedido. O major é que defende bastante com as cobranças executivas e o serviço do partido.<sup>114</sup>

Muitas vezes, as falas que ouvimos no nosso cotidiano sobre os “alemães” foram construídas a partir de outras falas e de ressentimentos antigos, como também das construções literárias. Além disso, o literato também é um leitor da vida e do cotidiano, presenciando atitudes e sentimentos expressados pela sociedade. A personagem de Moog queixava-se, na citação acima, por ter menos chances de progredir economicamente, o que é comum ouvir de descendentes lusos em Canguçu, ou ainda, sugerirem que “os alemães” são muito fechados. Em uma entrevista, pude constatar que essas diferenças ainda persistem hoje: *Se tu não é alemão, fica muito difícil de conseguir qualquer coisa. Qualquer dado, se ele não se identificar com alguém da mesma origem. Ele é extremamente reservado* (descendente de pomeranos em entrevista realizada em 28/07/07).

Érico Veríssimo também descreve a chegada dos “alemães” à cidade do Capitão Rodrigo,

Em princípios de 1833, Santa Fé foi acudida por uma grande novidade: a chegada de duas carroças conduzindo duas famílias de imigrantes alemães, as primeiras pessoas dessa raça a pisarem no solo daquele povoado. Os recém chegados acamparam no centro da praça, e em breve toda a gente saía de suas casas e vinha bombear. Muitos santafezenses nunca

---

<sup>113</sup> ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p.139.

<sup>114</sup> MOOG, Vianna. *Um rio que imita o Reno*. Porto Alegre: Editora Globo, p. 8.

tinham visto em toda a sua vida uma pessoa loura, e aquela coleção de caras brancas, cabeleiras ruivas e douradas, olhos azuis, esverdeados e cinzentos – era uma novidade tão grande, que a manhã de fevereiro mais parecia um dia santo com quermesse, cantigas e danças na frente da igreja (...).

Chamava-se Ervin Kunz o alemão alto, magro, de rosto vermelho e sardento. Ia abrir uma selaria no povoado. Tinha mulher e filha cuja beleza deixou alguns homens que a viram um tanto perturbados (...).

A outra família era a de Hans Schultz, que tinha comprado perto do povoado umas terras onde pretendia plantar batatas, milho, feijão e linho. Além da mulher tinha duas filhas e cinco filhos em idades que iam de oito a dezoito anos.<sup>115</sup>

De certa forma, o texto reflete o possível estranhamento e as dificuldades de aproximação dos luso-brasileiros com “aquelas pessoas diferentes”. Mais adiante, o autor também se refere à questão econômica como uma possibilidade de atrito entre os luso-brasileiros e os imigrantes germânicos. A personagem de Érico Veríssimo reflete sobre os interesses dos imigrantes em Santa Fé, e conclui: “no fim das contas eles eram estrangeiros e tinham vindo com a tenção de encher os bolsos de dinheiro para depois voltarem para sua pátria”.<sup>116</sup> No entanto, não era só o “capitão Rodrigo”, personagem ficcional, que pensava isso. Em muitas entrevistas, pude constatar que o crescimento econômico causou descontentamento entre os luso-brasileiros. Segundo José Plínio Fachel, isso teria sido um dos principais motivos dos ataques violentos aos bens materiais e aos teuto-brasileiros nas ruas de Pelotas, em 1942. Poderia citar mais trechos onde Veríssimo e os pesquisadores mostram essas desavenças, mas só vou dar um último exemplo que me parece ser importante, que é em relação ao trabalho. Veríssimo destaca a diferença que lusos e alemães dão ao trabalho, e isso é evidente em entrevistas e pesquisas recentes.

Outro autor importante, que me faz refletir sobre a construção dessas identidades étnicas, é Josué Guimarães, em *A ferro e fogo*, em que descreve a saga e as dificuldades enfrentadas pelos alemães. O autor narra as dificuldades e exalta o pioneirismo dos imigrantes em São Leopoldo. Aí transparece a idéia de luta heróica do imigrante ao desbravar um território inóspito e enfrentar batalhas. Destaca também o posicionamento político e o crescimento econômico dos colonos, fazendo referência ao seu trabalho árduo. Além disso, ressalta que o governo poucas

---

<sup>115</sup> VERISSIMO, Érico. *Um certo capitão Rodrigo*. In: VERISSIMO, Érico. O tempo e o vento: o continente I. ed. Globo. São Paulo:1997, p.170.

<sup>116</sup> VERISSIMO, Érico. *Um certo capitão Rodrigo*. In: VERISSIMO, Érico. O tempo e o vento: o continente I. ed. Globo. São Paulo:1997, p.170. p. 277.



vezes cumprira com aquilo que prometera aos alemães, o que vai causar animosidades e descontentamentos de ambos os lados.

### **Memórias de família**

A identidade étnica “alemã” vem sendo construída a partir de memórias do cotidiano, que são reforçadas e/ou representadas pelos literatos. Neste sentido, parto da idéia de que as memórias são compartilhadas e construídas pelos grupos interessados. Portanto, o grupo reforça o que é bom lembrar e silencia àquilo que é preciso esquecer. Foi possível observar nas entrevistas, como nos romances, as dificuldades que identificavam a família e o grupo:

*No inverno a gente andava assim, com as mãos geladas. E com tamanco a gente ia pra escola. Hoje, todo mundo tem sapato. Eu fui grande, num casamento, com um casaco de flanela. Nós éramos pobres. Na nossa família não era fácil. Depois, quando eu era a última, já melhorou a vida. Mas meu pai me disse que eles se ajoelharam no meu berço pra pedir pra Deus abençoar eles, pra não faltar comida. Ele disse: eles pediram que sempre tivesse o necessário pra criar os filhos. A mãe sempre dizia que ela não tinha Domingo. Ela tinha que lavar e remendar tudo para as crianças todas. Assim, o meu esposo dizia: “que tinha lavar a roupa e esperar secar, para ter roupa para vestir”. Não era fácil quando a gente se criou. No meu tempo já tudo mudou, eu era a mais nova. Assim mesmo o pai dizia (Norma Behling, entrevista em 10/01/04).*

O pioneirismo e a luta heróica do imigrante no Brasil também estão presentes nas entrevistas. A violência e a miséria causam dor, mas também reforçam a luta do imigrante. Essa idéia está claramente representada na fala dos entrevistados. As teorias defendidas pelo governo brasileiro incentivavam a imigração e destacavam o ideal do trabalhador. Ao mesmo tempo, tentavam manter o controle sobre determinados grupos étnicos, devido à não-assimilação à cultura brasileira. O imigrante “alemão” representava o ideal de brasileiro trabalhador, mas não servia ao ideal de nação. Segundo Seyferth<sup>117</sup>, o engrandecimento do país estaria associado ao trabalho, que seria o dever máximo do cidadão. No entanto, essa capacidade de trabalho é

---

<sup>117</sup> SEYFERTH, Giralda. *A assimilação dos imigrantes como questão nacional*. Mana. Vol.3. Rio de Janeiro, abril de 1997.

herdada da Alemanha, por isso era necessário continuar sendo alemão. Nas relações entre “brasileiros” e “alemães”, fica claro o contraste entre os dois grupos. Enquanto a figura do “alemão” é associada ao trabalho, o descendente luso rejeita-o, principalmente pelo trabalho braçal. Para dar exemplo dessa idéia, D. Elfrida conta uma conversa que teve sobre os “brasileiros”:

*é, mas tinha brasileiros bom. [silêncio]. Sei que uma vez posou um estancieiro lá em casa, e começaram a falar na guerra. Então disse: “não me venham me falar na guerra que eu tenho um ódio mortal, por causa dessa guerra.” Não queria saber... Ele era a favor dos alemães, né. Dizia ele: “isso um alemão chega aí com a enxada nas costas, na campanha, não demora ele é dono de um pedaço de terra, tem uma boa casa e tem tudo. Mas o brasileiro só espera a herança do pai. Aí vão repartindo e depois para os netos já não sobra” [risos]. Isso quer dizer que não é todos, tem uns que vão pra frente (entrevista realizada em 10/02/04).*

Ao ressaltar que o “brasileiro fica esperando a herança” reforça o espírito empreendedor e trabalhador dos “alemães”, identidade tão prezada pelo grupo. Afirmando assim uma identidade construída pelo contraste.

Quando se trabalha com processos identitários utilizando a memória, enfrentam-se alguns problemas, pois a maioria dos entrevistados não sabe a origem da família. Ao questioná-los sobre quem veio da Alemanha, nunca lembram. A origem familiar parece ser em São Lourenço do Sul, nunca mais longe que isso. Veja nos exemplos a seguir: *Os meus bisavós eu sei que vieram da Alemanha. Não sei que região vieram. Eram pomeranos. Todos falam pomerano, eu também falo pomerano* (Marli, entrevista em abril de 2007). A senhora Adolfina também quando questionada sobre os antepassados que vieram da Alemanha, me responde: *eu não sei. Eu acho que ninguém. Eu não me lembro*. Elas não são as únicas que não lembram ou não sabem. Poderia se pensar que a mais jovem não sabe, por que essa história já está bem distante, no entanto a senhora Adolfina, com quase 80 anos, ressalta a origem da família no interior de Pelotas e de São Lourenço do Sul. Embora essas lembranças estejam muito longínquas, todas essas pessoas se reconhecem como “alemãs”. Segundo Ellen Woortmann, “eliminando o passado na Alemanha da

memória dos colonos, o ‘novo mundo’ começa com o desbravamento de uma floresta ameaçadora, lugar de feras e índios. É o tempo heróico”.<sup>118</sup>

Na construção de uma identidade étnica, é importante ressaltar que a memória coletiva é um dos principais agentes. A partir das lembranças do seu grupo, o indivíduo cria ou transforma laços de pertencimento ou exclusão. Neste sentido, os silêncios fazem parte dos processos identitários, porque assim como os indivíduos, os grupos selecionam e escolhem o que querem lembrar, selecionam e escolhem aquilo que deve ser esquecido. Pois, para David Lowental, “a memória transforma o passado vivido naquilo que posteriormente pensamos que ele deveria ter sido, eliminando cenas indesejáveis e privilegiando as desejáveis”.<sup>119</sup>

A trajetória dos imigrantes foi marcada por lutas pela sobrevivência e pela adaptação ao novo lar. As dificuldades foram muitas e, a partir das histórias dos pioneiros e das lutas pessoais diárias, “os alemães” foram construindo suas identidades. Os entrevistados falaram da trajetória de vida de suas famílias e, mesmo colocados em certo isolamento cultural, essas pessoas mantiveram um acúmulo de capital cultural<sup>120</sup>, principalmente em dados referentes à Alemanha.

Ao analisar grupos étnicos distantes da pátria-mãe, e seus descendentes, vale a pena ressaltar que os “alemães”, como grupo, identificam-se e usam a memória para se reafirmarem como etnia. Segundo Hobsbawm<sup>121</sup>, os indivíduos buscam reinventar em território estranho a idéia de pátria-mãe, pois o sujeito reinventa tradições e comemorações, para reafirmar as identidades. Talvez seja esse um dos motivos de o grupo (alemães) não querer a mistura de “raças”<sup>122</sup>, mantendo-se, dessa forma, “puros” (não deverão deixar seus descendentes se casarem

---

<sup>118</sup> WOORTMANN, Ellen F.. Identidades e memória entre teuto-brasileiros: os dois lados do Atlântico. In: Horizontes Antropológicos. Porto Alegre: PPGAS, 2000. p.215.

<sup>119</sup>LOWENTAL, David. *Como conhecemos o passado*. In: Projeto História 17, PUCSP: São Paulo, nov. 1998, p. 98.

<sup>120</sup>BOURDIEU, P; PASSERON, J. C. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1982. Segundo o autor, “a aptidão para pensar objetos quaisquer e ordinários está fortemente ligada ao capital cultural herdado ou adquirido escolarmente.”(1989:90) No caso dos entrevistados, esse capital cultural parece ter sido adquirido pela herança familiar, principalmente pelos livros alemães que guardam e têm lugar de destaque em suas casas.

<sup>121</sup> HOBBSAWM, E. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1997:9-24; 175-218.

com os “brasileiros”, mantendo-se como grupo identitário). Ao pensar memória é importante citar Halbwachs:

Os marcos sociais da memória (são gerais) como espaço, tempo, linguagem – são bem específicos, relativos aos diferentes grupos sociais, que criam um sistema global do passado que permite a rememoração individual e coletiva.<sup>123</sup>

Ressalto, então, a memória coletiva, pois, para o autor, os âmbitos coletivos mais relevantes implicados na construção da memória são a família, a religião e a classe social. Os indivíduos articulam sua memória em função de seu pertencimento a uma família, a uma religião ou à classe social determinadas. O sujeito, presente no seu espaço social, recria o passado. Assim, reconstrói o passado a partir das categorias que modelam a lembrança individual. As pessoas pensam em quadros sociais, não existem fora dos papéis sociais (quando do estudo da memória para aquele determinado grupo). Ao rememorem, evocam categorias que lhes são relevantes. Na tentativa de rememorar o passado distante, que é reinventado na nova terra, é que se mantêm tradições que talvez nunca tenham existido fora do contexto da imigração e hoje são representadas em festas e comemorações brasileiras, como no desfile de sete de setembro de 2007, quando, em vários carros, se ressaltou a imigração, o trabalho e a cultura germânicos na região.

---

<sup>122</sup> Embora se saiba que, no mundo em que se vive, não é mais possível falar em “raças humanas” e muito menos manter “uma raça pura”.

<sup>123</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004, p. 25.



Foto 4: Imagem do desfile das escolas municipais e estaduais em 07 de setembro de 2007. Por Gustavo Goulart

Quando se evoca a memória, usando a História Oral, percebe-se que várias camadas de tempo se entrecruzam. Sabe-se, que na busca pela identificação de um de grupo social, o indivíduo recorre a lembranças de lugares e objetos, presentes nas memórias, organiza referenciais identitários.

Neste contexto, é importante o pesquisador estar atento e dominar o período histórico que está estudando. E estar consciente daquilo de Henri Rousso alerta quando se refere à História Oral e às fontes orais. Para o autor, quando um indivíduo fala espontaneamente de seu passado e de sua experiência, quando interrogado por um historiador, não falará senão do presente, com as palavras de hoje, com sua sensibilidade do momento, tendo em mente tudo quanto possa saber sobre esse passado que ele pretende recuperar com sinceridade e veracidade. Tem-se de levar em

consideração que “essa versão é não só legítima, devendo ser reconhecida como também indispensável para todo historiador do tempo presente”.<sup>124</sup>

É fundamental perceber que o sujeito, ao recordar, está fazendo um trabalho. Vale lembrar que o sujeito é social, temporal, que está num lugar social e histórico e tem suas próprias interpretações do passado e depende do momento vivido. Quando se constrói a memória, ela é reinventada, tanto a individual, quanto a coletiva<sup>125</sup> já que está ligada ao afetivo, ao emocional, e assim também se constroem identidades.

As dificuldades de viagem e a adaptação estão representadas nos ideais do pioneiro. No entanto, a Alemanha que foi reinventada pelas famílias dos imigrantes é bem diferente daquela de onde seus familiares migraram. Os “alemães” tentam recordar uma Alemanha que mal conheceram através das lembranças e saudades dos pais. A Alemanha, mesmo distante, é o referencial para o grupo identitário. Isto foi observado em alguns depoimentos, veja:

*Então eu vou contar uma coisa, que a minha mãe até o dia da morte dela ela falava. Ela lá na Alemanha morava em apartamento, nunca viu como se fazia uma massa de pão. O padeiro trazia o pão, de manhã. Ele largava na porta, porque lá não roubavam [risos]. Chegou aqui e ela tinha que fazer pão, pedir uma informação como? Se ela não sabia falar. Muitas lágrimas custaram esses pães. Foi uma dificuldade e tanto. Passou muito, muito trabalho, agora a gente não percebeu muito disso. A gente se criou nesse ambiente (Elfrida Bull Lemke, 10/02/04).*

Nas comunidades luteranas da zona rural do município de Canguçu, observei muito a memória reinventada abordada por Hobsbawm<sup>126</sup> nos rituais da comunidade, como casamentos, jogos, festas (quermesses), onde, através da comemoração e da repetição, cria-se uma relação com o passado. Recordar é uma atividade íntima marcada por um sentido do passado. A recordação social só é possível através do mundo dos objetos e artefatos, isso é em parte confirmado pelo modo que se ordena no mundo. Na foto abaixo, tem-se um grupo de homens “alemães”, segundo eles preservando a tradição de seus antepassados através de um jogo de cartas antigo, no entanto, é um dos momentos de diversão e lazer das famílias que vivem em

---

<sup>124</sup> ROUSSO, Henry. *A memória não é mais o que era*. IN: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 98.

<sup>125</sup> HOBBSAWM, Eric. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

<sup>126</sup> HOBBSAWM, Eric. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997

áreas rurais. Enquanto os homens jogam cartas na sala, as mulheres conversam sobre os assuntos do cotidiano na cozinha.



Foto 5: Família Neutzling e amigos jogando cartas. Arquivo pessoal de Daiane Neutzling

Neste sentido, a memória, para Halbwachs<sup>127</sup>, está ligada às lembranças das vivências e só existindo quando os laços afetivos criam sentido de pertencimento ao grupo, o que mantém a vida e o vivido no campo das lembranças comuns, geradoras de uma memória social.

---

<sup>127</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro Editora, 2004

O grupo “alemães”, ao usar a memória no seu processo identitário, evoca lembranças da viagem, do pioneirismo, das dificuldades de adaptação e também remete às perseguições que sofreram durante o Estado Novo e à campanha de nacionalização imposta por Vargas. A violência fez com que os “alemães”, que precisavam se firmar como grupo identitário, reforçassem as fronteiras entre os dois grupos, as quais, em alguns momentos, precisam ser, se não abolidas, pelo menos, atenuadas. Neste sentido, a pertença a um grupo étnico vai ser construída no Brasil, já que os imigrantes vieram de regiões mais variadas. Como partilhavam das mesmas dificuldades de adaptação, a origem germânica os aproximou, fortalecendo um sentimento de pertença étnica.

Como ocorre em momentos traumáticos, a violência muitas vezes é esquecida pelas pessoas envolvidas. Quando os entrevistados são interpelados sobre os casos de violência ocorridos em Canguçu durante a Segunda Guerra Mundial, mais visíveis neste período, fazem questão de ressaltar que em suas famílias não houve perseguição. Por isso, sempre justificam que não houver casos de violência contra suas famílias porque eram “bem vistos”, na localidade. Geralmente, destacam o papel do pai como “homem de bem”, e que tinham um bom relacionamento com os “brasileiros”. Ao mesmo tempo em que tentam negar as violências sofridas, a memória delas pode ter agido na formação das identidades. Veja a seguir um depoimento em que essa situação aparece:

*Houve perseguição, mas não muito. Alguns foram presos. Aqui na colônia levaram alguns. Meu pai não. Ele era bem visto em toda parte, onde chegava, perguntavam onde mora o tal do Henrique Theil, todo mundo sabia. Era um homem bom, não maltratava ninguém porque iam prender (Walter Theil, 07/02/04).*

Em algumas localidades, houve uma maior integração, onde “brasileiros” e “alemães” casam-se ou participam juntos na mesma comunidade, integrando-se totalmente aos costumes da sociedade brasileira. No entanto, o objeto de estudo desse trabalho são os “alemães” que se mantiveram como grupo identitário, diferenciando-se dos “brasileiros”.

Os conceitos de memória e identidade são fundamentais para se entender as diferenças e transformações de grupos sociais. Ao trabalhar com a memória do grupo, posso identificar representações que os identificam como grupo social. Neste sentido, Catroga enfatiza que



“reconhecendo-se, estranhando-se ou distanciando-se do que foi, o sujeito atualiza sem cessar a unidade do seu eu (que também o diferencia dos outros), em diálogo (passivo ou não) com passados comuns e na *retro-projeção* de um determinado sentido para vida”.<sup>128</sup> E que talvez a contrastividade<sup>129</sup> identificada entre os “alemães” e os “brasileiros” possa estar relacionada à identidade do grupo.

Os conflitos étnicos que se observam em Canguçu talvez pertençam a este contexto, pois os “alemães” se afirmam como grupo identitário destacando as diferenças que têm em relação aos “brasileiros”. Constata-se, também, que havia um contato entre os grupos, mesmo que fosse de forma hierarquizada. Tenho alguns exemplos desse fato identificados nas entrevistas, quando uma entrevistada diz que “em sua casa, eles têm contato com os ‘brasileiros’, porque estes trabalham como empregados de sua família”. Também diz que os “brasileiros” eram “relaxados”, porque não construía e nem eram sócios de nenhuma igreja. Uma depoente fala dos “brasileiros” com ar de superioridade e sua voz tem tom de indignação dizendo que os “brasileiros” não constroem uma igreja, porque são “relaxados”. Com isso, ela tenta afirmar a superioridade de sua etnia, como mais “organizados” e “caprichosos”. Em outros depoimentos podemos observar esse sentimento:

*Eu sou um nato brasileiro, mas naquela época eu era considerado como alemão. Então, ali na nossa zona, tinha muita família pobre morando ali. Sempre nesses bailes havia essas briga. Então, os alemães não podiam entrar. Tu és alemão. Nós somos alemães, nós somos um pouquinho mais, naquela época era assim. Então, sempre havia essas briga (Ervin Neutzling, em 22/01/2004).*

O que percebo aqui é uma forte diferenciação de grupos, pois os “brasileiros” consideravam-se “superiores” aos “alemães”, mas, ao criticarem os “brasileiros”, os “alemães” também demonstram superioridade. Ademais, é observada a criação de uma rede de fofocas para justificar o que um grupo pensa sobre o outro, assim reafirmando suas identidades. Um neto de alemães, ao falar dos brasileiros, destaca também a diferença entre eles:

---

<sup>128</sup> CATROGA, Fernando. *Memória, História e Historiografia*. Coimbra, Quarteto, 2001, p. 28.

<sup>129</sup> Conceito de identidade contrastiva formulado por Roberto Cardoso de Oliveira e citado na Introdução deste trabalho.

*Era entre os brasileiros. O terceiro era o mais pobre, o mais vagabundo, o mais baixinho, nem entrava, 'chuleava' na porta. O segundo já estava mais ou menos vestido, até não podia 'refugar' ele. Eles viam pelas famílias, pelos troncos. Pelo nome da família. Nessa família já houve coisa. Esse vinha ser o segundo. O de primeira não podia ter nada, no passado das famílias (entrevista com Ervino Neutzling, em 22/01/2004).*

Com esse depoimento também se podem exemplificar os contatos entre os grupos. Mesmo nos locais de lazer, a relação era hierarquizada. Os grupos foram mudando de postura e atitudes no decorrer do tempo, assim como os “brasileiros” discriminaram e agrediram os “alemães”, hoje muitos “alemães” discriminam e agredem os “brasileiros”, o que se vê então é uma inversão dos papéis.

*Acontece o seguinte, é que muitas vezes não sabe, os pomeranos acham que eles é que são alemães, são a maioria, que predominam. Não é. Os pomeranos são aqui no sul. Foram os últimos que vieram da Alemanha. Vieram da Alemanha para S. Lourenço do Sul e para Pelotas. Os nossos alemães em Canguçu, aqui não houve imigração alemã, vieram de S. Lourenço pra cá. A Pomerânia era totalmente luterana. Por isso tem poucos católicos. Parece que não tem, o que um vai fazer contra cem. Todos os católicos que tinha aqui, não são mais católico (...). Quando vieram para o Brasil, a metade dos alemães eram católicos e a outra metade eram evangélicos (...). Aqui são pomeranos por isso têm mais evangélicos. Os pomeranos não falam alemão e não sabem nada, nada da Alemanha. São alemães, mas não sabem nada da Alemanha (Walter Theil, entrevista realizada em 07/02/2004).*

Para ficar mais claro, é necessário exemplificar: uma senhora que se reconhece como “alemã legítima” sobre isso falou: “minha mãe era pomberana, mas aprendi o alemão gramatical com meu pai. A gente era muito mais da família do meu pai”. Neste sentido, percebe-se que era necessário reforçar que era “alemã legítima”, mesmo que a mãe fosse “pomerana”, demonstrando que sabia falar o alemão gramatical e a afinidade maior era com a família paterna. No entanto, alguns pomeranos colocam-se em uma posição de certa inferioridade cultural em relação aos “alemães legítimos”. Um entrevistado que se reconhece como “pomerano” chegou a dizer que essas diferenças se devem à importância que cada grupo dá para a escolaridade e o conhecimento. Segundo esse entrevistado, o “pomerano” só se preocupava com o trabalho manual, para eles não era necessário estudar. Enquanto que para os “alemães legítimos” o aperfeiçoamento e os estudos tinham uma importância significativa. Pode-se ainda citar o exemplo do filho da D. Adolfina: na casa materna é considerado “alemão”, já que sua progenitora é reconhecida como tal, no entanto, na casa de seus sogros é reconhecido como “brasileiro”, pois seu pai tem sobrenome luso.

Enquanto a senhora busca uma identidade de “alemã legítima” o outro se conforma com a diferença cultural entre os grupos. Norbert Elias<sup>130</sup> destaca que é muito mais fácil aceitar um tabu de um grupo superior e assim conseguir se comunicar, do que questionar esses tabus e entrar em conflito acentuando as fronteiras. No último exemplo, identifica-se que uma mesma pessoa pode ter identidades diferentes, dependendo do contexto social no qual está inserida. O que reforça a idéia de Stuart Hall<sup>131</sup>, que acentua que as identidades são múltiplas e flutuantes, podendo, assim, serem construídas e usadas a partir de interesses individuais e coletivos.

Esses grupos, quando recorrem à memória para se identificar como grupos étnicos, estão lembrando situações que viveram, ou seja, estão buscando no passado elementos que os identificam no presente. Portanto, o grupo “alemães” evoca tradições e conceitos de uma Alemanha que não existe mais, mas que é presentificada na memória dos imigrantes e dos seus descendentes. Buscam no passado o ideal do pioneiro para demarcar fronteiras, principalmente porque ressalta o “alemão” como trabalhador, contrapondo-o ao “brasileiro”, que tem fama de preguiçoso e relaxado.

Quando se referem ao pomerano como inferior, também justificam isso dizendo que os pomeranos, na Europa, eram vistos como servos dos latifundiários alemães, então, aqui ninguém quer ser reconhecido como “pomberano”, todos se julgam descendentes do “alemão legítimo”. Embora a maioria das pessoas fale o dialeto pomerano, justificam dizendo que aprenderam com as pessoas do lugar e quase nunca com a família. Quando sabem que existe um antepassado com origem pomerana, fazem questão de ressaltar a outra linhagem de família com descendência do “alemão legítimo”. Percebe-se, neste contexto, o que Erving Goffman diz sobre o estigma:

O indivíduo estigmatizado - terá motivos especiais para sentir que as situações sociais mistas provocam uma interação angustiada. [...] O indivíduo estigmatizado ou é muito agressivo ou muito tímido e que, em ambos os casos, está pronto a ler significados não intencionais em nossas ações.<sup>132</sup>

---

<sup>130</sup>ELIAS, N. & SCOTSON, J. *Os estabelecidos e os outsiders*. Sociologia das relações de poder a partir da pesquisa de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

<sup>131</sup> HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

<sup>132</sup> GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1989, p. 27.

Para se afirmarem como grupo, os “alemães” estigmatizam os “brasileiros”, destacando suas falhas e defeitos. O estigmatizado sempre é o outro, como *o pomerano que é o pobre, o brasileiro que é o relaxado*. Hoje o pomerano também estigmatiza o outro, quando destaca suas “qualidades”, pois, em alguns depoimentos, aparecem frases como *a diferença entre o pomerano e o alemão, é que o pomerano é mais trabalhador que o alemão*. Ainda em Goffman:

É claro que o indivíduo constrói a imagem que tem de si próprio a partir do mesmo material do qual as outras pessoas já construíram a sua identificação pessoal e social, mas ele tem uma considerável liberdade em relação aquilo que elabora. O conceito de identidade social nos permitiu considerar a estigmatização. O de identidade pessoal nos permitiu considerar o papel do controle de informação na manipulação do estigma. A idéia de identidade do eu nos leva a respeito do estigma e sua manipulação, e nos leva a dar atenção especial à informação que ele recebe quanto a essas questões.(...) Ligada a esse tipo de estratificação auto-evidente, que está a questão das namoradas e esposa ocorrerão dentro de seu próprio grupo ou “do outro lado alianças sociais, ou seja, se a escolha que o indivíduo faz de amigos, da linha”.<sup>133</sup>

Para estigmatizar o outro grupo, tanto os “alemães” quanto os “brasileiros” usam termos pejorativos, que atingem a imagem do outro. Sempre destacando o seu papel na sociedade como ordeiros, organizados, religiosos, os “alemães” sempre destacam o conhecimento como um dos diferenciais em relação aos “brasileiros”, pois estes, segundo eles, *não se preocupam em dar uma escola aos filhos*. Para os “alemães” é tão importante e significativa a escola quanto a Igreja. Muitas vezes, escola e igreja são construídas no mesmo local. A própria igreja serve de escola, e o professor, na maioria das vezes, é o próprio pastor da comunidade. Sem esquecer aí o estudo da língua alemã, fundamental na preservação da germanidade, distintivo de grupo.

Como levo em consideração o que Friedrich Barth escreve sobre grupo étnico, uma categoria na qual os significados são dados pelo próprio grupo e pelos indivíduos, constato que os “alemães” são aquelas pessoas que se autodenominam “alemães”, que rememoram tradições e conceitos de uma Alemanha que não existe mais, mas que está presente na memória dos imigrantes e seus descendentes. O ideal do pioneiro está presente para demarcar fronteiras,

---

<sup>133</sup> GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1989, p. 117/118.

principalmente porque ressalta o “alemão” como trabalhador, contrapondo-o ao “*brasileiro*”, que tem fama de preguiçoso e relaxado, como demonstram alguns dos entrevistados. Em Bourdieu, percebemos que “as categorias, segundo as quais um grupo se pensa, e segundo as quais ele representa sua própria realidade, contribuem para a realidade do próprio grupo”.<sup>134</sup> O que me interessa, portanto, é perceber quem são as pessoas que se identificam como “alemães”, por que elas estão agindo para formarem uma identidade de um grupo? Para isso, é preciso destacar as diferenças do grupo com o qual têm mais contato, no caso, o dos “brasileiros”. Neste contexto, analiso também a construção de uma identidade “pomerana”. Se interpelado por mim, o entrevistado no primeiro momento é “alemão”, mas quando pergunto sobre os “pomeranos”, neste momento, passa a ser “pomerano”, embora algumas vezes queira reforçar a identidade de “alemão legítimo”? É visível como os indivíduos podem usar as identidades que mais lhes convêm. Em uma entrevista, a mesma pessoa que usa termos pejorativos para os “pomeranos”, em seguida, quando pergunto se tem pomeranos na sua família, diz-me que *a não ser pelo lado da vó, pelo resto é tudo pomberano. Só minha avó que era alemã. Mas de repente vêm tudo ser mesma coisa.*

Os entrevistados mostram que foram muitas vezes estigmatizados pelos “brasileiros”, principalmente por causa do sotaque. Mesmo nunca tendo morado ou ido à Alemanha, descendentes de alemães conservam o sotaque característico de quem fala alemão. Bourdieu exemplifica esse fenômeno:

Num registro mais profundo, busca de critérios “objetivos” da identidade “regional” da identidade “étnica” não deve fazer esquecer que, na prática social, tais critérios (por exemplo, a língua, o dialeto, o sotaque) constituem o objeto de representações mentais – vale dizer, de atos de percepção e de apreciação, de conhecimento e de reconhecimento, em que agentes investem seus interesses e pressupostos – e de representações objetivas, coisas (emblemas, bandeiras, insígnias etc.) ou atos, estratégias interessadas de manipulação simbólica tendente a determinar a representação (mental) que os outros podem construir a respeito tanto dessas propriedades como de seus portadores.<sup>135</sup>

Segundo os entrevistados, quando eram crianças, sofriam com as provocações das crianças “brasileiras”, que os chamavam de “alemão batata”, entre outros apelidos. Quando são

---

<sup>134</sup> BOURDIEU, P. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: EDUSP, 1996, p.123

<sup>135</sup> Ibid. p.107-108.

interpelados sobre a questão do preconceito, os entrevistados não gostam de responder. Mas o senhor Walter Theil declara que o preconceito ocorre muito devido à religião, à língua e aos costumes diferentes, e ressalta que *depende da gente tratar os outros*. Segundo ele, *os alemães tiveram mais problemas porque tinham dificuldade de aceitar os “brasileiros” como diferentes, era um tipo racista um contra o outro* (Walter Theil, 07/02/2004). Embora, no passado, ser “alemão” não fosse visto com bons olhos, hoje a germanidade está diretamente associada à idéia de trabalho, ordem e progresso. Em Barth,

descobre-se que relações sociais estáveis, persistentes e muitas vezes de importância social vital, são mantidas através das fronteiras e são frequentemente baseadas precisamente nos estatutos étnicos dicotomizados (...) as diferenças culturais podem permanecer apesar do contato inter-étnico e da interdependência dos grupos<sup>136</sup>.

Em 2004, quando iniciei as entrevistas, não via as pessoas gostando de serem reconhecidas como “pomeranos”, no entanto, em 2007, presenciei a evocação da cultura pomerana na *Koloniefest*. O organizador da festa, que se realiza em 25 de julho – referência a chegada dos imigrantes alemães a São Leopoldo, em 1824 –, destacou a importância da cultura e mostrou até uma bandeira, dizendo que era da Pomerânia. Este fato interessou-me, porque toda vez que as pessoas se reconheciam “alemães legítimos” faziam referência aos “pomeranos” e diziam que estes eram “um povo sem bandeira”. Quando entrevistei a comissão que organizou a festa, várias vezes eles destacaram que os “pomeranos” não eram alemães, mas que haviam sido germanizados por volta do século XV. Mas, em outros momentos, referiam-se a eles como “alemães”. Além disso, não abriam mão festa ser dia 25 de julho, dia reconhecido pela chegada dos alemães. Veja no depoimento a seguir:

*Inclusive naquela época não era feriado, em Canguçu, no dia 25 de julho, tentando preservar a data que é data da imigração alemã. Embora agora a gente não tenha nada a ver com os alemães. Os Pomeranos foram germanizados, em 1432, mas eram descendentes dos eslavos. Só que até pouco se tinha, como se fosse um dialeto o pomerano do alemão. Mas na verdade não. Eles ficaram sobre a proteção dos alemães, dos germânicos e mantiveram sempre sua identidade própria* (Nilso Pinz, organizador da Koloniefest. Entrevista realizada em 28/07/07).

---

<sup>136</sup> BARTH, F. *Grupos étnicos e suas fronteiras*. IN: POUTIGNAT STREIFF-FENART, J. Teorias da Etnicidade. São Paulo: ed. da UNESP, 1998, p. 188.

Embora a *Kolonifest* seja conhecida como a “festa do colono” e sempre associada à cultura germânica, o público que comparece é variado, com muitos descendentes lusos e negros. Muitas pessoas aguardam o ano inteiro, ansiosas pelo dia da festa, pois é um grande acontecimento. Pessoas de várias localidades se deslocam até o Herval, – onde fica o salão da família Venske, local onde ocorre o evento há muitos anos – chegam de caminhão, ônibus, moto, carro ou a pé. A festa se caracteriza por ter vários estandes de lojas e estabelecimentos do município e de outras cidades. Durante o evento, são sorteados alguns brindes fornecidos pelos patrocinadores. Em algumas ocasiões até motos foram sorteadas. As atrações se resumem ao desfile com cenas da imigração e uma “bandinha” local tocando músicas reconhecidas como germânicas a tarde toda. À noite se realizam dois bailes, um no salão antigo, da senhora Vanda Venske, onde toca a “bandinha” e no salão da frente, do Paulinho, genro da senhora Vanda. O baile é animado por uma “discoteca”<sup>137</sup>, que toca os sucessos atuais. Veja a foto a seguir que mostra o grande número de pessoas que compareceu a festa no dia 25/07/07, embora fosse um dia frio e com muito vento.

---

<sup>137</sup> As discotecas são conjuntos de equipamentos de som potentes e animadas por um DJ e tocam os sucessos do momento.



Foto 6: *Koloniefest* em 25/07/07. Arquivo pessoal.

A banda Vibrason animou o evento durante toda tarde e é conhecida na região por tocar músicas germânicas. Há entre seus membros um negro, Sandro, que também foi entrevistado por mim. A Banda Vibrason foi fundada por Carlos Lemke, que também é um dos entrevistados desta pesquisa. Na foto a seguir tem-se uma imagem da Banda Vibrason:





Foto 7: Banda Vibrason na *Koloniefest* em 25/07/07. Arquivo pessoal.

Na festa o grupo tocou basicamente músicas de origem germânica. Além de músicas de outras “bandinhas”, o grupo tocou uma música que Carlos escreveu para sua avó e que ressalta as dificuldades da imigração e o orgulho dela de ser alemã:

A valsa da Vovó Elfrida

Carlos Alberto Lemke

[Introdução]

Quando eu toco esta valsa  
Recordo meus ancestrais  
Eles vieram de longe  
Num tempo que não volta mais  
Foram dois meses sofridos  
Viajando em um navio  
Saíram lá da Alemanha  
Em direção ao Brasil

[Estribilho]

A valsa da vovó Elfrida  
Como essa ninguém nunca viu  
Ela trouxe lá da Alemanha

A valsa para o Brasil

[Solo]

quando toco esta valsa  
recordo meus ancestrais  
eles vieram de longe  
num tempo que não volta mais

eles saíram da guerra  
em busca de muita paz  
foram meus velhos avós  
que geraram meus pais

[estribilho]  
a valsa ....1 vez.

Esta música representa o ideal do pioneiro, tão citado neste texto, reforça a germanidade e as dificuldades da viagem, mostra uma saudade de uma Alemanha em guerra, mas que está presente na vida dos imigrantes. A banda é composta por membros que se reconhecem com “alemães” e um “negro”. É conhecida por tocar músicas de “bandinha”. Fiquei curiosa sobre o repertório, já que o próprio Carlos disse que os bailes de “alemães” estão diminuindo. Então, quando perguntei para o Carlos como escolhia o repertório, respondeu-me:

*a gente primeiro escuta nas rádios as músicas mais rodadas no momento e que se encaixem no repertório. É selecionado e gravado em cd. Tudo no computador em casa, antigamente era tudo na base da fita. Hoje, tu procura no computador e diretamente nas rádios e consegue gravar. Cada um leva o cd pra casa, escuta a música e depois junta o pessoal uma vez por semana e faz a montagem e deixa tocar (...). O estilo da banda é germânico, mas é variado, é puxado pra esse lado. Em torno de 80 % é germânico. O ritmo é sempre germânico. O público é mais alemão, ainda. Apesar de estar modificando muito. Ainda tem bastante procura. Não é como no início, há dez anos atrás. Os bailes eram só com banda, hoje tem as discotecas. Procuram mais as discotecas (entrevista em 29/04/07)*

Nesta entrevista, consigo perceber que a cultura germânica na região ainda seja resistente, mas está começando a sofrer influência de outros estilos. E, de certa forma, o mundo globalizado está agindo nas identidades locais e elas também estão sendo transformadas.

Na “festa do colono”, como em outras comemorações de culturas imigrantes, existe uma memória reinventada, uma saudade de algo que nunca se conheceu, mas que tem significado para os grupos envolvidos. Embora na *Koloniefest* tenha se ressaltado a identidade “pomerana”, ainda está relacionada ao ser “alemão”, pois estão há muito tempo vinculadas. E mesmo que a identidade “pomerana” esteja começando a ter visibilidade em Canguçu, ainda é difícil para as

pessoas se assumirem como “pomberanos”. Mas em São Lourenço do Sul, na entrada do município, às margens da BR 116, há um outdoor, onde está escrito: “A cidade mais pomerana da região sul”. Isto me mostra a idéia de exaltação de uma identidade pomerana que está sendo reforçada no município.

A diferença “alemão legítimo” e “pomberano” não os coloca em grupos étnicos diferentes. Para Max Weber, “as razões da separação étnica são diferenças drásticas: 1º) comunidade lingüística; 2º) homogeneidade da regulamentação ritual da vida, condicionada por idéias religiosas parecidas”.<sup>138</sup> Neste sentido, alemães e pomberanos compartilham os mesmos valores e, como são representações, até mesmo o dialeto é compartilhado. Por isso, cito Max Weber novamente: “as diferenças de dialeto e de religião não excluem o sentimento de comunhão étnica, mas as diferenças estamentais, relacionadas às diferenças de honra e dignidade”.<sup>139</sup> Mesmo os descendentes germânicos católicos são considerados fazendo parte do grupo “alemães”. Embora hoje exista, por parte de alguns, a tentativa de “inventar” uma identidade “pomerana” desvinculada da identidade “alemã”, parece que quando questionados sobre isso os depoentes dizem “‘alemão’ e ‘pomberano’, isso é tudo a mesma coisa”.

Mas não é só em festas e comemorações que o grupo “alemães” está tentando manter a identidade germânica. O senhor Valdir Penning, por exemplo, conta que ensinou primeiro a filha a falar “pomberano” para depois o português. Veja:

*Eu só tenho uma filha. Ela até nem tá em casa, foi no vizinho. Foi numa festa. Tem 15 anos, fala pomberano. A primeira coisa eu ensinei ela a falar em pomberano porque depois de saber a Língua Portuguesa é muito mais difícil depois de mais grande atingir essa facilidade (entrevista em 29/04/07).*

Mesmo nunca tendo conhecido a Alemanha ou a Pomerânia, estas ainda são referencias para o senhor Valdir, tanto que quer preservar isso com sua filha. A germanidade por muitos autores tem sido associada às mulheres, pois estas ensinam os filhos a falar e os valores familiares. A filha de Carlos e Marli também está aprendendo o “alemão”.<sup>140</sup> Diferente da filha

---

<sup>138</sup> WEBER, Max. *Relações comunitárias étnicas*. IN: WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Brasília: Editora da UNB, 2000. Volume 1, 4ª ed., p. 271.

<sup>139</sup> WEBER, Max. *Relações comunitárias étnicas*. IN: WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Brasília: Editora da UNB, 2000. Volume 1, 4ª ed., p. 272.

<sup>140</sup> Entenda-se por “alemão” o dialeto pomberano.

do senhor Valdir, ela está aprendendo o dialeto agora com a mãe e a avó. Marli me conta como a filha está aprendendo:

*Eu, o alemão léítimo eu não entendo nada. Porque eu sei quem é fala é só a bisa. Pomberano eu entendo e falo tudo, só os números que eu não entendo. A minha filha também não entende os números, mais que 10. As crianças quando nascem falam quase só pomberano. No prezinho a professora tem dificuldade de se comunicar com eles. A nossa está aprendendo o alemão agora (entrevista em 29/04/07).*

É preciso entender que, como diz Boaventura Santos<sup>141</sup>, as identidades são híbridas, porque já foram transformadas. Além disso, também tem de lembrar que as identidades, num mundo globalizado, além de híbridas, são construídas socialmente, com a ação passiva ou consciente dos atores e dos grupos sociais.

No jogo das identidades, para Stuart Hall<sup>142</sup>, elas são contraditórias, se cruzam e se deslocam. Para o autor, “as identidades atuam tanto ‘fora’, na sociedade, atravessam grupos políticos estabelecidos, quanto ‘dentro’ da cabeça de cada indivíduo”.<sup>143</sup> Neste sentido, “uma vez que a identidade muda, na maneira como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganha ou perdida”.<sup>144</sup> Algumas vezes as pessoas ora se identificam como “alemães”, ora como “pomeranos”, depende do contexto que são questionados e qual identidade precisa ser afirmada. Por isso, Stuart Hall complementa que “em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar em identificação”.<sup>145</sup> Nesta pesquisa é importante ressaltar que, embora, a pós-modernidade esteja produzindo um mundo globalizado, existe também uma reafirmação de identidades locais ou regionais, e que muitas vezes “há uma fascinação pela diferença e com a mercantilização da etnia e da ‘alteridade’”.<sup>146</sup> Segundo o autor, junto com o impacto global, está surgindo um novo interesse pelo local. E, ao reforçar as

---

<sup>141</sup> SANTOS, Boaventura de Sousa. *Modernidade, identidade e cultura de Fronteira*. In: Revista Crítica de Ciências Sociais- n.º 38. Coimbra, Dez 1993, p. 11-39.

<sup>142</sup> HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A,1997.

<sup>143</sup> Ibid. , p.22.

<sup>144</sup> Ibid. , p.22.

<sup>145</sup> Ibid., p. 42.

<sup>146</sup> Ibid. , p.83.

identidades locais, as pessoas também podem estar tendo vantagens econômicas como o turismo histórico ou rural.

Por isso, parece que, evitando que seus descendentes casem com pessoas de outras etnias, os “alemães”, por exemplo, ao que parece, podem estar tentando recriar e rememorar suas tradições da antiga pátria, a Alemanha, que em termos de território e cultura está bem diferente de quando os seus familiares migraram para o Brasil. No entanto fazem questão de reafirmar tradições daquela época, muitas vezes afastadas por várias gerações.

Talvez os “alemães” estejam tentando manter a identidade, mesmo fora da Alemanha, destacando as diferenças entre “eles” e os “brasileiros”. Por isso, Catroga<sup>147</sup> sugere ao pesquisador questionar quem quer recordar o quê? Por que quer recordar? Além disso, deve-se pensar que papel social este indivíduo ocupa dentro de seu grupo e o que deve ser esquecido nesta seleção de lembranças. Neste sentido, seria necessário aos “alemães” rememoram fatos que seriam engrandecedores para o seu grupo étnico, e por isso a necessidade de se diferenciarem do grupo com que têm mais contato, os “brasileiros”.

Mas, mesmo tentando preservar a identidade étnica diferenciando-se de outros grupos, os “alemães”, da Solidez, têm um comportamento diferenciado em relação aos “negros”, pelo menos em relação àqueles moradores da localidade e membros da Congregação Manuel do Rego. Segundo algumas entrevistas, “alemães” e “negros” na Solidez mantêm relações de trabalho e amizade bem fortes. Por isso, trabalhei neste capítulo somente a construção de identidades étnicas associada à germanidade para tratar dessas relações interétnicas no terceiro e último capítulo.

---

<sup>147</sup> CATROGA, Fernando. *Memória, História e Historiografia*. Coimbra, Quarteto, 2001.

#### 4 - “Negro é negro”: a construção de identidades quilombolas

Ao aprofundar a pesquisa, e com a aproximação dos grupos ficando cada vez maior, vai se observando outras relações que antes não eram percebidas. Um exemplo disso são as relações dos “alemães” com os “negros”. Descobre-se que alguns negros, moradores do município de Canguçu, falam ou entendem o dialeto pomerano. Além disso, a congregação luterana Manuel do Rego chama atenção, pois é uma congregação em que a maioria dos membros é negra. E isso causa certo estranhamento, porque a Igreja Luterana do Brasil sempre foi conhecida como “a igreja dos alemães”.<sup>148</sup>

O que pensar, então: se os “alemães” são “racistas”, como os negros aprenderam o pomerano, como fundaram uma congregação na “igreja dos alemães”? A partir desses questionamentos, foi necessário encontrar depoentes negros que falassem o pomerano e também conhecer um pouco mais sobre a congregação Manuel do Rego.

Na elaboração deste capítulo, utilizei-me de entrevistas de pessoas reconhecidas como negras, que pertencessem à congregação Manuel do Rego ou que falassem o “pomerano”. Também me utilizo de falas de entrevistados que se reconhecem como “alemães” ou “brasileiros”, que fossem moradores da localidade de Solidez. Neste capítulo, vou usar a representação “alemães” ao me referir aos “pomberanos”, já que a maioria dos moradores da localidade é descendentes de pomeranos, mas se reconhecem e preferem ser chamados de “alemães”.

O fato de que “negros” falavam alemão pode ser exemplificado ainda no século XIX. Paulo Moreira encontra um artigo de jornal que oferece um escravo para venda, destacando as “qualidades do escravo”, na qual enfatiza que sabe falar alemão. Segundo o autor,

---

<sup>148</sup> Não é por acaso que a igreja luterana, em geral, é considerada a “igreja dos alemães”. Segundo René Gertz, “na história das confissões protestantes no Brasil a historiografia costuma distinguir três tipos de protestantismo: protestantismo de imigração, protestantismo de missão e protestantismo pentecostal. Apesar de que a ala do luteranismo que hoje constitui a Igreja Evangélica Luterana do Brasil tenha sua origem na atuação de missionários norte-americanos, que desde o início do século XX sempre de novo enfatizaram que sua atuação nunca visou especificamente à população de origem alemã, chegando, inclusive, a ter comunidades constituídas exclusivamente por afro-brasileiros – a verdade é que o luteranismo, como um todo, continua a caracterizar-se, até hoje, por membros de sobrenome alemão”. GERTZ, René. Os luteranos no Brasil. *Revista de História Regional* 6(2): 9-33, Inverno 2001, p. 13.

apareceu um caso certamente raro mas não necessariamente único, tendo um vista a sua especialização profissional: era oferecido para a venda um escravo preso na cadeia de Porto Alegre por 800\$000 réis (que no Rio de Janeiro rendia 60\$ réis mensais de jornal), perfeito litógrafo, sabia ler e escrever e entendia ‘bem o francês e alguma coisa do alemão’ (MCSHC – *Jornal Mercantil*, 16 de abril de 1863)<sup>149</sup>.

Embora fosse proibido pelas leis brasileiras, durante o período imperial, que os imigrantes tivessem escravos, Mario Maestri mostra a presença de escravos em regiões de colonização alemã:

No século 19, Porto Alegre transformou-se no principal centro de distribuição de mercadorias da Depressão Central. Em 1824, a localização de colonos alemães nas proximidades de Porto Alegre fortaleceu o dinamismo da aglomeração. Veremos oportunamente que cativos negros eram utilizados sistematicamente no transporte aquático.<sup>150</sup>

Zilá Bernd e Margaret Bakos também escrevem sobre a presença de escravos em regiões de colonização alemã. As autoras dizem que, embora fosse proibida a presença de escravos na região colonial, não havia nada que proibisse a entrada de novos escravos por imigrantes. Segundo as autoras,

uma série de leis, logo em seguida, proibiram terminantemente a introdução de escravos negros nas colônias que se formassem no Rio Grande do Sul. Contudo, logo que elas se elevavam à categoria de vilas, libertando-se dos regulamentos coloniais, os escravos apareciam.<sup>151</sup>

Portanto, essa idéia de “negros” em região de colonização alemã não é nova, assim como alguns negros tenham aprendido a falar o alemão, no entanto, uma congregação luterana somente de membros negros é algo que soa com um certo estranhamento. Além disso, vários “negros” em Canguçu são reconhecidos por falarem o “alemão”, ou seja, o dialeto “pomerano”, mas de alguma forma todas as pessoas pesquisadas estavam ligadas ao distrito de Solidez, onde se localiza a Congregação Manuel do Rego. Desta forma, faz-se necessário

---

<sup>149</sup> MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. *Os cativos e os Homens de bem: experiências negras no espaço urbano*. Porto Alegre 1858 – 1888. Porto Alegre: EST Edições, 2003, p. 178.

<sup>150</sup> MAESTRI, Mário. *O escravo no Rio Grande do Sul: trabalho, resistência e sociedade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006, p. 48.

<sup>151</sup> BERND, Zilá; BAKOS, Margaret. *O Negro: consciência e trabalho*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1991, p.43.

conhecer um pouco da história dessa congregação, para se entender as relações interétnicas desse lugar.

### **A história da Congregação Manuel do Rego**

Ao conhecer um pouco a história dessas pessoas, ficava me questionando por que “os negros” da Solidez não haviam fundado uma associação religiosa afro-brasileira em vez de se associarem à igreja luterana. Primeiro, tenho de analisar o contexto da fundação da congregação e também perceber que a associação a uma igreja de “brancos” poderia ser uma forma de integração. Beatriz Ana Loner escreve algo semelhante em relação ao catolicismo: “sua participação nas religiões afro-brasileiras auxiliava o encontro e a valorização de suas raízes africanas, ao passo que a religião católica servia de esteio para a integração na sociedade e luta contra a opressão”.<sup>152</sup> Zilá Bernd e Margaret Bakos também citam a presença de negros nas confrarias, pois estas

a exemplo das irmandades dos brancos, deviam prestar assistência aos membros da comunidade, nos períodos de doenças, propiciar-lhes enterros cristãos, comprometendo-se com a libertação dos escravos.

Para os negros livres ou libertos, participar das rezas e festejos era importante, assim como ser indicado como rei ou rainha de uma confraria. Como a sociedade escravocrata era muito rígida, a confraria era uma forma de conquistar um melhor espaço social, pois eram as únicas instituições abertas a homens e mulheres negros.<sup>153</sup>

A partir de entrevista com o pastor que atende à congregação, Edgar Quandt, soube que a Manuel do Rego foi fundada em 1927. Pois, segundo o pastor, a outra, da Solidez, teria sido fundada em 1918 e tinha entre seus membros a maioria de “alemães”, moradores da localidade. No entanto, o pastor Augusto Drews notou que o comércio local, que ficava bem próximo da Igreja, era freqüentado também por negros. O pastor, então, os teria convidado para participarem dos cultos. Até que num dia, um negro assistiu da porta ao culto. Essa história também é contada pelo pastor Drews, no anuário *Lar Cristão*, de 1966. Relata como foi para a

---

<sup>152</sup> LONER, Beatriz Ana. Associações negras. IN: LONER, Beatriz Ana. *Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)*. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária – UFPEL, 2001, p. 243.

<sup>153</sup> BERND, Zilá; BAKOS, Margaret. *O Negro: consciência e trabalho*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1991, p. 23.



Solidez, para realizar o trabalho de pastor missionário. O pastor August Drews narra o que encontrou:

uma pequena congregação de 8 membros votantes, uma pequena capela erigida de tijolos não queimados, com apenas uma porta, uma janela e algumas classes. Ali, durante certo tempo, se realizavam os cultos dominicais e, durante a semana, as aulas da escola. Realmente tudo representava humildade. Os cultos realizavam-se em língua alemã.<sup>154</sup>

No trecho anterior o pastor estava se referindo à congregação que hoje é chamada Redentora da Solidez, reconhecida como a congregação dos “alemães”. No entanto, o pastor também era responsável por realizar uma missão com os “negros” da localidade, sobre isso Drews narra no anuário:

Por um certo tempo, não tivemos visitantes nos cultos, a não ser um velhinho da gente de cor, de nome Manuel Leal, e este mesmo não entrava no recinto, mas ficava na porta, observando dali o que ocorria dentro da capela. Ao meio-dia o sr. Manuel acompanhava um dos membros para almoçar. Com o correr do tempo apareceram mais pessoas da gente de cor nos cultos, que ainda eram realizados, em língua alemã. Nesta altura, procurei atender também estas pessoas com cultos no vernáculo, criando-se assim um núcleo de missão.<sup>155</sup>

Segundo o senhor Getúlio, que é um dos membros mais antigos da congregação, os negros nesta época participavam dos rituais religiosos separadamente dos alemães. Até que houve uma briga na frente da Igreja e os negros foram considerados os culpados. Esse fato, segundo o senhor Getúlio, teria sido a “gota d’água”, e a partir daí teriam se retirado da Igreja e resolveram fundar sua própria congregação. Teriam comprado um terreno do senhor Emilio Willi e construíram a Igreja, que abrigou a Congregação Manuel do Rego. No anuário de 1966, encontra-se a versão contada pelo pastor Drews:

O culto no vernáculo, com um programa adequado, foi designado para o dia 25 ao anoitecer. A missão, nesta altura, já contava com algumas famílias da gente de cor, moradores das vizinhanças da localidade. No dia determinado, já durante a tarde inteira, havia se reunido numeroso povo, aguardando a hora do início do culto, e entretendo-se perto da venda. Em vista disso resolvi ir, muito antes da hora marcada, com minha família à capela. Ao chegarmos a uma encruzilhada, avistei o povo que talvez excedia o número de 100 pessoas, e pensei comigo: – Tomara que tudo corra

---

<sup>154</sup> *Lar Cristão* – anuário editado pela Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia S.A. ano XXVII, 1966, p. 71.

<sup>155</sup> *Lar Cristão* – anuário editado pela Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia S.A. ano XXVII, 1966, p. 71.

bem! Mas qual! Ao deixarmos a estrada e nos aproximamos da capela, houve algum desentendimento entre o povo que lentamente, qual uma procissão, ia se aproximando da capela e, em dado momento, estava engalfinhado numa tremenda luta em que os argumentos eram fortes porretadas e golpes. A luta durou uns 20 minutos ou mais. Felizmente não houve mortos. A vista deste espetáculo pavoroso desisti de realizar a festa de Natal, pois certos elementos de fora, provavelmente já alcoolizados, quiseram trazer a limpo questões de outros tempos (...). Além disso a maioria dos membros da congregação resolveu que doravante a gente de cor não deveria ter mais direito ao ingresso na capela.<sup>156</sup>

Nas versões do senhor Getúlio e do pastor Drews, dá para perceber que já existiam animosidades entre os membros da congregação e “a gente de cor”, chamada a freqüentar a igreja devido a missão. O episódio da celebração de Natal parece ter sido somente um motivo para que a “gente de cor” não pudesse mais participar dos cultos.

O pastor Drews, que tinha a missão de conseguir mais membros para a igreja, segundo seu texto no anuário, resolve visitar as famílias da missão e sugerir a construção de uma capela própria. Segundo ele,

todas as famílias concordaram, circulando entre elas a seguir uma lista para angariar fundos para a construção. O total de assinaturas chegou a 125 mil réis. Um terreno, em lugar próprio de mais ou menos ½ ha de terra, nos foi doado pelo então membro da congregação, sr. Emilio Willi. Este terreno distava 25 minutos da outra capela. De irmãos na fé de diferentes lugares, tínhamos recebido auxílios em dinheiro para a nova construção.<sup>157</sup>

A Congregação Manuel do Rego, segundo informações do sr. Getúlio, do pastor Quandt e do texto do pastor Drews, foi fundada no dia 30 de novembro de 1927, quando os membros receberam a confirmação da instrução recebida pelo pastor Drews. A foto abaixo mostra a Igreja hoje:

---

<sup>156</sup> Ibidem, p. 71/72.

<sup>157</sup> *Lar Cristão* – anuário editado pela Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia S.A. ano XXVII, 1966, p. 72.



Foto 8: Frente da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, congregação Manuel do Rego, arquivo pessoal em 25 de julho de 2007.

Hoje a Congregação Manuel do Rego é identificada pelos moradores da região como “a igreja dos negros”, ou ainda, “aquela igreja que tem coral dos negros”. O pastor Quandt diz que o coral dos negros foi fundado em 1934 e que se tornou uma identificação da congregação. Mesmo que o coral de “negros” os tenha identificado, é numa igreja de “alemães” que estão inseridos. Sobre isso Beatriz Loner escreve:

A idéia de integração está muito presente nas associações negras, que desenvolveram formas e rituais extremamente complexos e semelhantes aos dos brancos, como forma de provar, através do requinte e sofisticação de suas práticas, que também eles podiam ser altamente requintados.<sup>158</sup>

A fundação da congregação está justamente associada à ausência de espaços que pudessem freqüentar, já que tinham sido hostilizados na Congregação Redentora da Solidez.

---

<sup>158</sup> LONER, Beatriz Ana. Associações negras. IN: LONER, Beatriz Ana. *Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)*. Pelotas: Editora e gráfica universitária – UFPEL, 2001, p.266.

Pertencer a uma associação religiosa colocava-lhes a possibilidade de ascensão no grupo social.

Os membros da congregação são de maioria negra, têm ainda três famílias conhecidas como “os brasileiros”, e a D. Adolfinha, que é conhecida como “alemã”. O coral de negros é misto, ou seja, participam homens e mulheres com idades variadas. Fazem questão de ressaltar que todos os membros do coral são negros.

Como o coral de certa forma tornou-se uma identificação da congregação, o pastor Edgar Quandt diz que isto dificulta a integração das duas congregações da localidade: a Manuel do Rego e a Redentora. Na visão do pastor,

*agora, por exemplo, existe uma tentativa nossa de juntar as duas congregações e não é fácil. Eles querem preservar a hegemonia deles. Não querem juntar. Uma também é por causa do coral. O coral já é bastante conhecido na volta e em todo Brasil. Fomos convidados para cantar em Brasília, em Porto Alegre, em Erechim e Passo Fundo. Infelizmente não deu pra ir. As pessoas são muito pobres e o custo é muito alto. Eu acredito que em vista do coral eles querem preservar a congregação (Pastor Edgar Quandt, entrevista realizada em 25/01/07).*

Segundo o pastor, o coral é motivo de orgulho para a congregação, os identifica como grupo étnico. Desde o período colonial, a idéia de fazer parte de associações religiosas demonstrava a vontade dos africanos de conquistar um espaço social. Para Carlos Eduardo Moreira, mesmo no século XVIII, ainda caracterizado pela escravidão, *filiar-se a associações religiosas demonstrava prestígio, já que tais espaços de sociabilidade eram muito valorizados na vida urbana.*<sup>159</sup> Guardadas as devidas distâncias de tempo e espaço, já que autor está se referindo a um contexto urbano, nos séculos XVIII e XIX, e a comunidade pesquisada é referente aos séculos XX e XXI, a religião pode ter sido usada para encontrar espaço de sociabilidade entre as pessoas em ambos os casos.

No caso da Congregação Manuel do Rego, não é difícil de imaginar as dificuldades enfrentadas para a inserção social na localidade. Um lugar conhecido principalmente pela imigração germânica, com uma cultura do trabalho predominante. Esses negros “pobres”, sem trabalho e com um pequeno pedaço de terra, tiveram de sobreviver em condições desiguais aos demais moradores da localidade. As diferenças sociais e econômicas aumentavam a

---

<sup>159</sup> MOREIRA, Carlos Eduardo [et al]. *Cidades negras: africanos, crioulos e espaços urbanos no Brasil escravista do século XIX*. São Paulo: Alameda, 2006, p. 104.

vulnerabilidade dos negros pobres e sua já dependência de pessoas com melhor situação econômica em um país onde quase tudo dependia, e depende, de redes de relações pessoais e da proteção dos mais poderosos.

### **A associação de quilombolas Manuel do Rego**

Em dois de dezembro de 1740 o Rei de Portugal, em resposta à indagação do Conselho Ultramarino, conceituava quilombo como sendo “toda a habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles”.

Clóvis Moura escreveu sobre a resistência do escravo negro no Brasil e afirmou que, se aceitássemos essa definição, o país teria se convertido praticamente “em conjunto de quilombos, uns maiores, outros menores, mas todos significativos para a compreensão da nossa história social” (Moura, 1981, p. 16).<sup>160</sup>

Mesmo depois da abolição, os negros tiveram de recorrer a estratégias de sobrevivência que dependeram de laços familiares, da solidariedade e da rede de trocas. Neste sentido, a expressão quilombola denota sentido diferente do que foi escrito há alguns anos. Para Ilka Boaventura Leite,

O ato de aquilombar-se, ou seja, de organizar-se contra qualquer atitude ou sistema opressivo passa a ser, portanto, nos dias atuais, a chama reacesa para, na condição contemporânea, dar sentido, estimular, fortalecer a luta contra a discriminação e seus efeitos. Vem, agora, iluminar uma parte do passado, aquele que salta aos olhos pela enfática referência contida nas estatísticas onde os negros são a maioria dos socialmente excluídos. Quilombo vem a ser, portanto, o mote principal para se discutir uma parte da cidadania negada.<sup>161</sup>

Portanto, ainda hoje o ato de “aquilombar-se” pode ser uma estratégia de sobrevivência, bem como a busca pela identificação. Neste mundo globalizado, segundo Stuart Hall, onde tudo parecia que ia ser homogeneizado, emergem identidades locais. Sobre essas identidades culturais Stuart Hall escreve:

---

<sup>160</sup> BERND, Zilá; BAKOS, Margaret. *O Negro: consciência e trabalho*. Porto alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1991, p. 11.

<sup>161</sup> Ilka Boaventura Leite, Quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas) pesquisa realizada no site UFSC no dia 7/09/07.

em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em *transição*, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado.<sup>162</sup>

Nessa busca de identidade e valorização de culturas locais, foi criada a associação de quilombolas Manuel do Rego, na localidade de Solidez, em Canguçu. Mas qual foi o caminho percorrido para, de uma congregação da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, tornar-se uma associação de quilombolas?

O senhor Abrelino Soares relatou em uma entrevista que foi numa apresentação do coral na inauguração da Coopal, no distrito de Iguatemi, na qual estava presente o vice-governador do estado do Rio Grande do Sul, Miguel Rosseto, que ficou admirado com o Coral de “negros” fazendo parte da Igreja Luterana. A partir do contato do vice-governador, foram encaminhados técnicos da Fundação Cultural Palmares para dar início ao reconhecimento da associação. A partir daí, foram muitos os contatos e as reuniões da Fundação Cultural Palmares para a associação começar a ser instituída.

De certa forma, os membros da congregação tinham razão ao não querer juntar as duas congregações, pois assim perderiam a identidade de grupo étnico, e foi justamente essa visibilidade que possibilitou o surgimento da associação.

A associação de quilombolas forja um novo pensamento sobre si mesmo, pois rompe com paradigmas anteriormente estabelecidos pelo grupo. Segundo o senhor Abrelino, primeiro presidente da Associação, a maior dificuldade foi de as pessoas se reconhecerem como negras, pois a idéia de ser “negro” era pejorativa. Segundo Paulo Moreira,

aumentaram os casos, à medida que se aproximava a data final do escravismo, de libertos que agrediam pessoas que insistiam em tratá-los com desrespeito, principalmente em espaços públicos como vendas e tabernas. Essas ações ofensivas geralmente detonavam comportamentos agressivos dos ex-escravos quando acompanhadas da palavra ‘negro’, que naquele momento representava a desconsideração da transposição da situação de cativo para ‘homem livre’.<sup>163</sup>

---

<sup>162</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1997, p. 95.

<sup>163</sup> MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. *Os cativos e os Homens de bem: experiências negras no espaço urbano. Porto Alegre 1858 – 1888*. Porto Alegre: EST Edições, 2003, p. 295.

Portanto, reconhecer-se como negro era complicado, porque estava associado à idéia de escravidão e submissão. Assumir a identidade negra teve de ser trabalhada pela Fundação Palmares, justamente para valorizar a auto-estima das pessoas e reforçar a sua negritude, pois a única forma de a associação acontecer era o reconhecimento da negritude de seus membros. Embora o ato de aquilombar-se, como escreve Ilka Boaventura Leite, seja hoje uma forma de proteger-se, é também uma dificuldade enfrentada pelos moradores da Solidez. Reconhecer-se como “negro” não é fácil, pois até então essas identidades estavam silenciadas. O senhor Abrelino me fala das dificuldades: *a maior dificuldade foi o pessoal aqui. Foi o mais difícil. O pessoal não aceitava. O pessoal tinha que aceitar ser negro e o pessoal não aceitava ser negro. Foi difícil conquistar ele.* Insisto no porquê dessa não aceitação, e a resposta que obtive foi a seguinte:

*eles sabiam que eram negros. Eles sabem que são negros, mas não gostavam que chamassem eles de negros. Mas tinham que ser da raça negra. Eles não queriam ser negros não. Queriam que chamasse de moreno. Moreno não é negro. Moreno é uma pessoa branca, de cor branca com pele escura. Isso é que é considerado uma pessoa morena. Negro é negro (Abrelino Soares, 2ª entrevista realizada em 06/10/07).*

A neta do senhor Abrelino, que também já havia sido entrevistada por mim, mas estava presente na segunda entrevista com seu avô, confirma essa dificuldade de aceitação: *tem gente que se ofendia se chamasse de negro. Tem gente que se ofende até hoje.* A palavra “negro” estava carregada de símbolos que estigmatizavam os indivíduos. Erving Goffmann explica como esses símbolos podem agir nos indivíduos estigmatizados:

A informação social transmitida por um símbolo pode estabelecer uma pretensão especial a prestígio, honra ou posição de classe desejável – uma pretensão que não poderia ser apresentada de outra maneira ou, caso o fosse, não poderia ser logo aceita. Tal signo é popularmente chamado de “símbolo de status”, embora a expressão “símbolo de prestígio” possa ser mais exata [...]. Símbolos de prestígio podem ser contrapostos a símbolos de estigma, ou seja, signos que são especialmente efetivos para despertar a atenção sobre uma degradante discrepância de identidade que quebra o que poderia, de outra forma, ser um retrato global coerente, com uma redução conseqüente em nossa valorização do indivíduo.<sup>164</sup>

Essa ruptura de paradigmas não é fácil para as pessoas envolvidas ao mesmo tempo que ser reconhecido como “negro” pode trazer ganhos econômicos e sociais, é necessário romper

---

<sup>164</sup> GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988, p. 53.

com símbolos de estigma preestabelecidos e que fizeram parte da construção de suas identidades, como serem chamados de “morenos”. Neste trabalho, analiso as identidades que são construídas a partir da contrastividade. A construção de identidades de “alemães”, “pomeranos”, “negros” ou “brasileiros”, foram construídas a partir de frases pejorativas relacionadas ao outro grupo. Grupo esse que deve ser diferente do “meu”. Neste sentido, a palavra “negro”, na localidade, foi usada como termo de diferenciação com denotação pejorativa. Hoje, aceitar-se como “negro”, embora se esteja valorizando a cultura e as tradições afro-brasileiras, não tem sido fácil para esse grupo. Pois até então, ser respeitado significava ser chamado de “moreno”.

Considerando as relações entre “alemães legítimos” e “pomeranos”, posso inseri-las no mesmo contexto, pois a palavra “pomberano”, até bem pouco tempo, também era símbolo de estigma, era associada à servidão e à miséria no continente europeu.

### **O contato com os alemães e pomeranos**

A história da Congregação Manuel do Rego me faz refletir sobre esse contato dos “alemães” com os “negros”, e aprofundar a pesquisa neste sentido. Como já citei anteriormente, como é comum ouvir falas em que os “alemães” são “racistas”, mas, por outro lado, também são comuns falas do tipo: *é branquinho lá com uma neguinha, um neguinho com uma branquinha*, ainda dizem que *os alemães são mais amigos dos negros do que dos brasileiros*. Mas quem são os “alemães” que casam com as “neguinhas”? A partir dessas falas, comecei as entrevistas e obtive as respostas mais variadas. Veja.

Alguns entrevistados me justificaram a proximidade maior de “pomeranos” e “negros” devido às dificuldades enfrentadas pelos dois grupos. Nilso me diz:

*eles vieram para uma colônia particular do Rheingantz, na verdade o pagamento pela cabeça de pomerano era pior que pela de negro. O negro eles pagavam lá pelo valor do navio, o pomerano eles pagavam pelos que chegavam aqui, então se morressem pelo caminho não pagavam. Eles vieram em condições muito semelhantes, mas não escravizados oficialmente (Nilso Pinz, entrevista em 28/07/07).*

Mas, neste contexto, deve-se considerar que, embora os “pomeranos” tenham enfrentado muitas dificuldades, eles são herdeiros de uma cultura do trabalho livre, de



pequenos proprietários, enquanto os “negros” são herdeiros de uma cultura em que o trabalho era escravizado. Mesmo sendo considerados “inferiores”, os “pomeranos” tinham liberdade e uma pequena propriedade. Mas, sem dúvida, o trabalho e as dificuldades econômicas e de inserção social podem tê-los aproximado. A situação dos pomeranos na Europa não era fácil, Giancarla Salamoni escreve sobre isso:

No caso específico da Pomerânia, terra de origem dos imigrantes objeto de estudo no presente trabalho, esta localizava-se na região oriental da Alemanha, sob o domínio do Império Prussiano. Nessa região, a transição do sistema feudal para o capitalismo teve início em 1807, quando o Estado Prussiano decretou a abolição definitiva da servidão camponesa. Contudo, a maior parte dos camponeses perdeu parte ou todas as terras que cultivava, sendo obrigada a se submeter ao trabalho nas propriedades senhoriais ou, então, buscar ocupação nas indústrias urbanas, engrossando a massa de deserdados que passaram a viver nas cidades. Além dessas possibilidades restava, ainda, a alternativa de migrar para a América, na busca de melhores condições de vida.<sup>165</sup>

As dificuldades de aceitação por parte de outros grupos pode ter aproximado “pomeranos” e “negros”, mas, além disso, as estratégias de sobrevivência foram necessárias aos dois grupos. A presença negra numa região de colonização germânica é compreensível, já que a sobrevivência precisa ser negociada. Flávio Gomes escreve sobre a proximidade de quilombos a outros grupos, pois, segundo o autor,

dentre as principais características dos quilombos destacamos a sua capacidade de articulação com vários setores sociais. Nunca se mantiveram isolados. Isso pode parecer uma constatação óbvia, mas não em termos de implicações teóricas. Essa capacidade de conexão dos quilombos foi, sem dúvida, mais ‘subversiva’ para uma sociedade que reproduzia homens e riquezas por meio de variadas formas de exploração e domínio. Nesse sentido, quilombolas forjaram-se – modificando e sendo modificados – no interior da própria escravidão. Devemos pensar também formas e sistemas econômicos, sociais e culturais.<sup>166</sup>

Essa capacidade dos quilombolas de se aproximarem de outros grupos como estratégia de sobrevivência, talvez tenha atenuado as diferenças entre os grupos. As dificuldades

---

<sup>165</sup> SALAMONI, Giancarla. A imigração alemã no Rio Grande do Sul – o caso da comunidade pomerana de Pelotas. *História em Revista*, nº 7. Núcleo de Documentação Histórica da UFPEL, dezembro de 2001.

<sup>166</sup> GOMES, Flávio dos Santos. *História de quilombolas: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro, século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 308.

enfrentadas durante o processo migratório e as condições de vida na Europa também podem ter interferido na aproximação de “pomeranos” e “negros”.

É obvio que em muitos momentos os grupos tiveram, e ainda têm, relações conflituosas, e isto também interferiu na forma de se identificarem. A Igreja, por exemplo, em alguns momentos, parece ter sido espaço de conflito, que pode ser representado pela fala citada anteriormente de seu Getúlio, e até mesmo o texto do pastor Drews. O senhor Getúlio lembra que os rituais eram separados para “alemães” e “negros”, na congregação Redentora, e que os “negros” se sentiam discriminados por isso. O pastor Drews também vai narrar que “assim continuou até o ano de 1923, quando planejamos festejar o Natal em dois cultos separados, apresentando em ambos uma catequese especial”.<sup>167</sup>

Um dos entrevistados, que é reconhecido como “negro”, acha que a existência das duas congregações é absurda, pois, para ele: *sempre achei aquilo muito errado, separar os brancos dos negros, os alemães dos brancos e dos negros. Hoje juntam quase sempre (...). Não sei como vão responder essa separação para o pai velho* (entrevista realizada em fevereiro de 2007).

No entanto, um dos diferenciais da congregação foi a atuação de um pastor “negro” durante as décadas de 50 e 60 (não tenho a confirmação da data). No texto do pastor Drews, ele destaca a presença de pessoas mais devotas e enfatiza o nome de João José Alves. São essas suas palavras: “mais tarde formou-se ministro de Deus em nosso Seminário Concórdia de Porto Alegre, assumindo então o serviço em Manuel dos Regos e, mais tarde, em Pelotas, onde veio a falecer há alguns anos”.<sup>168</sup> Além do pastor Drews, outros membros da congregação vão citar o nome do pastor João Alves. O senhor Getúlio destaca a atuação desse pastor na congregação. Mostra orgulho de dizer que o pastor João Alves era seu primo e que falava “alemão legítimo, inglês e latim”. Mas também diz que no início os membros da Congregação Redentora tiveram dificuldade em aceitar o pastor, e que só o aceitaram porque ele falava “alemão”. Além de atender às congregações, o pastor também foi professor dos filhos dos membros de ambas congregações e obteve o respeito de todos.

---

<sup>167</sup> *Lar Cristão* – anuário editado pela Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia S.A. ano XXVII, 1966, p. 72.

<sup>168</sup> *Ibidem*, p. 74.

Embora o contato entre “alemães” e “negros” esteja mais próximo, ainda são perceptíveis as diferenças econômicas e sociais entre os grupos. Isso fica visível nos prédios das duas congregações. A foto 9 da Congregação Manuel do Rego, mostrada anteriormente deixa evidente a simplicidade do prédio, no entanto a foto a seguir, da Congregação Redentora da Solidez, evidencia um prédio maior e mais “requintado”



Foto 9: Vista lateral da Igreja Evangélica Luterana do Brasil – Congregação Redentora da Solidez, arquivo pessoal, em 25/07/07.

Essas diferenças também ficam evidentes nas entrevistas. Um exemplo disso é a entrevista com Zaira, que me diz que o sonho dela era ter estudado e, no entanto, as dificuldades econômicas da família não possibilitaram isso. Hoje a filha estuda na cidade e projeta um futuro longe da comunidade, mas é uma das poucas que consegue estudar na cidade. Um outro entrevistado me disse que as dificuldades econômicas dos negros são mais evidentes. Ele reforça isso dizendo que:

*daqui poucos negros que estudam na cidade (...). Tem gurias aqui que são negras que não estudam. Não têm condições pra ir estudar na cidade. Em relação a isso, os*

*alemães completam os estudos no ensino fundamental aqui e vão pra cidade e tão estudando. Tem que ter condições, porque tem que se deslocar daqui até lá em cima. Pegar um ônibus lá em cima que vai para o colégio (entrevista realizada em 07/06/07).*

Esse mesmo entrevistado reforça que a maioria dos “alemães” vai para a igreja de carro ou de moto, enquanto os negros vão a pé, poucos têm moto ou carro. Mas, segundo os moradores da localidade, tanto para negros quanto para alemães essa situação está se modificando. A associação de quilombolas está trazendo melhorias para a vida dos associados. As entrevistas comprovam isso. Rogério, vice-presidente da Congregação Manuel do Rego, diz que

*com a associação de quilombolas eles se reuniram com outras associações e pressionaram o governo. Inclusive foi um dos primeiros lugares a fazerem o programa luz para todos justamente por isso. Melhorou com certeza, eram muito pobres. Teve gente que a casa era muito ruim e ganhou tijolos pra fazer casa e banheiro. Ganharam tela, adubo pra fazer horta (entrevista realizada em 07/06/07).*

O entrevistado acima não faz parte da associação, o depoimento é baseado nas informações das pessoas que freqüentam a igreja. O senhor Abrelino, que foi o primeiro, conta o que mudou na vida deles:

*Melhorou muito. Tem casa com banheiro. Por exemplo, essas aberturas [portas e janelas] é tudo do RSRural. Quem não tinha condições de comprar uma tábuas, hoje tem janelas. Quem não tinha condições de comprar um terneiro, tem uma vaca. Quem não tinha condições de comprar um carro-de-mão, ganhou carreta ou carroça. Ganharam adubo, calcário, terras, tudo. Melhorou muito (entrevista realizada em janeiro de 2007).*

O senhor Getúlio reforça que a associação melhorou a vida de muita gente, e dá exemplo:

*Foi muito bom para todos nós. Para muitas pessoas que precisam, o negócio da lavoura, o calcário conseguiu. Muitas coisas, tem gente que não podia fazer casa e agora tem. Naquela ali [aponta para uma casa adiante], eles não tinham condições. Era uma senhora renga. Tinha uma casinha mais pra cá, aí fizeram aquela casa pra ela (entrevista realizada em janeiro de 2007).*

Para formar uma identidade étnica, é necessário que exista, num determinado grupo, a idéia de pertença. Isto entre o grupo alemães foi possível, porque desde cedo, para enfrentar as dificuldades decorrentes da imigração, tiveram de se organizar em grupos. O pastor Edgar Quandt também fala como descendente de imigrantes germânicos, e numa entrevista reforça a unidade de comunidade entre os imigrantes. Segundo o pastor Quandt,

*desembarcaram em São Lourenço do Sul e vieram adentrando até Canguçu. Eles encontraram muita dificuldade, porque antigamente aqui havia campo e mato, tinham que desbravar essas terras. Cada um recebia sua propriedade. Eles trabalhavam em comunidade. A própria família era uma comunidade. Trabalhavam para o pai, até que ele viesse a falecer. Às vezes, mesmo antes de falecer distribuía os lotes para os filhos (...). Quando fundavam uma escola formava ali uma comunidade. Eles trabalhavam em torno daquela comunidade, formavam uma colônia (entrevista em 25/01/07).*

Entre os alemães, a igreja também manteve o grupo unido, e com isso preservou a germanidade, mesmo que isso não fosse o objetivo principal. Quando se fala em quilombolas, a situação não é muito diferente, já que para conseguirem sobreviver na pós-abolição, e mesmo antes, os negros tiveram de criar redes de solidariedade e pertença social, assim como os “alemães”, e a igreja parece ter sido uma dessas estratégias.

Na entrevista com a representante da secretaria municipal de Agricultura, percebo a valorização que ela dá às associações. Segundo Luciana Azevedo, os investimentos que estão sendo realizados em Canguçu são decorrentes, em grande parte, da organização e luta dos moradores. E, até agora, as entrevistas têm me mostrado isso. Os grupos foram unânimes em afirmar que a associação mudou a vida deles. Mas a congregação foi fundamental para manter o grupo unido e possibilitar a criação da associação de quilombolas Manuel do Rego.

A associação de quilombolas está tendo visibilidade na comunidade acadêmica, pois durante a 3ª edição da Jornada Práticas de Justiça e Diversidade Cultural promovida por um convênio UFRGS e UFPEL, em abril de 2007, os corais das duas congregações, Manuel do Rego e Redentora, apresentaram-se, e o presidente da Associação de quilombolas fez uma palestra durante o evento. O coral da Manuel do Rego, que é composto por homens e mulheres negros, é regido pelo pastor da Congregação, Edgar Quandt. O coral da Congregação Redentora é composto de vozes masculinas, mas tem entre seus membros alguns homens “negros” da Congregação Manuel do Rego, e é regido por Carlos Lemke. Vêem-se abaixo as fotos dos corais durante a apresentação.



Foto 10: Coral misto da Congregação Manuel do Rego, regente pastor Edgar Quandt. Foto do arquivo LEPARQ/UFPEL, por Marília Crosby

O pastor Edgar explica que a igreja não é mais só a igreja dos alemães:

*Esse dito popular que a ‘igreja luterana é a igreja dos alemães’, isto já se perdeu de uns dez anos pra cá. A concentração da nossa igreja é “Cristo para todos”. É claro que sempre devia ser assim, mas devido a esse fechamento, esse certo medo dos alemães de abrirem as portas para os outros, para receber outra cultura e outros costumes. Eles se fechavam muito, mas agora não. Com a municipalização da escola abrem-se também as portas da igreja e facilita bastante nos costumes, nas características do próprio ensino religioso. Na música também se vê a diferença. Agora os estilos musicais são outros, não é mais aquele estilo germânico de 1600 e 1700. Agora se prefere o estilo de hoje, como ritmos brasileiros (entrevista realizada em 24/01/07).*

Quando se refere ao estilo musical, o pastor está falando do coral da Congregação Manuel do Rego do qual é regente. Durante a apresentação no evento na UFPEL, o coral da Manuel do Rego teve um estilo mais “brasileiro”, no repertório estavam as músicas “Luar do

sertão”, a qual o pastor anunciou como música “tão brasileira”, a segunda música foi “escrava resgatada”, além de outras músicas em espanhol, e uma “canção folclórica”, que se chamava “Eu vou pra Bahia”. O repertório se caracterizou mesmo com músicas populares brasileiras. O pastor anuncia que não faz *show de bilheteria e que as músicas levam à salvação*. Os membros do coral, de idades variadas, alguns com idade bem avançada, se mostravam orgulhosos e felizes durante a apresentação.



Foto 11: Coral masculino da Congregação Redentora, regente Carlos Lemke. Foto arquivo LEPARQ/UFPEL, por Marília Crosby

No entanto, no coral da Congregação Redentora, que é regido pelo Carlos, o repertório era mais sacro e o estilo mais germânico. Mas enquanto no coral da Manuel do Rego só havia

negros, homens e mulheres de idades variadas, no coral da Redentora havia somente homens, “alemães” e “negros”, e, segundo os membros do coral, “não existe nenhum ‘brasileiro’”.

Tento mostrar com esses exemplos como estão as congregações e influências culturais sofridas na Igreja Luterana, chamada de “igreja dos alemães” por muitos, mas que, se vista de perto, não é bem assim.

O senhor Abrelino, que já foi entrevistado por mim em dois momentos, parece ser um desses representantes escolhidos para falar pelo grupo. Na primeira vez em que o entrevistei, me pareceu reticente e consciente de que suas respostas teriam reflexo social. Ressaltou-me que já estava acostumado com entrevistas e pesquisas. Durante a fala na UFPEL, ele começa agradecendo a Deus, mostrando a forte influência da Igreja na sua vida, e logo vai dizendo que identidades está usando naquele momento: *sou filho de Canguçu, membro da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, tesoureiro do grupo de leigos e presidente do grupo de quilombolas* (palestra no dia 27/04/07). A fala dele é como representante da associação, por isso foi convidado, mas em vários momentos cita o coral e a igreja. Como presidente da associação, ressalta as dificuldades da comunidade e a trajetória da fundação da associação – já citada anteriormente. Embora se perceba que o senhor Abrelino fala pelo grupo e que é o representante escolhido, a humildade está presente no seu discurso. Neste sentido, não posso esquecer que muitas vezes o grupo escolhe os representantes que podem falar por ele. Pois é, legítima a fala do informante como uma representação da fala do grupo. Sobre isso Bourdieu escreve:

O porta-voz autorizado consegue agir com palavras em relação a outros agentes e, por meio de seu trabalho, agir sobre as próprias coisas, na medida em que sua fala concentra capital simbólico acumulado pelo grupo que lhe conferiu o mandato e do qual ele é, por assim dizer, o procurador.<sup>169</sup>

É interessante refletir sobre a importância dos dois corais na localidade de Solidez. O coral da Manuel do Rego é identificado por ter entre seus membros somente pessoas negras, e o coral da Redentora é reconhecido justamente por ter membros das duas congregações. Isso me faz pensar que, em determinados momentos, os afastamentos são necessários para a manutenção do grupo étnico, mas a aproximação também é necessária para a conquista de

---

<sup>169</sup> BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 89.



espaço social. Além disso, para ter o contraste, é preciso que exista um grupo “diferente” por perto, para garantia da identidade étnica, já que é a partir desses contrastes que se constroem as identidades. Os dois grupos, neste caso, “pomeranos” e “negros”, se diferenciam dos “brasileiros”, pois ambos fazem questão de ressaltar que não têm nenhum “brasileiro” entre os membros dos dois corais. Um entrevistado, da Manuel do Rego, chega a dizer:

*a voz do brasileiro não é tão boa quanto a dos negros. É uma coisa que ele mesmo admite, que o coral só de negros, como o pastor mesmo disse, pode até ser fraquinho, como a sra. mesmo viu lá um coral simples, um coral mais fraco quanto aos outros, mas em termos de afinação os negros são melhores. Os negros conseguem segurar mais a afinação do que os alemães (entrevista realizada em abril de 2007).*

A entrevista citada é exemplo de uma identidade construída a partir da contrastividade, pois o entrevistado faz questão de ressaltar as diferenças que o grupo “negros” tem dos “alemães” e dos “brasileiros”.

### **As amizades**

Em muitas entrevistas aparece a idéia de que os “alemães” são mais amigos dos “negros”. Um entrevistado chega a dizer em tom de brincadeira que: *o negro e o alemão são um só, o negro é o alemão pelo avesso [risos]. Só que eu digo, o alemão que tá pelo avesso, se não tivesse eles eram pretos [risos]*. Essa é uma representação usada frequentemente no município. Essa proximidade aparece em muitas falas.

O senhor Abrelino me fala sobre a amizade com os “alemães”: *em amizade eram mais amigos dos negros. Até hoje, o alemão é mais amigo dos negros, mais do que dos brasileiros (entrevista realizada em 31/01/07)*. O jovem Sandro, que toca na banda Vibrason, também fala sobre seus amigos:

*Quando eu me criei era assim, a minha companhia era os alemães. Desde que eu comecei a sair. Então, nós éramos uma turma de onze ou doze. É, nós éramos uma turma de doze rapazes, eu acho que tinha umas cinco ou seis gurias. A gente se encontrava no comércio aqui em baixo, do Renato. Podia contar tinha dez, doze e o único negro no meio era eu, e os outros eram tudo alemão, nenhum brasileiro. Negro era só eu quando saía ia à venda os meus companheiros era tudo alemão (entrevista realizada em 01/05/07).*

Dona Adolfina, que é considerada a única “alemã” a participar da Congregação Manuel do Rego, me fala sobre amizade e racismo:

*era da protestante, lá embaixo, fui confirmada lá. Fui para o colégio lá, depois eu me associei na luterana do Manuel. Eles me recebem muito bem ali, eles são quase todos morenos, tem duas brancas só. Sou muito bem recebida. Participo do grupo de senhoras. Eu sou ali como os outros são. Sou sócia ali e pago meu salário (...). Além disso, eu não sou racista. Nossos vizinhos aqui têm muitos que são morenos, como é que a gente vai ser. A gente não é melhor que os outros. Eu acho assim. Eu gosto de ir lá (entrevista realizada em 01/05/07).*

Rogério, vice-presidente da Congregação Manuel do Rego, “brasileiro”, narra como eram as suas amizades no período da sua juventude:

*tinha amigos de todas as raças. A minha maior convivência era com os próprios negros. Tinham alguns que nos visitam nas casas, meus irmãos eram mais velhos, mas iam na casa do Clovis Lemke, do Gigio (...) esses eram alemães. Mas tinham também o Jardel, o Elcio, Marco, Sandro, que eram negros e que a gente convivia junto, o Paulinho também (entrevista realizada em 07/06/07).*

Os moradores da localidade de Solidez, em Canguçu, parecem ter comportamento diferente das outras regiões de imigração no Brasil. Karl Monsma<sup>170</sup>, quando estuda os “negros” e os conflitos com imigrantes, no oeste paulista, no período logo após a abolição, vai enfatizar que os conflitos entre os imigrantes e os brasileiros não-brancos foram mais violentos do que com os brasileiros brancos. De certa forma, o autor afirma que a reprodução de uma identidade branca influenciou no agravamento dos conflitos. Mas, no exemplo pesquisado por mim, a situação é bem diferente, pois todos os entrevistados afirmam que os “alemães” sempre foram mais amigos dos “negros” do que dos “brasileiros”. Isto me faz refletir que as relações de trabalho e a necessidade de sobrevivência de ambos os grupos podem ter atenuado os conflitos.

Segundo os entrevistados mais velhos, era dos “brasileiros” que os “alemães” tinham medo. O senhor Ervino vai me dizer que: *os brasileiros eram faca na bota* (entrevista realizada

---

<sup>170</sup> MONSMA, Karl. *Conflito simbólico e violência interétnica: europeus e negros no oeste paulista, 1888-1914*. Trabalho preparado para apresentação na mesa redonda “Relações interétnicas e reconfiguração das identidades no Brasil republicano”, VII Encontro Estadual de História, Pelotas, RS, julho de 2004.

em 22/01/04). Por isso tinha muito medo dos brasileiros em sua infância. Essa entrevista mostra então que os conflitos eram maiores entre “alemães” e “brasileiros” do que com os “negros”, o que os diferencia da situação do oeste paulista.

### **As festas, os namoros e os casamentos interétnicos**

Os mais idosos, quando se referem aos espaços de lazer, principalmente aos bailes de sua juventude, vão me dizer que os negros não entravam em bailes de brancos e vice-versa. Na pesquisa de Beatriz Loner sobre associações negras em Pelotas e Rio Grande, a autora cita Dalla Vecchia, confirmando que, no início do século XX, “em baile de branco, negro não entrava. Mas também a entrada de brancos poderia ser proibida em associações negras ou, no caso permitida, a negativa para dançar com brancos poderia ser exercida pelas famílias negras”.<sup>171</sup>

No entanto, em Canguçu, até a década de 80, era possível escutar nas rádios locais os convites para bailes que sugeriam a entrada somente de brancos. No convite o locutor dizia: *bailes das rosas brancas*. Estava implícito que no baile só poderiam entrar pessoas brancas. Mas quando o locutor dizia *baile das rosas vermelhas*, sabia-se que os “negros” poderiam entrar. No entanto, a lei brasileira já previa o crime de “racismo”, por isso os donos dos “salões de baile” utilizavam desse artifício para divulgar suas festas. Como mostra Luiz Francisco Corrêa Barbosa, no artigo “Igualdade e racismo no Brasil: resenha legislativa”, quando cita a Constituição Federal de 24 de janeiro de 1967:

Art. 150, Parágrafo 1º - Todos são iguais perante a lei, sem distinção de sexo, raça, trabalho, credo religioso e convicções políticas. *O preconceito de raça será punido pela lei.*

Art. 150, Parágrafo 8º - É livre a manifestação de pensamento (...). Não será, porém, tolerada a propaganda de guerra (...) *ou de preconceitos de raça ou de classe.*

Lei nº 5.250 de 9 de fevereiro de 1967 (Imprensa) – Regula a liberdade de manifestação e de informação.

---

<sup>171</sup> LONER, Beatriz Ana. Associações negras. IN: LONER, Beatriz Ana. *Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)*. Pelotas: Editora e gráfica universitária – UFPEL, 2001, p.267.

Art. 1º, Parágrafo 1º - Não será tolerada propaganda de guerra, de processos de subversão da ordem política e social *ou de preconceitos de raça* ou classe.<sup>172</sup>

Portanto, desde 1967, essas propagandas deveriam ser proibidas, no entanto eram vinculadas nas duas radiodifusoras existentes em Canguçu, ainda na década de 80. E se por acaso os “negros” resolvessem ir ao baile das “rosas brancas”, era confusão na certa. Poderiam até entrar no baile, mas teriam dificuldade de dançar. É claro que não era igual aos bailes nas décadas de 40 e 50, como contam alguns entrevistados. Os mais idosos, como o senhor Ervino, vão me dizer que *o negro só chuleava na porta*, como citado no segundo capítulo. Uma senhora confirma que *os bailes eram na casa dos colonos e duravam até o amanhecer, mas os brasileiros podiam dançar*. Quando questiono sobre a presença de negros, responde: *não. Eles tinham os bailes deles. Até igreja eles tinham (...). Tinha um salão na Florida que podia entrar os brancos e os negros. Hoje tá tudo misturado* (senhora reconhecida como alemã, 78 anos, entrevista realizada em 07/06/07). A filha que freqüentava os bailes na década de 80 vai vivenciar uma outra situação:

*eles estavam indo mais tava aquele clima ainda de isso foi nos anos oitenta então a gente tinha muito medo que eles nos tirassem para dançar. Se a gente dançava ou não aí ficava aquele medo. Se tu não dançava podia a pessoa se revoltar, não podia dizer não, era aquele tempo do carão. Mas já participavam leve. Assim não era muitos brasileiros. No meu tempo, a gente namorava brasileiros. Os mais velhos não gostavam (...) podia, mas eles não gostavam* (entrevista realizada em 07/06/07).

As primas Ilse e Clarisse também confirmam que *os brasileiros podiam dançar nos bailes, mas os negros nem entravam* (entrevista realizada em fevereiro de 2004). O senhor Marcino diz que *“só fui a baile depois dos 25 anos, lá na Armada”* (entrevista realizada em fevereiro de 2007). A localidade da Armada é conhecida por ter alguns latifúndios e muitos “negros”, ou seja, mais do que na Solidez. Hoje também há um quilombo reconhecido. Já o Carlos e a Marli, ambos com 33 anos, dizem: *podiam participar todo tipo de pessoas. Não tinha mais racismo como antigamente. Mas na época já era um pouco mais liberal* (entrevista realizada em abril de 2007).

---

<sup>172</sup> BARBOSA, Luiz Francisco Corrêa. Igualdade e racismo no Brasil: resenha legislativa. In: ASSUMPCÃO, Euzébio; MAESTRI, Mário. *Nós, os afro-gaúchos*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1996, p. 125.

Com estas falas e as anteriores, posso perceber que havia espaços que podiam ser compartilhados e outros não. Como, por exemplo: tomar “trago na venda”, trabalhar lado a lado nas propriedades dos alemães, ir junto ao jogo de futebol, jogar um carteadado na venda, ou seja, compartilhavam um universo basicamente masculino sem grandes conflitos ou problemas. Mas quando estas relações aconteciam no universo familiar ou que sugeria a possibilidade de namoros e casamentos, os conflitos ficavam mais evidentes.

Como os grupos usavam termos pejorativos para se identificarem e reforçarem sua identidade, e nenhum observava o outro como membro da “boa sociedade”<sup>173</sup>, neste sentido, anteriormente se pensava “os alemães” como racistas, já que isso era uma idéia do senso comum, mas por outro lado também ouvia-se dizer que “alemães gostavam muito de casar com negras, assim como os negros gostavam de casarem-se com as alemoas”. Durante a pesquisa, observei que estas falas estavam fundamentadas numa cultura tradicionalmente lusa. E o sentido do discurso era o de depreciar ambos os grupos. Os “alemães” como “outsiders” e os “negros” como “inferiores”, já que ambos os grupos estavam ligados ao trabalho braçal tão desvalorizado pela cultura lusa.

A partir desse questionamento, comecei a entrevistar as pessoas, e sempre perguntava sobre namoros e casamentos entre “alemães” e “negros”. Primeiro, vou analisar as respostas de pessoas com mais de 60 anos dos grupos “alemães” e “negros”, e depois de pessoas mais jovens, de ambos os grupos. Como o tema é um pouco delicado e as respostas não agradariam a muitos entrevistados que, em alguns casos, são vizinhos e fazem parte da mesma comunidade, vou omitir seus nomes verdadeiros e criar nomes fictícios para eles.

Algumas pessoas mais idosas do grupo “alemães” ficavam incomodadas quando questionadas sobre namoros e casamentos com “brasileiros” ou “negros”. D. Delfina<sup>174</sup>, “alemã”, chegou a ser ríspida comigo e disse: *no namoro eu não vou falar*. Mas depois de muita insistência, ela me disse: *do lado da mãe não me lembro, mas do lado do pai, nós tinha muitos casados com brasileiros. A irmã do meu pai, que ela namorou um brasileiro e os velhos*

---

<sup>173</sup> ELIAS, N. & SCOTSON, J. *Os estabelecidos e os outsiders*. Sociologia das relações de poder a partir da pesquisa de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

<sup>174</sup> Usei pseudônimo para não causar constrangimentos aos entrevistados.

*não queriam. Até que pegaram outro marido. Ele voltou e quis matar os dois, dizem que matou um inocente* (entrevista realizada em janeiro de 2004). O senhor Franz<sup>175</sup>, “alemão”, 80 anos, também me falou sobre o assunto:

*Naquela época quando nós fomos criados, havia racismo. E na nossa família isso era pouco. Porque o papai fazia casamento. Era amigo de colono, de mulato. Então na nossa família não era muito. Nós nunca éramos perseguidos, assim. Na nossa família, todo mundo chegava na casa do meu pai. E na casa do meu pai as pessoas eram recebidas. Isso não tinha pobre, não tinha negro, negro não tinha muito. Essa gente era bem ruim de vida* (entrevista realizada em fevereiro de 2004).

Nicolau<sup>176</sup>, “alemão”, católico, 80 anos, diz que “outros alemães” é que são racistas, pois para ele, *bom, tem uma coisa, não quero ofender ninguém, hoje em dia ainda, o colono não gosta de brasileiro. O pomberano é o pior nisso. Tem muito de origem alemã que é racista* (entrevista realizada em fevereiro de 2004). D. Carlota<sup>177</sup>, “alemã”, 84 anos, acusa os “negros” de serem mais “racistas” que os “alemães”:

*Pelo menos nos bailes, era assim, os rapazes brasileiros podiam dançar com aquelas alemoa, mas as moças deles não podiam ir para dançar com os alemães. É por isso que ficou muito isso. Isso existia muito. Hoje em dia não existe. Hoje em dia dança brasileiro e tudo. Agora que o negro é racista é. Dizem que o alemão é racista, mas o negro é racista. Muito mais racista. Pergunta por que não querem branco aqui na igreja? [se refere à comunidade de Manuel dos Regos, uma comunidade luterana só de negros, na Solidez]. Se vai um branco eles tiram fora* (entrevista realizada em fevereiro de 2004).

D. Catarina<sup>178</sup>, “alemã”, 84 anos, me fala do namoro com o marido que é “brasileiro”: *“ele é brasileiro. Primeiro eles estava meio assim, mas depois aceitaram. Custaram um pouquinho, mas se acostumaram”*. Ela também descreve como são os bailes atualmente: *“agora tem muitas alemoas com os pretos, os pretos com as alemoas. Aqui nos bailes tem tudo misturado. Tem alguns que são racistas, tem sim, mas a gente não conhece”* (entrevista realizada em maio de 2007).

---

<sup>175</sup> Pseudônimo.

<sup>176</sup> Pseudônimo.

<sup>177</sup> Pseudônimo.

<sup>178</sup> Pseudônimo.

A D. Maria<sup>179</sup>, “negra”, 68 anos, fala-me sobre o casamento da filha com um “alemão”:  
*eu fiquei triste. Eu não gosto. Freqüentar a mesma festa tudo bem, mas não na mesma família. Tem que ser cada um com a sua raça* (entrevista realizada em abril de 2007).

Mas o senhor Osvaldo<sup>180</sup>, também “negro”, 69 anos, me fala sobre o casamento de filhos e filhas com “alemoas” e “brasileiros”:

*Até bonito de ser ver, as gurias com o cabelo solto e se vê que o namorado é negro, tá tudo misturado. Até chama atenção quando a gente vê um bem pretinho com uma alemoa. Por isso que eu digo, o alemão tá tudo misturado. É integração [risos] (...). Quero que tu veja a minha netinha, eu olho pra ela e penso ‘será que quando ficar grande não vai rejeitar teu avô’. Ela tem olho bem claro. Felizmente ela vem com a gente bem tranqüila. Elas sabem os avós são pretos, não adianta. Eu já disse, se Deus quiser, vão saber dar valor aos avós. Todos estão pequenos, tem um que já tá entrando para colégio. O colégio educa muito. O colégio tá educando para respeitar qualquer direito dos outros* (entrevista realizada em fevereiro de 2007).

No entanto, um casal jovem que se reconhece como “negro” respondeu-me:

*os “alemães” ficam com as negras nas festas, mas somente depois das 5 da tarde e de terem ingerido bebidas alcoólicas [risos]. Mas dificilmente apresentam as moças para suas famílias como namoradas, só aqueles que vão firmar compromisso e casarem-se* (entrevista realizada em maio de 2007).

No primeiro momento, pensei “os alemães” são “racistas”, era o óbvio para minha percepção, mas depois de refletir, reconsiderarei essa afirmação. Hoje em dia é muito comum entre os jovens “ficarem”<sup>181</sup> com as moças nas festas, em alguns casos, só depois de beberem, e não apresentarem para suas famílias. Tanto entre “brasileiros”, “negros” ou “alemães”, eles só apresentam para a família, na maioria dos casos, aquela pessoa com quem vão firmar um compromisso mais sério, como namoro, noivado ou casamento. Então, essa informação só vai

---

<sup>179</sup> Pseudônimo.

<sup>180</sup> Pseudônimo.

<sup>181</sup> Segundo Flávia Rieth, “as jovens elegem os namorados como parceiros ideais, enlaçando o sexo no contexto de uma relação amorosa. Declaram que o *ficar* não envolve manter relações sexuais. Preocupam-se com a reputação, por isso valorizam a prática do *ficar* várias vezes com a mesma pessoa. Elas aguardam as iniciativas masculinas esperando serem pedidas em namoro. Essas concepções são compartilhadas tanto pelas jovens já iniciadas como pelas virgens.

Na representação dos rapazes, o exercício da sexualidade com a parceira figura como um *ganho* de aprendizagem técnica e afirmação de virilidade. Os rapazes já iniciados sexualmente dizem transar quando *ficam*, embora essa decisão esteja na dependência da parceira”. RIETH, Flávia. A iniciação sexual na juventude de mulheres e homens. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 8, n. 17, junho de 2002, p. 79 e 80.

me confirmar que as regras de comportamento entre jovens na capital do estado, Porto Alegre, ou na zona rural de Canguçu são bem semelhantes, e de forma alguma demonstra preconceito.

A visão de Manuel<sup>182</sup>, “brasileiro”, 30 anos, sobre namoros e casamentos entre “alemães” e “negros”:

*deixam. Aqui não é muito ainda. Inclusive, tem uma guria aqui negra e o namorado é brasileiro, até meio italiano. Quando a guria trouxe o namorado em casa, a própria mãe dela não queria porque era branco. Reclamou porque ela trouxe o branco pra casa. Tem um pouco assim, dos alemães com os negros e dos negros com os brancos. Por mais que digam que não tem preconceito, mas ainda tem. Tanto dos alemães com os brancos, quanto dos negros com os brancos (entrevista realizada em junho de 2007).*

Marciele<sup>183</sup>, “brasileira”, 17 anos, quando questionada sobre a aceitação das famílias aos namoros interétnicos, me respondeu: *aceitam. Eu tenho uma tia que mora aqui perto, que tá namorando um negro. É branca, irmã do meu pai. Isso hoje em dia é normal.* Continuo o questionamento, perguntando se os avós aceitam, ela responde que: *até fazem umas caras feias, mas aceitam. Hoje é normal.* Embora Marciele se reconheça como “brasileira”, diz que na família de seu pai são “alemães”. Segundo a entrevistada, sua mãe é “brasileira” e seu pai é “alemão”. Daí a idéia de Giralda Seyfeth, em vários de seus artigos, de que a germanidade é transmitida pela mãe e que, dentro de grupos que se consideram étnicos, é pior que os filhos homens casem fora do grupo do que as filhas. Marciele se considera “brasileira” como a mãe e não “alemã”, como o pai. Ela diz que a mãe sempre quis participar da Congregação Manuel do Rego, com receio de não ser aceita na “outra dos alemães”. Na Congregação Manuel do Rego, seu pai, “alemão”, foi aceito sem problemas, no entanto queixa-se que a mãe não foi aceita na outra. São reconhecidos como “brasileiros” pelos membros da congregação.

Segundo Ellen Woortmann, “entre camponeses, o casamento não é uma simples questão de escolha individual; a rigor, não são apenas dois indivíduos que se casam, mas duas famílias quem entram num acordo. Trata-se de um *affaire de famille*.”<sup>184</sup> Neste sentido, tanto alemães quanto negros, ao evitarem que seus filhos e netos casem com membros de outros grupos étnicos, estão mantendo relações familiares que também interferem na preservação do

---

<sup>182</sup> Pseudônimo.

<sup>183</sup> Pseudônimo.

<sup>184</sup> WOORTMANN, Ellen. *Herdeiros, parentes e compadres: colonos do sul e sitiante do nordeste*. São Paulo: HUCITEC, 1995, p. 157.



grupo. Pois, segundo a autora, nas famílias camponesas, o casamento é uma questão social, e mais do que amor e de uma decisão individual. Quando os casamentos interétnicos acontecem, essas relações são prejudicadas, pois o indivíduo escolheu sozinho o caminho a seguir. Na comunidade pesquisada, já ocorrem casamentos interétnicos, mas nenhum dos casais continuou morando na localidade. Os que são de meu conhecimento foram morar nas cidades de Canguçu, Piratini ou Pelotas.

Na Solidez, hoje está mais difícil o papel dos casamenteiros, citados por Ellen Woortmann<sup>185</sup>, porque os espaços de convivência dos jovens não incluem só o espaço da igreja e da casa dos amigos, agora eles participam de jogos de futebol, festas e bailes nas localidades próximas ou até mesmo na cidade. Por isso, os casamentos entre pessoas de grupos étnicos diferentes estão ficando mais freqüentes. Embora os mais velhos ainda resistam na aceitação desses relacionamentos, eles não conseguem mais manter o controle.

É possível perceber laços de parentesco entre os “negros” que residem na localidade de Solidez. Todos os entrevistados que foram indicados por falarem pomerano eram parentes e oriundos da mesma localidade, mesmo que hoje não sejam mais moradores. Ao citar o trabalho de Ellen Woortmann, pode-se pensar que não dá para comparar com a minha pesquisa, já que estudo zonas de contato entre alemães e negros. Enquanto sua pesquisa se refere a colonos alemães, no entanto, em ambos os casos me parecem herdeiros de uma cultura camponesa. Além do mais, os negros da Solidez estão muito próximos da cultura germânica.

## **O trabalho**

Se no início houve resistência dos alemães em aceitar os negros no espaço da igreja, no trabalho a situação era bem diferente, pois é evidente em algumas entrevistas que “negros” e “alemães” mantiveram laços de amizade e relações de trabalho. Alguns negros falam ou

---

<sup>185</sup> “Os casamenteiros não agem sozinhos. Eles podem ser definidos como ‘parentes práticos’, com diz Bordieu (1977), recrutam também ‘auxiliares’ que favorecem contatos entre os predestinados noivos e que, sempre que se oferece a ocasião, deixam escapar comentários elogiosos sobre as qualidades de cada um, ao mesmo tempo que procuram minimizar, os defeitos que alguém lembre mencionar”. WOORTMANN, Ellen. *Herdeiros, parentes e compadres: colonos do sul e sitiantes do nordeste*. São Paulo: HUCITEC, 1995, p. 161.

entendem o pomerano devido ao contato que mantiveram com os alemães no trabalho, em casa ou na “venda”.

As filhas de um imigrante alemão, que se instalou no distrito conhecido como Glória, me conta como era a relação de trabalho de seu pai e avô com os negros que trabalhavam na propriedade:

*Clarisse - Não, era quase só negros, chegava ter uma vila. Tinha vila só de negros lá perto de casa. Tinha uma negra velha que lavava roupa para mãe, remendava roupa, fazia toda lida. Principalmente depois que morreu a vó. Naquele tempo, os negros só trabalhavam de peão. Era para capinar, fazer limpeza. Não tinha branco, mais era negro. Tinha o Clídio que falava em alemão.*

*Ilse - Esses que trabalhavam lá em casa sempre falavam alemão, perfeitamente. O Dirceu e o Joaquim falavam alemão. Meu pai se dava melhor com brasileiro do que com italianos. Ele sempre dizia que brasileiro era mais sincero que italiano, que te tratava bem e depois te apunhalava, sempre dizia (entrevista realizada em fevereiro de 2004).*

Nessa localidade, Glória, havia o moinho do avô das senhoras citadas. Pelo que elas contaram, sempre muitos negros trabalhavam com eles. Nessa localidade, assim como na Solidez, encontram-se alguns negros que falam “alemão”. Tentei entrevistar alguns, mas não quiseram me conceder entrevista, até me indicaram outras pessoas. Uma das pessoas que tentei entrevistar é reconhecida como “negro” e trabalha num supermercado, e várias vezes o vi atendendo às pessoas em “alemão”. É conhecido na cidade por falar “alemão”. Ele é morador do Ares Alegre, localidade vizinha a Glória. Em conversas informais com ele soube que sempre trabalhou nas casas de “alemães”, seus vizinhos. O supermercado no qual trabalha é um daqueles que tem nome “alemão” e o sobrenome do dono na fachada.

A senhora Leônia conta que na propriedade de sua família tinha um negro que falava o “pomerano”. Segundo ela: *antigamente tinha alguém que trabalhava aqui, o Oscar, que falava o pomerano (...). Ele não falava tudo. Tudo não, mas ele falava* (entrevista realizada em junho de 2007).

O contato entre “alemães” e “negros” no distrito de Solidez parece ser bem maior que com os “brasileiros”. Este contato parece ser bem maior nas relações de trabalho, e somente nos últimos anos está se intensificando também na igreja. D. Maria me diz que sempre trabalhou na casa dos alemães *tratavam bem. Todo mundo almoçava na mesma mesa. Só conversavam em português* (entrevista realizada em 29/04/ 07). Sandro, ao se referir ao trabalho na casa dos “alemães”, diz:

*Eu trabalhei. De vez enquanto trabalho ainda, mas agora o serviço é tão apertado. A gente planta fumo, tem duas estufas e trabalha muito em casa. Tem mais os compromissos com a associação e coisas. Já trabalhei no seu Bruno, no seu Valdemar e no Arnildo. Antes de nós termos colocado as estufas, nós plantávamos fumo com ele. No vizinho, no seu Aldo, às vezes quando dá um tempinho, se ta sobrando um dia ou dois, eles pedem e a gente ajuda. Mais é muito raramente (entrevista realizada em 01/05/07).*

Carlos, descendente de alemães, também fala sobre os negros trabalhando em sua casa: *morando na casa? Muitos brasileiros que trabalhavam, moraram lá. Negros, morando na casa, junto? [fica pensativo] eu não me lembro. Que eu me lembre não, só trabalhando, sempre tinha* (Carlos, entrevista em 29/04/07). Quando questionados sobre a presença de “brasileiros” nestes espaços de trabalho, afirmam que têm alguns, mas não muitos. A justificativa provável pode estar relacionada com o fato de que na localidade há muito mais pessoas reconhecidas como “alemães” e “negros” do que “brasileiros”. No entanto, mesmo que exista poucos “brasileiros” na localidade, também esses trabalham nas casas dos “alemães”. Um rapaz reconhecido como “brasileiro” exemplifica isso: *nós sim. Tanto eu quanto meus irmãos. Eu mesmo trabalhei muito para fora. Inclusive eu saía de manhã e voltava de noite, além de trabalhar em casa. Tocava em casa, fazia o serviço e trabalhava pra fora. Inclusive pra juntar dinheiro* (entrevista realizada em 07/06/07).

Todos os entrevistados “negros” que falam o “pomerano” me disseram que aprenderam o dialeto ouvindo os outros falarem, que nunca teriam sido ensinados. O senhor Luizmar me disse: *“sempre morei na casa dos alemães, desde os 12 anos. Sempre escutando, e aprendi a falar. Ninguém me ensinou, só escutava. Escutava e aí eu aprendi”* (entrevista realizada em fevereiro de 2007). O senhor Marcino também me conta como aprendeu a falar “pomerano”:

*Eu fui criado na colônia com os alemães mais do que com os brasileiros ou parente meu. Parente meu, até muito pouco eu morei. Basta que tem muito parente que nem conheço (...). Pois foi lá na casa do seu Humberto que aprendi. Ninguém me ensinou, aprendi ouvindo eles falarem (...). Aprendi a falar em alemão só ouvindo eles falarem. Foi onde aprendi a falar mesmo foi no Umberto. Depois dali, é a mesma coisa que qualquer colégio, depois da gente saber o abc, forma as palavras (entrevista realizada em fevereiro de 2007).*

O senhor Marcino declarou orgulhoso que só aprendeu o pomerano porque tinha que ensinar as *meninas da casa, na qual morava, a falar*. O que sugere uma relação de confiança entre a família germânica e o entrevistado.

Com esses exemplos, pude perceber que, muito jovens, esses homens tiveram de sair de suas famílias e procurar trabalho nas colônias. Além de trabalharem, moravam na casa dos “colonos”, por isso uma aproximação maior e a possibilidade de aprender o dialeto. É interessante, neste contexto, que nenhum deles tem mais de um ano de escolaridade e, no entanto, detêm capital cultural sobre as coisas dos “alemães” bastante significativo, pois sabem distinguir o dialeto “pomerano” do “alemão legítimo” e me disseram que a Pomerânia não faz parte da Alemanha, hoje, e a partir disso justificam a diferença “alemão legítimo” e “pomberano”.

A valorização do trabalho está presente em várias falas. O senhor seu Getúlio, por exemplo, enfatiza isso: *sou proibido da lavoura, mas não passo um dia sem trabalhar, se eu paro endurece as juntas* (entrevista realizada em 31/01/07).

Como na região se perpetua uma cultura do trabalho associada à ética protestante, as relações de amizade surgem nos espaços de lazer e durante o trabalho. Tânia Regina de Luca, no artigo “Representações do Trabalho”, descreve depoimentos de negros até três gerações, após a abolição. Sobre a última geração analisada pela autora, ela escreve: “nas gerações seguintes, especialmente quando ocorre ascensão social, consolida-se a concepção quase puritana do trabalho, encarado doravante como meio capaz de propiciar um padrão razoável de consumo, o bem-estar da família e a educação dos filhos”.<sup>186</sup> O artigo mostra, portanto, que o trabalho pode servir como forma de futura projeção social e melhoras econômicas.

Os luteranos têm um estilo de vida que deve se encaixar nos preceitos da ética protestante, principalmente no que se refere ao trabalho e à igreja. Os entrevistados do grupo “alemães”, incluindo aí os “pomeranos”, têm como maior preocupação o trabalho e a religião, fato que também fica evidente entre os negros luteranos. Entre aqueles cujas famílias, no momento da imigração, eram católicas, hoje a maioria de seus descendentes são luteranos e se entendem como tais. A valorização do trabalho é evidente, mas está relacionada à Igreja. O senhor Marcino agradece à Igreja por ter não ter caído nos vícios:

---

<sup>186</sup> LUCA, Tania Regina. Representações do trabalho. In: Negros brasileiros. Ciência Hoje. Rio de Janeiro. Suplemento vol. 8 nº48, p.45.

*Ali até vou lhe dizer, eu fui criado meio na rédea curta na igreja, então quando comecei a ir a baile. Eu com 25 anos não saía quase. Comecei a dançar quando fui pra colônia da Armada. Saí da Solidez e fui pra colônia da Armada, quase 80 km daqui, na costa do Camaquã. Até tive que sair daqui de Solidez por causa da amizade. Por causa da amizade, esquisito isso. Porque no fim de semana me juntava com aqueles alemães e começava a tomar um traguinho e gostava do baralho. A igreja condena isso aí. Coisa boa que a igreja condena. Aí, comecei a ficar bêbado. Aí o pai velho me puxou as orelhas. Ai eu vi que estava trilhando errado. Alguns dos meus parentes começaram a inclinar no ouvido aquilo ali. A solução que eu achei foi ir embora da Solidez. Saí lá do falecido Alfredo Wacholtz pra colônia da Armada. Fui lá pra me despedir do meu tio, era o único tio que tinha do lado do falecido meu pai, para ir para Pelotas na casa do meu mano. Cheguei lá e meu tio não deixou eu ir. Me enrolou. Gostava do serviço, e pensava no futuro. Ele não deixou eu ir e prometeu mundos e fundos... até foi bom [fala sem convencer]. Ele me prometeu um caminhão, mas no fim não me deu nem um carro de mão. Mas foi bom, porque se eu tenho ido para Pelotas. Eu ia sair do céu e ia pra... não vou dizer... sei lá pra onde. Sabe lá que assaltante, que bandido, podiam ter me matado. Por que muitas vezes eu pensei nesse negócio, foi muito bom eu ter ido pra lá. Se tivesse ficado em Solidez, tava ficando sem serventia. Aquilo ali era bom de viver. E a amizade, e gostava da farra, o que os alemão faziam, me davam cada porre... aí eu dançava... ficava virado. Ali eu vi que para mim não tava dando. Graças a Deus sai dali (entrevista realizada em fevereiro de 2007).*

O senhor Marcino mostra que a Igreja condena o jogo de cartas, ir a bailes, que prioriza o trabalho e que as amizades o estavam “tirando do trilho”, ou seja, do caminho que a Igreja considera correto. Neste sentido Max Weber escreve:

A perda de tempo, portanto, é o primeiro e o principal de todos os pecados. A duração da vida é curta demais, difícil demais, para estabelecer a escolha do indivíduo. A perda de tempo através da vida social, conversas ociosas, do luxo e mesmo do sono além do necessário para a saúde – seis no máximo oito, horas por dia – é absolutamente indispensável do ponto de vista moral (...). Mas o mais importante é que o trabalho constitui, antes de mais nada, a própria finalidade da vida. A expressão paulina “Quem não trabalha não deve comer” é incondicionalmente válida para todos. A falta de vontade de trabalhar é um sintoma da ausência do estado de graça.<sup>187</sup>

Os “negros” luteranos da Congregação Manuel do Rego valorizam o trabalho tanto quanto os “alemães”. Por isso, me parece que a valorização do trabalho está associada ao “ser luterano”. No entanto, em outros espaços de convívio, com negros organizados em associações culturais, como grupo Afro-sul Odomodê, a diferença entre os grupos é evidente, principalmente em relação à religião. A religião para os membros do grupo Afro-sul Odomodê

---

<sup>187</sup> WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1967, p. 112 e 113.

é muito ligada à questão da negritude e do orgulho de ser descendente de africanos. São contextos completamente diferentes, pois o Odomodê está inserido no maior centro urbano do Rio Grande do Sul, que é Porto Alegre, enquanto a congregação está inserida num contexto rural, no interior do município de Canguçu. Eles vivem momentos diferentes de valorização da cultura africana. Neste aspecto, é importante ressaltar o que Geertz escreve: as crenças dos homens são tão diversas quanto eles próprios o são, uma proposição que mantém a mesma força quando invertida.

É justamente essa particularidade do impacto dos sistemas religiosos sobre os sistemas sociais (e sobre os sistemas de personalidade) que torna impossível uma avaliação geral do valor da religião em termos morais como funcionais.<sup>188</sup>

O contexto cultural em que o grupo está inserido parece refletir-se também na identidade religiosa e até mesmo étnica de um determinado grupo. A valorização ao trabalho é mais visível entre os negros luteranos do que em outras associações de negros, justamente porque o luteranismo está associado à valorização do trabalho. Não é idéia de grupo étnico que valoriza o trabalho, mas a de ser luterano.

### **A construção de identidade étnica**

Para Renato Ortiz, a busca por uma identidade brasileira “leva a uma indagação sobre o homem negro ou o homem colonizado”.<sup>189</sup> Neste trabalho, portanto, se faz uma análise dessa construção identitária. A fundação da associação de quilombolas, a partir do Coral e da Congregação Manuel do Rego, está inserido-a num contexto não só de busca de uma identidade étnica do grupo, mas também de construção de identidade brasileira. O negro já foi visto de maneira pejorativa por muitos intelectuais, influenciados pelo evolucionismo, no final do século XIX e início do XX, posteriormente foi visto como “homem cordial”, até que no Estado Novo a indolência foi substituída pela ideologia do trabalho. Em todos esses momentos,

---

<sup>188</sup>GEERTZ, C. *Interpretações da Cultura*. Rio de Janeiro. ZAHAR ED. 1978, p. 89.

<sup>189</sup> ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira & Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 57.

as construções identitárias dos grupos eram influenciadas pelos valores do próprio grupo, mas também pelos intelectuais que escreviam sobre o Brasil.

A construção de uma identidade quilombola está associada ao contexto descrito por Ortiz, porque, segundo o autor,

as manifestações de cultura negra sempre existiram enquanto expressões culturais, elas estão particularizadas nas ações dos africanos (por exemplo, uma dança, um ritual religioso) ou dos negros americanos (por exemplo, um gesto, uma fala, um canto); porém, o movimento da negritude só pode surgir no momento em que o grupo de intelectuais toma como objeto de reflexão a condição do negro diante do homem branco”.<sup>190</sup>

Essa (re)invenção de identidade negra, portanto, está associada a um contexto político, cultural e intelectual. Neste sentido, se está re-significando a cultura negra no sentido de unificação de fragmentos até então separados. Pois sabe-se da diversidade dos povos que foram trazidos da África, e hoje se tenta uma universalização cultural dos negros. Mas este trabalho é exemplo de que isso é impossível, pois o grupo estudado está num contexto cultural que o diferencia de outros grupos de negros organizados. Como diz Renato Ortiz,

a cultura enquanto fenômeno de linguagem é sempre passível de interpretação, mas em última instância são os interesses que definem os grupos sociais que decidem sobre o sentido da reelaboração simbólica desta ou daquela manifestação. Os intelectuais têm neste processo um papel relevante, pois são eles os artífices deste jogo de construção simbólica.<sup>191</sup>

Neste trabalho, quando me referi aos laços de amizade e trabalho de “pomeranos” e “negros”, não estava de forma alguma ressaltando o mito das três raças tão difundido nos séculos XIX e XX. Pelo contrário, estava consciente da sociedade hierquizada que se formou no Brasil. Para refletir sobre isso utilizei os escritos de Roberto Da Matta. O autor reforça que a sociedade portuguesa era tão hierquizada que existiam leis para regulamentar as formas de tratamento de cada grupo social. Desta maneira,

a cada uma dessas categorias sociais correspondem direitos e deveres bem marcados, inclusive direitos de terem punição diferenciada para seus crimes. Nesta sociedade, cujo modelo nos é familiar, ninguém é mesmo igual perante a lei (...). Temos, pois em Portugal (e, diríamos, também no Brasil), a figura ímpar do aristocrata-

---

<sup>190</sup> ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira & Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 141.

<sup>191</sup> ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira & Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 142.

comerciante ou fidalgo-burguês, personagem de um drama social e político ambíguo, cujo sistema de vida sempre esteve fundado nos ideais de hierarquia e da igualdade, na espada e no dinheiro.<sup>192</sup>

Por ser uma sociedade hierarquizada, os lusos e seus descendentes mantiveram-se afastados dos grupos considerados por eles como “inferiores”, neste caso “os pomeranos” e “os negros”. Assim, estes grupos estigmatizados tiveram de procurar estratégias de sobrevivência, e daí a necessidade de aproximações em determinadas relações e afastamentos em outras.

A influência germânica na região é tão forte que alguns negros que falam o pomerano destacam o jeito de ser “alemão” como uma qualidade e uma identidade própria. O senhor Marcino Coutinho mostra orgulho da sua convivência com os “alemães” e diz:

*Eu até lhe digo, que meu sistema, que eu adotei dos alemão. Toda vivência que tive na colônia, 40 e poucos anos que eu plantei, o meu sistema sempre foi dos alemão. Todo meu sistema de trabalhar, de viver, de tratar com quem quer que seja. Eu gosto mesmo do sistema dos alemão. Não desfazendo dos outros, eu gosto muito. Eu acho que se não fosse os alemães eu não sei o que seria do nosso país. Sendo bem brasileiro, os alemão, eu acho que é uma das nações que melhor trabalha é o alemão. Aprendi a trabalhar com eles, adoto o sistema deles (entrevista em fevereiro de 2007).*

Embora admire a cultura germânica e viva, segundo suas palavras no *sistema dos alemães*, o senhor Marcino se reconhece como negro, diz: *se me chamarem de negro eu fico faceiro, se me chamarem de mulato ou branco, aí eu vou me ofender. Tão abusando da minha cara. Não existe mulato, mulato não tem nação. É negro ou branco, uma das coisas.* Neste caso, uma identidade não exclui a outra. Para Stuart Hall,

há uma outra possibilidade: a da Tradução. Este conceito descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas.<sup>193</sup>

---

<sup>192</sup> DA MATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p. 66 e 67.

<sup>193</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1997, p. 95 e 96.



De certa forma, o senhor Marcino é o “homem traduzido” que Stuart Hall descreve, porque consegue transitar no mínimo entre duas culturas, pois está consciente e orgulhoso de sua “negritude”, no entanto orgulha-se também do seu “jeito alemão de ser”. Mas o senhor Marcino não é o único a transitar por entre essas culturas, os “alemães” também percebem a influência da cultura germânica entre os “negros”. Um entrevistado reconhecido com alemão diz como percebe isso:

*tem sim. Bastante. Até to pra te dizer que botaram uma rádio aqui, na associação de quilombolas em caráter experimental e trouxeram equipamento pra mostrar que o governo tinha liberado essa rádio. Mas funcionou dois dias e depois voltou. Até o pessoal que trouxe a rádio ficou encantado, por que os negros estavam rodando bastante musicas alemãs. A região eram negros mas estavam rodando só o estilo alemão. Eles são influenciados pela cultura alemã (Carlos, entrevista realizada em 29/04/07).*

Essa identidade “germanizada inventada” pelos negros pode ter sido uma forma de negociação com os alemães e conquista de espaço social. No entanto, embora existam os espaços que podem ser compartilhados, existem momentos, no caso dos namoros e casamentos, em que as fronteiras devem ser demarcadas. Para Friedrik Barth, nas relações interétnicas estáveis, deve prevalecer uma estruturação de interação como essa:

um conjunto de prescrições dirigindo as situações de contato e que permitam a articulação em determinados setores ou campos de atividades, e um conjunto de proscricões sobre situações sociais que impeçam a interação interétnica em outros setores, isolando assim partes das culturas, protegendo-as de qualquer confronto ou modificação.<sup>194</sup>

Por isso, é possível compartilhar espaços de lazer, cultos religiosos, trabalho e amizades, mas evitando os namoros e casamentos que agiriam diretamente na modificação do grupo étnico. Tanto alemães quando “negros” idosos vão ressaltar “que antigamente tinha mais respeito, não havia essa mistura. Era cada um na sua raça. Todos se respeitavam”. As mudanças entre os mais jovens são evidentes, os namoros e casamentos já são mais frequentes. Neste sentido, os mais idosos querem regular os papéis desempenhados pelos membros do grupo, de tal forma que os mantenha como grupo étnico. Sobre isso, Fridrik Barth escreve:

O princípio de que a identidade étnica implica uma série de restrições sobre os tipos de papéis que um indivíduo pode desempenhar, e sobre parceiros que ele pode escolher para os diferentes tipos de transações é comum a todos os sistemas (...). A

---

<sup>194</sup> BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. IN: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998, p. 197.

identidade étnica domina a maioria dos outros estatutos e define as constelações de estatutos ou personalidades sociais que um indivíduo com aquela identidade pode assumir.<sup>195</sup>

Para a comunidade negra da Solidez, o coral da Manuel do Rego trouxe vantagens econômicas e sociais e, por isso, eles não querem de forma alguma juntar as duas congregações. A congregação deu mais visibilidade para o grupo, que foi percebido por eles e pelos outros como grupo étnico.

A idéia de identidade contrastiva, tão enfatizada no segundo capítulo, pode ser usada novamente neste contexto, pois os negros, ao se manterem separados na Congregação Manuel do Rego e reforçando o coral somente com negros, mostram que querem conservar a diferença, o contraste, assim se mantêm como grupo étnico.

Além disso, pertencer à congregação, mesmo antes da associação, já trazia vantagens socialmente reconhecidas. Em algumas entrevistas, principalmente, com homens negros mais idosos, ouvi dizerem que não tinham vícios, graças a Deus e à Igreja, pois esta os teria mantido no caminho do bem e da honra. Essas falas me remetem à idéia de Norbert Elias, já citado no segundo capítulo, de que é mais fácil aceitar-se como grupo inferiorizado que lutar por espaço e provocar conflitos. Na luta diária pela sobrevivência, algumas vezes, foi mais fácil para os “negros” se manterem numa situação de inferioridade, mas pertencer à igreja que os fazia ascender naquela comunidade, pois a igreja os transformava em “homens de bem”.

Um dos conflitos entre “alemães” e “brasileiros” era que os alemães chamavam os “brasileiros” de “relaxados”, já que estes não se preocupavam com o trabalho, que era realizado por outros, a indiferença com a escola dos filhos, mas, principalmente, porque não eram sócios de nenhuma Igreja. Desta forma, faz sentido a aproximação de negros e alemães na Solidez, já que compartilham os mesmos espaços de lazer, trabalho e ainda têm a mesma religião.

---

<sup>195</sup> BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. IN: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998, p. 198.

Aproximação de pomeranos e negros pode estar associada à identidade dos pomeranos construída a partir da servidão, e dos negros a partir da escravidão. Os dois grupos procuravam superar as dificuldades.

A associação de quilombolas está dando visibilidade a uma imagem de identidade positiva agora, mas que já vinha sendo construída a partir da idéia de pertencimento ao coral e ao protestantismo, que promovia a imagem de “homem de bem”.

Como neste trabalho analiso as identidades a partir da contrastividade, no decorrer das entrevistas foi possível observar mais frases pejorativas dos “negros” em relação aos “alemães” do que o contrário. Foram muito mais freqüentes os “alemães” usarem frases pejorativas em relação aos descendentes lusos do que aos “negros”. Isto me fez refletir que as leis brasileiras talvez influenciem esses discursos. Sabe-se, pelo senso comum, que a prática de racismo é “crime” no Brasil. Embora a maioria das pessoas desconheça a lei, que regulamenta isso, muitos têm medo. É difícil encontrar um “branco” falando mal de um “negro” em público ou usando frases pejorativas. Mas o que não quer dizer que não exista “preconceito”, já que é comum ouvir as pessoas fazendo piadas de mau gosto em relação aos “negros”. Segundo Luis Francisco Barbosa, “a condenação criminal definitiva, isto é, que não caiba mais qualquer recurso, por força do Código Penal, Artigo 91, I, tem como seu efeito ‘tornar certa a obrigação de indenizar o dano causado pelo crime’”.<sup>196</sup>

Num conjunto de relações interétnicas, é possível que surja, como diz Roberto C. de Oliveira, “uma cultura do contato”. Para ele,

num sistema interétnico é natural que emerja o que poderia chamar de “cultura do contato” – expressão que preferimos em lugar do consagrado “sistema intercultural”, uma vez que se costuma representar uma amálgama, uma mistura genérica de coisas diversas, indeterminada, muitas vezes descrito como uma resultante de ganhos e perdas (aculturação) entre sistemas culturais em conjunção. É no interior de uma determinada “cultura de contato” que podemos nos propor a buscar soluções para problemas de caráter geral, como o grau de sistematização e consistência entre diferentes valores que coexistem numa cultura, tanto quanto questões mais específicas como o padrão de coerência entre o sistema de valores e os mecanismos de identificação étnica. Sendo as categorias étnicas componentes de um sistema ideológico, estão carregadas de valor; e os valores são empíricos, passíveis de serem

---

<sup>196</sup> BARBOSA, Luis Francisco Corrêa. Igualdade e racismo no Brasil. In: ASSUMPCÃO, Eusébio; MAESTRI, Mário (org.). *Nós, os afro-gaúchos*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996, p. 35.

descobertos, “pois não construções do analista mas sim de pontos de vista dos próprios agentes”.<sup>197</sup>

O contato entre “negros” e “pomeranos” pode ter criado uma “cultura do contato” a partir de representações e valores que os grupos articulam para classificarem a si mesmos e aos outros. Nos processos de construções identitárias, os grupos se articulam de maneira a mostrar as diferenças que têm de outros grupos, no entanto, essas diferenças não necessariamente são objetivas, pois segundo Pierre Bourdieu, “o mundo social é também representação e vontade; existir socialmente é também ser percebido, aliás percebido como distinto”.<sup>198</sup>

---

<sup>197</sup> OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976, p. 21.

<sup>198</sup> BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 112.

## 5- Considerações finais

Neste trabalho, procurei analisar conflitos étnicos na construção de identidades envolvendo imigrantes alemães e seus descendentes, pomeranos e seus descendentes e afro-brasileiros. Durante a análise, consegui perceber que as identidades são construídas a partir da contrastividade, por isso os grupos usam termos pejorativos para representarem os “outros”, e assim reforçam um objetivo positivo para si e para o próprio grupo.

Um dos objetivos desta pesquisa era recuperar a história de colonos “alemães” através do eixo memória-identidade, com informações coletadas através da pesquisa bibliográfica e em entrevistas realizadas. Com a metodologia de História Oral foi possível perceber que a memória da imigração é agente no processo de construção de processos identitários desses imigrantes. O ideal do pioneiro, as dificuldades de travessia no Oceano Atlântico, a conquista da terra e as dificuldades de adaptação estão presentes nas memórias familiares, no entanto as pessoas têm dificuldades em rememorar as trajetórias dos antepassados ainda na Europa. É como se a história familiar tivesse começado, logo ali, em São Lourenço do Sul. Parecem ter criado uma identidade heróica para seus antepassados e reinventaram uma Alemanha que é referencial identitário tanto para os “alemães” quanto para os “pomberanos”. Grupos que durante a imigração tinham culturas diferentes no Brasil vão tentar construir uma identidade germânica homogênea. A escola e a igreja, de certa forma, podem ter influenciado a preservação da germanidade, mesmo que esta não tenha sido a razão principal. Além dos grupos envolvidos, os intelectuais também parecem ter sido agentes formadores dessas identidades. Romances, por exemplo, foram escritos ressaltando as trajetórias, as dificuldades e os preconceitos em relação aos imigrantes.

Ao retomar a relação identidade-etnicidade a partir dos conflitos e das imposições pelas quais os “alemães” passaram entre 1937 e 1950, foi possível observar que os entrevistados escolhem as memórias a serem lembradas, assim como escolhem as que devem ser esquecidas. Os momentos traumáticos, embora agentes formadores de identidades, precisam ser esquecidos pela própria manutenção do grupo. Os entrevistados, muitas vezes, reforçaram que os atos de violência aconteceram a outras pessoas, e nunca com as suas famílias, principalmente, porque “seu pai era bem visto na comunidade”. Mas as violências sofridas pelo grupo “alemães” durante o Estado Novo

podem ter influenciado no “isolamento” cultural, pois o “medo” dos “brasileiros” parece tê-los eito se retrair ainda mais. Embora alguns autores priorizem o isolamento como agente de manutenção da germanidade, penso que talvez esse isolamento também acontecesse com outros grupos que viviam em comunidades rurais, ao longo do século XIX e até meados do século XX, já que as dificuldades de comunicação e transporte eram comuns a quase todos os camponeses. Desta maneira, penso que, para construir uma identidade pelo contraste, é necessário que exista contato com outros grupos.

As identidades dos grupos vão sendo construídas a partir das relações com outros grupos, implicando, em alguns momentos, afastamentos ou aproximações. Por isso, quando se olha de fora, se enxerga um grupo identitário, “os alemães”, mas, se houver uma maior aproximação, percebe-se a diferenciação “alemão legítimo” e “pomerano”. Nessas construções, os indivíduos utilizam-se do contraste para afirmar suas identidades e se diferenciar do outro grupo.

Nas relações entre os grupos étnicos, houve momentos de proximidades e afastamentos entre os grupos. A Igreja afastou os grupos, no início do século XX, pois tiveram de criar duas congregações, porque em uma só não foi possível o espaço de convivência, já que as relações eram hierarquizadas. Embora “pomeranos” e “negros” compartilhassem algumas dificuldades econômicas e de inserção social, os grupos precisavam de afirmação dentro do contexto luso. As relações eram hierarquizadas, o negro e o brasileiro eram vistos como “inferiores” aos “alemães”. Se visto no contexto maior, mas no interior do grupo, o “pomerano” também era inferiorizado. Mas nem o negro nem o brasileiro viam o “alemão” ou “pomerano” como superiores. O “pomerano” é colocado e se coloca numa relação de inferioridade em relação ao “alemão legítimo”. Quando questionados se colocam no mesmo quadro social, dizendo que todos são “alemães”.

Hoje, existem algumas pessoas procurando afirmar uma identidade “pomerana”, separada da “alemã”, mas mesmo as pessoas que tentam fazer isso, por ora, falam nos “pomeranos” como “alemães”, mostrando que a idéia da germanidade dos “pomeranos” está engendrada na cultura local.

Os entrevistados reforçam que em locais de trabalho e de lazer mantiveram relações com “brasileiros” e “negros”. Algumas vezes, também falavam de relações conflituosas, mas em outros momentos reforçam as relações de amizade. Esses contatos, em alguns momentos, necessitavam de proximidades e, em outros, de afastamentos. Nas relações de amizade e de trabalho, podem ter tido uma maior proximidade, no entanto nas relações afetivas existe uma certa resistência dos mais velhos em aceitar namoros e casamentos interétnicos. Talvez essa resistência seja uma maneira de manter o grupo étnico, pois a “mistura” poderá mudar as características físicas e culturais do grupo.

As relações entre os grupos parecem ser menos conflituosas nos espaços do trabalho. Ao observar a comunidade da Solidez, tanto “negros” quanto “alemães” parecem ter uma cultura do trabalho, que tanto pode estar associada à imigração e/ou ainda à ética protestante vinculada ao luteranismo, já que ambos os grupos são luteranos.

Criaram-se representações que indicam que os “alemães” trouxeram desenvolvimento econômico para a região, mas até agora ninguém analisou quantitativamente se “eles” têm realmente o poder econômico na região. Além disso, nessas falas não estão levando em consideração a organização dos moradores das áreas rurais em associações, pois, através das associações, os moradores do município têm conseguido investimentos para a região. O desenvolvimento econômico pode estar associado à busca de recursos financeiros e até à formação técnica, tanto na agricultura. Como na pecuária e na pequena indústria familiar, pelos grupos organizados.

As identidades dos grupos parecem estar sendo forjadas no contexto familiar e religioso, pois as memórias familiares interferem nas memórias dos grupos, que fortalecem os laços através do contato na Igreja. As instituições religiosas servem como redes de solidariedade e reforçam laços de amizade, e muitas vezes resultam em associações de moradores. Deste contexto, surgiu a associação de quilombolas Manuel do Rego.

Na região influenciada pela cultura da imigração e pela ética protestante, construiu-se uma cultura de valorização do trabalho e que de alguma forma influenciou as relações de amizade e a construção dos processos identitários desses grupos.

A partir do contato entre os grupos, parecem estar construindo uma cultura do contato, onde há trocas de valores, tradições culturais, tanto de germânicos quanto de negros. E assim, quanto mais globalizado o mundo se torna, mais se fortalecem identidades regionais e locais. Neste contexto, exemplifico a construção das identidades “pomeranas” e “quilombolas”. Na construção da identidade “quilombola”, parece ter sido complicado para os envolvidos assumirem a identidade de “negro”, pois este termo, anteriormente, era relacionado ao estigma da escravidão, e usado por muitos no sentido pejorativo. Por isso, as pessoas, ao longo de suas trajetórias, foram assumindo identidades de “morenos”, expressão que dava mais status e respeito, e parecia estar associada à liberdade. Foi preciso romper com certos paradigmas para construir uma nova identidade que traria ganhos sociais e econômicos.

Embora outros grupos de “negros” já tenham assumido uma identidade de valorização da cultura afro-brasileira há mais tempo que a Associação de Quilombolas Manuel do Rego, eles estão

construindo uma identidade afirmativa recente. Neste contexto de construções identitárias, cada grupo tem seu tempo, seu espaço, e articula suas relações sociais da forma que melhor convier ao grupo.

A proximidade entre “negros” e “pomeranos” pode ser resultado de trajetórias de dificuldades e aceitação semelhantes (respeitadas aqui as especificidades de cada grupo), pois os grupos tiveram histórias que os aproximaram no trabalho e nas relações de amizade. Mas também houve momentos em que o afastamento foi necessário, como na igreja, no início do século XX, e nas relações afetivas. Hoje, este cenário parece estar em transformação, já que existe uma proximidade maior entre as congregações. E exemplo disso é a participação de homens negros no coral masculino da Congregação Redentora, que antes só aceitava “alemães”, e ainda os casamentos interétnicos já estarem acontecendo na localidade.

Assim como o trabalho, a igreja e os jogos de futebol são os espaços em que “alemães”, “negros”, “pomeranos” e “brasileiros” convivem melhor com as diferenças, e que estão possibilitando os casamentos interétnicos, mesmo que ainda com alguma resistência dos mais idosos, mas com melhor aceitação das famílias e da comunidade.

Nas relações entre grupos étnicos não existem regras, pois os indivíduos reagem de formas diferentes, mesmo que influenciados por seus grupos familiar, social ou étnico.

Reconheço que nesta pesquisa algumas outras questões importantes poderiam ter sido abordadas, como as histórias de ocupação da localidade por alemães e negros, mas como não era o objetivo inicial, não me detive nessas questões, ainda que hoje me parece que teriam sido bem pertinentes. Também poderiam ter sido exploradas as relações dos negros da Solidez com as religiões afro-brasileiras, mas só fui me dar conta desses questionamentos no final do processo, quando já estava escrevendo, e não tinha mais tempo de voltar ao trabalho de campo.

Não creio que esta pesquisa possa ser considerada concluída, mas espero que tenha levantado alguns questionamentos para possíveis interpretações e pesquisas futuras sobre as relações interétnicas no Brasil.



## Referências

- ABREU, Capistrano. *Capítulos de História Colonial, 1500-1800 & Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil*, 5ª edição revista, prefaciada e anotada por José Honório Rodrigues. Editora Brasiliense: Brasília, 1963.
- ARIÉS, Philippe.; CERTEAU, Michael.; LE GOFF, Jacques.; LE ROY LADURI, E.; VEYNE, Paul. *A nova historia*. Ed. 70, Lisboa, 1983.
- AUGÉ, Marc. *Não lugares: introdução a uma Antropologia da supermodernidade*. Campinas, SP: Papyrus, 1994
- BACZKO, Bronislaw. *A imaginação social*. In: Enciclopédia Einaudi, Anthopos, Vol. 5, 1982
- BARBOSA, Luiz Francisco Corrêa. Igualdade e racismo no Brasil: resenha legislativa. In: ASSUMPCÃO, Euzébio; MAESTRI, Mário. *Nós, os afro-gaúchos*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1996, p. 125.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Rio de Janeiro, Edições 70, 1977, p.106.
- BARTH, Friedrich. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT STREIFF-FENART, J. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: ed. da UNESP, 1998.
- BAUMAM, Zygmunt. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- BAUMAN, Zigmunt. *Identidade*. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 2005.
- BENTO, Cláudio Moreira. *Canguçu reencontro com a história: um exemplo de reconstituição de memória comunitária*. Porto Alegre, IEL, 1983.
- BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1990
- BERNARDELLI, Maria Lúcia Falconi da Hora. Contribuição ao debate sobre o urbano e rural. In: SPOSETO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon. *Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

- BERND, Zilá; BAKOS, Margaret. *O Negro: consciência e trabalho*. Porto alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1991.
- BIERSACK, Aletta. Saber local, história local: Geertz e além. In: HUNT, Lynn. *Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BOM MEIHY, José. Carlos. S. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 1988.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo: Editora da USP, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. Introdução a uma sociologia reflexiva. In: *O poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papiirus, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, J. C. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1982.
- BURKE, Peter. *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1992.
- CALVINO, Ítalo. A palavra escrita e a não escrita. In: FERREIRA, Marieta.M. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, 1996.
- CATROGA, Fernando. *Memória, História e Historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001.
- CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa. Difusão Editorial, 1988.
- CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. In: Estudos avançados n.º 11.
- COARACY, Vivaldo. *A colônia de São Lourenço e seu fundador Jacob Rheingantz*. São Paulo: Oficinas Gráficas Saraiva, 1957.
- CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Imigrantes em Porto Alegre: construção da italianidade. In: QUEVEDO, J. (org.) *Rio Grande do Sul: quatro séculos de História*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1999.
- CONSTANTINO, Núncia Santoro de. *O italiano da esquina: imigrantes na sociedade porto-alegrense*. Porto Alegre: EST, 1991.
- CUNHA, Jorge L. O Rio grande do Sul e a Colonização Alemã entre 1824 e 1830. In: QUEVEDO, Júlio. (org.) *Rio Grande do Sul: quatro séculos de História*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1999.

- DA MATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- DARNTON, Robert. *O Grande Massacre de Gatos e outros episódios da História Cultural Francesa*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1986.
- DHEHER, Martin. *Igreja e Germanidade*. São Leopoldo: SINODAL, 1984.
- ELIAS, Norbert. & SCOTSON, J. *Os estabelecidos e os outsiders*. Sociologia das relações de poder a partir da pesquisa de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- ELIAS, Norbert. *Sobre o Tempo*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1998.
- FACHEL, José P. G. *As violências contra os alemães e seus descendentes, durante a Segunda Guerra Mundial, em Pelotas e São Lourenço do Sul*. Pelotas: Editora e Gráfica da UFPEL, 2002
- FACHEL, José P. G. *Revolução Farroupilha*. Pelotas: EGUFPEL, 2002.
- FELDMAN-BIANCO, Bela. *(Re) construindo a saudade portuguesa em vídeo: histórias orais, artefatos visuais e a tradução de códigos culturais na pesquisa etnográfica*. Campinas: ED. UNICAMP,
- FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: um inventário das diferenças. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. (org.) *Entrevistas e abordagens da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994.
- FIORI, Neide. A.(org.) *Etnia e educação: a escola "alemã" do Brasil e estudos congêneres*. Florianópolis: Ed. da UFSC; Tubarão: Ed. Unisul, 2003.
- FORTUNA, Carlos & outros. Os novos espaços públicos: identidades práticas culturais. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*- n.º 54. Coimbra: jun. 1999, p. 137-170.
- FRANÇOIS, E. A fecundidade da história oral. In: FERREIRA, M. M.. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996.
- FREITAS, Décio. *O escravismo brasileiro*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.
- GAUER, Ruth M. Chittó. *Tempo/História*. Porto Alegre. EDIPUCRS, 1998.
- GEERTZ, Clifford. *Interpretações da Cultura*. Rio de Janeiro. ZAHAR ED. 1978.
- GERTZ, René. E. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Ed. da Universidade UFRGS, 1991.
- GERTZ, René. *O Estado Novo no Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: Editora da UPF, 2005.

- GERTZ, René. *Os luteranos no Brasil*. Revista de História Regional 6(2): 9-33, Inverno 2001.
- GERTZ, René (org.). *Karl von Koseritz. Seleção de Textos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- GERTZ, René. *O aviador e o carroceiro*. Política, etnia e religião no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- GERTZ, René. *O Fascismo no sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- GINSBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Cia das Letras, 1987.
- GOFFMAN, Erning. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1989.
- GOMES, Flávio dos Santos. *História de quilombolas: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro, século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GOMES, Flávio. História e historiografia da escravidão no Brasil: identidades, caminhos e percursos. In: *Educação - Africanidades – Brasil*. Brasília: MEC, 2006.
- GOMES, Flávio. Quilombos e mocambos: camponeses e a experiência do protesto coletivo no Brasil escravista. In: *Educação - Africanidades – Brasil*. Brasília: MEC, 2006.
- GUIMARÃES, Josué. *A Ferro e Fogo: Tempo de Solidão I*. Porto Alegre: L&PM, 1997.
- GUIMARÃES, Josué. *A Ferro e Fogo: Tempo de Guerra II*. Porto Alegre: L&PM, 1995.
- GUTKENECHT, Maria Cristina Riemer. *Episódios hostis contra alemães e seus descendentes, ocorridos em Canguçu, durante a Segunda Guerra Mundial*. Pelotas; monografia do curso de graduação em História/UFPEL
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro Editora, 2004
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz da(org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 103-133.
- HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- HALLAL DOS ANJOS, Marcos. *Estrangeiros e Modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do Século XIX*. Ed. e Gráfica Universitária/UFPEL. Pelotas, 2000.
- HOBSBAWM, Eric. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997:9-24; 175-218.

- HUTTER, Lucy. M. ; NOGUEIRA, Arlinda. R. *A colonização em São Pedro do Rio Grande do Sul, durante o Império (1824-1889)*. Porto Alegre: Garatuja, 1975.
- KLIEMANN, Luiza. H. S. *RS: Terra & Poder*. História da questão agrária. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1986.
- LAJOLO, Marisa. Literatura e história da literatura: senhoras muito intrigantes. In: MALARD, Letícia et aliii. *Histórias da literatura: ensaios*. Campinas: Editora Unicamp, 1994.
- LANDO, Aldair Marli; BARROS, Eliane Cruxêm. Capitalismo e colonização: os alemães no Rio Grande do Sul. In: DACANAL, J. H.; GONZAGA, S. (org.) *RS: migração e colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.
- LANDO, Aldair Marli; BARROS, Eliane Cruxêm. *A colonização alemã no Rio Grande do Sul: uma interpretação sociológica*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1976.
- Lar Cristão – anuário editado pela Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Porto Alegre: Casa publicadora Concórdia S.A. ano XXVII, 1966
- LAYTANO, Dante de. O negro no Rio Grande do Sul. In: *Estudos Ibero-americanos*. PUCRS. Porto Alegre, v. XXI, nº 1 (p. 120/160)
- LE GOFF, Jacques. *Reflexões sobre a História*. Ed. 70: Lisboa, 1986
- LEENHARDT, Jacques. O Retrato de Rodrigo Cambará. In: PESAVENTO, Sandra (org.). *Leituras cruzadas: diálogos da história com a literatura*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.
- LEITE, Ilka Boaventura Quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas) pesquisa realizada no site UFSC no dia 7/09/07.
- LONER, Beatriz Ana. Associações negras. In: LONER, Beatriz Ana. *Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)*. Pelotas: Editora e gráfica universitária – UFPEL, 2001, p.243.
- LOWENTAL, David. Como conhecemos o passado. In: *Projeto História 17*, PUCSP: São Paulo, nov. 1998
- LUCA, Tania Regina. Representações do trabalho. In: *Negros brasileiros*. Ciência Hoje. Rio de Janeiro. Suplemento vol. 8 nº48
- LUCENA, Célia. Tempo e espaço nas imagens das lembranças. In: VON SIMSON, O. M. *Os desafios contemporâneos da história oral*. Campinas: Editora do Centro de Memória, 1997, p. 228.
- MAESTRI, Mário. *O escravo no Rio Grande do Sul: trabalho, resistência e sociedade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

- MENDES, José M. O. O desafio das identidades. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *A globalização e as Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 503-540.
- MERLEAU-PONTY. *O olho e o espírito*. Lisboa: Grafilarte, 1997
- MOOG, Clodomir Vianna. *Bandeirantes e pioneiros: paralelo entre duas culturas*. Globo: Porto Alegre, 1973.
- MOOG, Vianna. *Um rio que imita o Reno*. Porto Alegre: Globo, 1978 (8ª ed.) 1939.
- MORAES, R. *Análise de conteúdo*. EDUCAÇÃO, Porto Alegre: Faculdade de Educação-PUCRS/Curso de Pós-graduação, Ano XXI, nº 37, março de 1999.
- MOREIRA, Carlos Eduardo ...[et al]. *Cidades negras: africanos, crioulos e espaços urbanos no Brasil escravista do século XIX*. São Paulo: Alameda, 2006.
- MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. *Os cativos e os Homens de bem: experiências negras no espaço urbano. Porto Alegre 1858 – 1888*. Porto Alegre: EST Edições, 2003
- MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Sintra Publicações Europa-América (1982). 1990
- OLIVEIRA, Roberto. C. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.
- OLIVEIRA, Roberto. C. *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo 15, 1998.
- ORO, Ari Pedro. Religiões Afro-brasileiras do Rio Grande do Sul: passado e presente. In: *Estudos Afro-asiáticos*, Ano 24, nº 2, 2002, 348.
- ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- ORTIZ, Renato.. (ORG.) *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1994. Coleção Grandes Cientistas.
- PAIVA, César. Escolas de língua alemã no Rio Grande do Sul: o nazismo e a política de nacionalização. In: FIORI, Neide. *Etnia e educação: a escola “alemã” do Brasil e estudos congêneres*. Florianópolis: Editora da UFSC; Tubarão: Editora Unisul, 2003, p. 106/107.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Izaura. Relatos orais: do indizível ao dizível. In: VON SIMSON, O. M. *Experimentos com história de vida*. São Paulo: Vértice, 1988.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Emergência dos subalternos*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS: FAPERGS, 1989.

- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- PICCOLO, Helga. Eles (também) foram produtores de conhecimento histórico. In: GERTZ, R. E; FISCHER, Luís A. *Nós, os teutos-gaúchos*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998. (p. 117-182).
- PIERUCCI, Antônio Flávio. *Ciladas da Diferença*. São Paulo: curso de Pós-graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo/Ed. 34, 1999.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol 2, n.3, 1989, p. 8
- PRIGOGINE, Ilya. *O fim das certezas*. O tempo Caos e as Leis da Natureza. São Paulo. UNESP, 1996.
- RADLEY, A. *Artefactos, memória y sentido del pasado*. MIDDLETON, D.; EDWARDS, D. Memória compartilhada: la natureza social del Recuerdo y del olvido. Buenos Aires: Piados, 1992.
- RAMBO, Arthur. A trajetória da integração do imigrante alemão. In: GERTZ, R. E; FISCHER, Luís. *Nós, os teutos-gaúchos*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1998.
- RANZI, Serlei Maria Fischer. Religião e identificação étnica. In: *Revista de Estudos Ibero-americanos*. PUCRS, v. XXIV, nº 1, julho de 2000 (p. 247/260), p. 252.
- REICHEL, Heloísa J. *A indústria têxtil do Rio Grande do Sul, 1910 a 1930*. Porto Alegre, IEL/Mercado Aberto, 1978.
- REIS, José.C. Anos 1900: Capistrano de Abreu. O surgimento de um povo novo: o brasileiro. In: REIS, José.C. *As identidades do Brasil: de Varnhagem a FHC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003.
- RICOEUR, Paul. *La lectura del tempo pasado: memória y olvido*. Madrid: Arrecife Producciones, 1999: 31-70.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papyrus, 1994.
- RIETH, Flávia. *A iniciação sexual na juventude de mulheres e homens*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 8, n. 17, junho de 2002
- ROCHE, Jean. *A colonização Alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Editora Globo, 1969.
- ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

- RUIZ, Beatriz Hilda Grand (org.). *El tiempo en la Edad Moderna*. Buenos Aires, Clesidra, 1987. Merleau-Ponty. p. 47
- SAHLINS, Marshal. *Ilhas de História*. Outras épocas, outros costumes: a antropologia da história. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 1997.
- SALAMONI, Giancarla; ACEVEDO, Hilda Costa, e ESTRELA, Lúcia Costa. (org.) *Valores culturais da família de origem pomerana no Rio Grande do Sul- Pelotas e São Lourenço do Sul*. Editora Universitária UFPEL, Pelotas:1996.
- SAYAD, Abdelmalek. *A imigração*. São Paulo: Editora da USP, 1998, p. 54/55
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Modernidade, identidade e cultura de Fronteira. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*- n.º 38. Coimbra, Dez 1993, p. 11-39.
- SCHRÖDER, Ferdinand. *A imigração alemã para o sul do Brasil*. São Leopoldo, Editora da Unisinos, co-edição com EDIPUCRS:2003, 2ª edição.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Entre amigas: relações de boa vizinhança*. Revista da USP. São Paulo, (23) set/nov. 1994:68-75
- SCHREINER, Rente. *Entre ficção e realidade: a imagem do imigrante alemão na Literatura do Rio Grande do Sul*. Lajeado, Santa Cruz: FATES, UNISC, 1996,
- SCOTTI, Zelinda Rosa. *Loucas mulheres alemãs: a loucura visitada no hospício São Pedro (1900-1925)*. Dissertação de mestrado. PUCRS, 2002.
- SEYFERTH, G. *A assimilação dos imigrantes como questão nacional*. Mana. Vol.3. Rio de Janeiro, abril de 1997.
- SEYFERTH, G. *Etnicidade, política e ascensão social: um exemplo teuto-brasileiro*. Mana. Vol. 5, n.º 2. Rio de Janeiro, out. de 1999.
- SEYFERTH, G. Pluralismo, Etnia e Representação Política. In: PALMEIRA, M.; GOLDMAN, M. (org.) *Antropologia, voto e representação política*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1996.
- SEYFERTH, Giralda. A conflituosa história da formação da etnicidade teuto-brasileira. In: FIORI, Neide. *Etnia e educação: a escola "alemã" do Brasil e estudos congêneres*. Florianópolis: Editora da UFSC; Tubarão: Editora Unisul, 2003.
- SILVA, Haike Roselane Kleber da. *Entre o amor ao Brasil e o modo de ser alemão*. São Leopoldo: Oikos, 2006.



SILVA, Regina Helena Alves da. A construção da memória e as lembranças de moradores. In: SIMSON, Olga Rodríguez de Moraes Von. *Os desafios contemporâneos da História Oral*. Campinas, CMU/UNICAMP, 1997, p. 249/250.

TÉTART, Philippe, *Pequena História dos historiadores*. Bauru:EDUSC, 2000.

TOURAINÉ, A. *O retorno do Actor: ensaio sobre sociologia*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

VERISSIMO, Érico. Um certo capitão Rodrigo. In: VERISSIMO, Érico. *O continente*. São Paulo: Globo, 1997, p.170.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a História*. Lisboa, ed. 70:1987

VON SIMSON, Olga. M. *Os desafios contemporâneos da história oral*. Campinas: Editora do Centro de Memória, 1997.

WEBER, Max. Relações comunitárias étnicas. In: WEBER, M. *Economia e Sociedade*. Volume 1. 4ª ed. Brasília: Ed. UNB, 2000.

WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo. Livraria Pioneira Editora.1967.

WEBER, Regina. Memórias e estudos sobre a condição de descendente de imigrantes alemães. In: GERTZ, R. E; FISCHER, Luís A. *Nós, os teutos-gaúchos*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS,1998. (p. 117-182).

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz T. da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000

WOORTMANN, Ellen F. *Herdeiros, parentes e compadres: colonos do sul e sitiantes do nordeste*. São Paulo: HUCITEC, EDUNB, 1995.

WOORTMANN, Ellen F. Identidades e memória entre teuto-brasileiros: os dois lados do Atlântico. In: *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre: PPGAS, 2000.

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

G635m Gonçalves, Dilza Pôrto

A memória na construção de identidades étnicas: um estudo sobre as relações entre “alemães” e “negros” em Canguçu / Dilza Pôrto Gonçalves – Porto Alegre, 2008.

145 f.

Diss. (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Mestrado em História. PUCRS, 2008.

Orientação: Prof. Dr. René Gertz.

1. História Oral. 2. Etnia. 3. Identidade. I. Título.

CDD 981.65

### **Bibliotecário Responsável**

Ginamara Lima Jacques Pinto  
CRB 10/1204